



SemiEdu 2025
VII ENCONTRO DE EDUCAÇÃO
ESCOLAR QUILOMBOLA

Confluências entre saberes
quilombolas, indígenas, camponeses
e acadêmicos na construção de
educações decoloniais

ANAIS - VII ENCONTRO DE EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA-2025

ORGANIZAÇÃO

ISSN 2764 - 5894



ESCOLAS ESTADUAIS QUILOMBOLAS
DE MT

E.E.Q. VERENA LEITE DE BRITO
E.E.Q. TEREZA CONCEIÇÃO ARRUDA
E.E.Q. MARIA DE ARRUDA MULLER
E.E.Q. REUNIDAS DE CACHOEIRA RICA
E.E.Q. JOSÉ MARIANO BENTO

EXPEDIENTE

Comissão Organizadora

Profª Dra. Suely Dulce de Castilho – GEPEQ/UFMT – Coordenadora do evento;

Profª Dra. Bruna Maria de Oliveira – GEPEQ/UFMT – Comissão organizadora;

Profª Dra. Luciana Gonçalves de Lima – GEPEQ/UFMT – Comissão organizadora;

Prof. Dr. Márcio Henrique de Freitas Cavichioli – GEPEQ/UFMT – Comissão organizadora;

Prof. Me. Bruno Gonçalves dos Santos – GEPEQ/UFMT – Comissão organizadora;

Profª Ma. Cira Alves Martins - GEPEQ/UFMT– Comissão organizadora;

Prof. Me. João Almeida dos Santos – GEPEQ/UFMT – Comissão organizadora;

Prof. Me. Joacelmo Barbosa Borges – GEPEQ/UFMT – Comissão organizadora;

Profª Ma. Marileide do Carmo Amorim Arruda – GEPEQ/UFMT – Comissão organizadora;

Profª Ma. Soenil Clarinda Sales – GEPEQ/UFMT – Comissão organizadora;

Prof. Me. Wagner Mõnantha Sousa Morais – GEPEQ/UFMT – Comissão organizadora;

Prof. Davi Sousa Silva – GEPEQ/UFMT – Comissão organizadora;

Escola Estadual Quilombola Reunidas Cachoeira Rica – Comissão organizadora;

Escola Estadual Quilombola Maria de Arruda Muller – Comissão organizadora;

Escola Estadual Quilombola Verena Leite de Brito – Comissão organizadora;

Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição Arruda – Comissão organizadora;

Escola Estadual do Campo Dom Francisco de Aquino Correa – Comissão organizadora;

Escola Estadual do Campo Antônio Garcia - Comissão organizadora;

Escola Municipal Nossa Senhora Aparecida do Chumbo - (Quilombo do Chumbo/Poconé-MT) -
Comissão organizadora;

Escola Municipal Antônio Maria de Almeida - (Quilombo São Benedito/Poconé-MT) - Comissão
organizadora;

Comissão Científica - Avaliadores e Pareceristas

Profª Dra. Suely Dulce de Castilho – GEPEQ/UFMT

Profª Dra. Bruna Maria de Oliveira – GEPEQ/UFMT

Profª Dra. Francisca Edilza Barbosa de Andrade Carvalho – GEPEQ/UFMT

Profª Dra. Luciana Gonçalves de Lima – GEPEQ/UFMT

Prof. Dr. Márcio Henrique de Freitas Cavichioli – GEPEQ/UFMT

Prof. Me. Bruno Gonçalves dos Santos – GEPEQ/UFMT

Profª Ma. Cira Alves Martins - GEPEQ/UFMT

Prof. Me. João Almeida dos Santos – GEPEQ/UFMT

Prof. Me. Joacelmo Barbosa Borges – GEPEQ/UFMT

Profª Ma. Marileide do Carmo Amorim Arruda – GEPEQ/UFMT

Profª Ma. Soenil Clarinda Sales – GEPEQ/UFMT

Prof. Me. Wagner Mõnantha Sousa Morais – GEPEQ/UFMT

Coordenadores de GT

Profª Dra. Luciana Gonçalves de Lima – GEPEQ/UFMT

Profª Dra. Tatiane de Oliveira – IFMT/CUIABÁ

Profª Ma. Adriany de Arruda Abreu – GEPEQ/UFMT

Prof. Me. Bruno Gonçalves dos Santos – GEPEQ/UFMT

Profª Ma. Cira Alves Martins - GEPEQ/UFMT

Profª Ma. Dejenana Keila Oliveira Campos – IFMT/CUIABÁ

Prof. Me. João Almeida dos Santos – GEPEQ/UFMT

Profª Ma. Júnia Auxiliadora Santana Trevisan – GEPEQ/UFMT

Profª Ma. Maria Helena Tavares Dias – GEPEQ/UFMT

Profª Ma. Marileide do Carmo Amorim Arruda – GEPEQ/UFMT

Profª Ma. Nirda Rosa de Oliveira - ECCO/UFMT

Profª Ma. Samara Pereira de Souza – GEPEQ/UFMT

Prof. Me. Wellerson Davi dos Santos Deniz – GEPEQ/UFMT

Prof. Esp. Éder Arilson de Amorim – GEPEQ/UFMT

Autor Corporativo

Instituto de Educação - Programa de Pós-graduação em Educação (IE/PPGE /UFMT), Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Quilombola (GEPEQ/PPGE/IE/UFMT). Av. Fernando Corrêa da Costa, nº 2367 – Boa Esperança – 78060-900 – Cuiabá – MT. E-mails do GEPEQ: gepequfmt@gmail.com ou gepeq@ufmt.br

Periodicidade da publicação: Anual.

Idioma: Português.

Editores: Marileide do Carmo Amorim Arruda e João Almeida dos Santos - Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Quilombola (GEPEQ/UFMT) Av. Fernando Corrêa da Costa, nº 2367 – Boa Esperança – 78060-900 – Cuiabá – MT. E-mails do GEPEQ: gepequfmt@gmail.com ou gepeq@ufmt.br

GRUPO DE TRABALHOS - 2025

GT 1 - CIÊNCIAS E SABERES QUILOMBOLA

GT 2-ETNOLINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

GT 3- ETNOCIÊNCIAS DA NATUREZA E SUAS TECNOLOGIAS

GT 4-ETNOMATEMÁTICA E SUAS TECNOLOGIAS

GT 5-ETNOCIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS

GT 6-ETNOLETRAMENTO

GT 7-POLÍTICAS PÚBLICAS PARA OS POVOS QUILOMBOLA

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	9
GT 1 CIÊNCIAS E SABERES QUILOMBOLA	15
ORGANIZAÇÃO	15
ALFABETIZANDO POR MEIO DAS PLANTAS MEDICINAIS DE A a Z	16
BOLO DE ARROZ DO VÃO GRANDE.....	17
CICLO DE OFICINAS AFRO-QUILOMBOLAS: A DANÇA DO CHORADO COMO CENTRALIDADE CULTURAL NA EDUCAÇÃO QUILOMBOLA	18
CIÊNCIA E ANCESTRALIDADE: UM DIÁLOGO ENTRE OS SABERES QUILOMBOLAS E O USO DE PLANTAS MEDICINAIS	19
DE EXÚ PARA WIRACOCHA E HERMES: AXÉ.....	20
DIA Q: EVENTO CULTURAL ESCOLAR QUILOMBOLA.....	21
ENTRE ERVAS E SORRISOS: ETNOSSABERES QUILOMBOLAS E PRÁTICAS DE PREVENÇÃO Á SAÚDE BUCAL	22
ENTRE PLANTAS E SABERES: HORTA ESCOLAR COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM QUILOMBOLA	23
ETNOSSABERES E ETNOHISTÓRIA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES QUILOMBOLAS: EXPERIÊNCIAS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA LARANJAL.....	24
ETNOSSABERES EM MOVIMENTO: MATEMÁTICA, LINGUAGENS E A DANÇA DO CONGO	25
LICOR DE BABAÇU COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA INTERDISCIPLINAR.....	26
MAPA DA ORALIDADE: SABERES DO QUILOMBO DE TÓCOS	28
MEMÓRIA DE SILÊNCIO E RESISTÊNCIA: VOZES QUILOMBOLAS ENTRE GERAÇÕES....	29
MEMÓRIAS DA ESCOLA JOSÉ MARIANO BENTO E RESISTENCIA: A HISTÓRIA DO TERRITÓRIO VÃO GRANDE	30
O BABAÇU: UM RECURSO NATURAL VERSÁTIL NO CONTEXTO ESCOLAR QUILOMBOLA	31
O SISTEMA MULTISSERIADO NAS ESCOLAS QUILOMBOLAS	32
PRESERVAR O RIO JAUQUARA FORTALECENDO A ALMA QUILOMBOLA DO VÃO GRANDE	33
QUINTAIS DO QUILOMBO DE ABOLIÇÃO	34
REESCREVENDO HISTÓRIAS	35

RIO JAUQUARA: MERGULHO NA LINGUAGEM E CULTURA LOCAL.....	36
SABERES ANCESTRAIS E PARTICIPAÇÃO ATIVA POPULAR: A RESISTÊNCIA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA RIBEIRINHA FAMÍLIA OZÓRIO EM CORUMBÁ-MS	37
SABERES E SOBORES QUILOMBOLAS: A PAÇOCA DO BABAÇU COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA INTERDISCIPLINAR	38
SEMENTES DE RESISTÊNCIA: SABERES, MEMÓRIA E EDUCAÇÃO QUILOMBOLA NO TERRITÓRIO DE MATA CAVALO (MT)	40
TRADIÇÃO QUE ALIMENTA: O BISCOITO TRADICIONAL DA FESTA E OS SABORES DA CULTURA QUILOMBOLA VILABELENSE	41
TRANÇAS AFRICANAS NA ESCOLA: RAIZES QUE CONTAM HISTÓRIAS E ENTRELAÇAM NOSSA CULTURA.....	42
GT 2 ETNOLINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS	43
APRENDENDO EM SILÊNCIO: A DEFICIÊNCIA AUDITIVA E A EDUCAÇÃO	44
A RIQUEZA DA FALA QUILOMBOLA: IDENTIDADE E VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA A PARTIR DOS ETNOSSABERES.....	45
ARTE CONTEMPORÂNEA: A TRADUÇÃO DA RESISTÊNCIA NA IMAGEM DAS MULHERES NEGRAS	46
DÍALOGOS, DESAFIOS E PEI NA INCLUSÃO DE ESTUDANTES AUTISTAS: REVISÃO SISTEMÁTICA	47
DO QUINTAL À SALA DE AULA: BRINCADEIRAS TRADICIONAIS E O FORTALECIMENTO DA CULTURA QUILOMBOLA	48
ENTRE SABERES, SABORES E CULTURA: DESCOLONIZANDO O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COM PRÁTICAS DE ENSINO QUILOMBOLA	49
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA.....	50
RELATO DE AÇÕES DO PROJETO INTERDISCIPLINAR DANÇA DO SIRIRI NA ESCOLA ESTADUAL ANTÔNIO GARCIA-COMUNIDADE 120 POCONÉ/MT	51
TEXTOS INSTRUCIONAIS: INSTRUMENTO DE LETRAMENTO EM ESCOLA QUILOMBOLA	52
GT 3 ETNOCIÊNCIAS DA NATUREZA E SUAS TECNOLOGIAS	53
HORTA ESCOLAR: APRENDIZAGEM, SUSTENTABILIDADE E VALORIZAÇÃO DO TRABALHO NO CAMPO	54
O LICOR DAS FESTAS DE SANTO DOS QUILOMBOS: CONTRIBUIÇÕES PARA A ETNOQUÍMICA	56
POTENCIALIDADES DA CULINÁRIA QUILOMBOLA EM ABOLIÇÃO NA FEITURA DA FEIJOADA	57

GT 4 ETNOMATEMÁTICA E SUAS TECNOLOGIAS.....	58
A ETNOMATEMÁTICA NAS RELAÇÕES ENTRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E O CONHECIMENTO MATEMÁTICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	59
APRENDENDO O SISTEMA DE NUMERAÇÃO DECIMAL COM OS PALITOS: DO ABSTRATO AO CONCRETO	60
CULTURA E SABOR QUILOMBOLA: O PALADAR QUE VEM DA TERRA	61
ESCALAS DE VIDA, PROPORÇÕES DE RESISTÊNCIA: MATEMÁTICA NO QUILOMBO	62
MATEMÁTICA EM CONTEXTO QUILOMBOLA: O CAPELO DE BABAÇU COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO DE PERÍMETRO E ÁREA	63
GT 5 ETNOCIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS	64
A REZA CANTADA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA: CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA	65
CAPOEIRA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA: EXPERIÊNCIA DA ESCOLA ESTADUAL ANTÔNIO GARCIA-POCONÉ/MT	66
COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO JOSE DO BAIXIO, NO MUNICÍPIO DE BARRA DO BUGRES: MEMÓRIAS E VIVÊNCIA	67
CONFLITOS NA ESCOLA: UMA REALIDADE E SUAS SOLUÇÕES.....	68
EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E MEMÓRIA QUILOMBOLA: EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NA ESCOLA REUNIDAS DE CACHOEIRA RICA	69
HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NAS REDES MUNICIPAIS DO PARANÁ: UM ESTUDO DE REVISÃO SISTEMÁTICA.....	70
O PILÃO COMO FONTE DE ALIMENTO ESCOLAR NO QUILOMBO CHUMBO	71
O SILÊNCIO ESCOLAR DO PRECONCEITO: UMA ANÁLISE DAS VIVÊNCIAS DE RACISMO E DISCRIMINAÇÃO EM UMA ESCOLA QUILOMBOLA.....	72
RESGATE CULTURAL E RESISTÊNCIA QUILOMBOLA: UMA EXPERIÊNCIA EDUCACIONAL COM A PRODUÇÃO DE CERÂMICA DA COMUNIDADE DE SANGRADOURO.....	73
GT6 ETNOLETRAMENTO	74
APRENDENDO COM A FESTA DE SANTO E A DANÇA DO SIRIRI.....	75
DIA “D” DA MANDIOCA NA ESCOLA ESTADUAL QUILOMBOLA REUNIDAS DE CACHOEIRA RICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA E SABERES ANCESTRAIS	76
ENTRE O PULAR DAS MEMÓRIAS: HÁ-BRAÇOS	77
ENTRE CHÁS, HISTÓRIAS E AFETIVIDADE: EDUCAÇÃO INFANTIL NA PERSPECTIVA DECOLONIAL DOS SABERES POPULARES	78

ERVAS MEDICINAIS E ETNOSSABERES QUILOMBOLA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	79
ETNOLETRAMENTO E FORMAÇÃO DOCENTE	80
EU CONTO: NARRATIVAS QUILOMBOLAS E FOLCLÓRICAS NA ESCOLA	81
CAMINHOS DO PERTENCIMENTO: LETRAMENTO RACIAL E ETNOTURISMO QUILOMBOLA	82
O CURURU COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA.....	83
GT 7 POLÍTICAS PÚBLICAS PARA OS POVOS QUILOMBOLAS.....	84
A PARTICIPAÇÃO DO ACERVO QUILOMBOLA DO CENTRO DE PESQUISA E MUSEU DE HUMANIDADES ALAIDE MONTECCHI NO VI ENCONTRO DE EDUCACAO ESCOLAR QUILOMBOLA	85
EDUCAÇÃO QUILOMBOLA E OS DIREITOS HUMANOS ADQUIRIDOS PELA CONSTITUIÇÃO DE 1988.....	86
DO QUILOMBO À UNIVERSIDADE: A LUTA QUILOMBOLA E A CONQUISTA DO PROINQ/UFMT	87
ESCOLA ESTADUAL QUILOMBOLA TEREZA CONCEIÇÃO DE ARRUDA: POSSIBILIDADES E DESAFIOS COMO ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL.....	88
FECHAMENTO DE ESCOLAS EM COMUNIDADES RURAIS: DESAFIOS	89
OS IMPACTOS DO FECHAMENTO DA ESCOLA JOSÉ MARIANO BENTO.....	90
RESSIGNIFICANDO O PPP DA ESCOLA MUNICIPAL NOSSA SENHORA APARECIDA	91
TRANSPORTE ESCOLAR E SEUS DESAFIOS.....	92
AGRADECIMENTOS	93
ANEXO – CARTA ABERTA DA PLENÁRIA FINAL DO VII ENCONTRO DE EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA 2025.....	96

APRESENTAÇÃO

O Encontro de Educação Escolar Quilombola nasceu do compromisso político, ético e pedagógico com a efetivação do direito à educação das comunidades quilombolas, reconhecendo que a escola, quando situada no território e em diálogo com os saberes ancestrais, torna-se espaço de resistência, afirmação identitária e produção de conhecimentos socialmente referenciados. Desde sua origem, o Encontro constitui-se como um movimento coletivo que articula universidade, escolas quilombolas, comunidades, movimentos sociais e redes públicas de ensino, assumindo a educação escolar quilombola como um campo de luta, de disputa de sentidos e de construção de políticas públicas comprometidas com a justiça social, a diversidade cultural e a superação do racismo estrutural.

A história dos Encontros de Educação Escolar Quilombola em Mato Grosso está profundamente vinculada à atuação do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Quilombola (GEPEQ), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), sob a coordenação da professora doutora Suely Dulce de Castilho. O GEPEQ, em parceria com escolas quilombolas e comunidades, tem assumido o papel de fomentar debates, pesquisas, ações formativas e espaços de escuta e diálogo, fortalecendo a implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola e reafirmando o protagonismo dos sujeitos quilombolas na definição dos rumos de sua educação.

As duas primeiras edições, I e II Encontros, realizados nos anos de 2018 e 2019, aconteceram na Comunidade Quilombola Mata Cavalo, na Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição de Arruda. Esses encontros inaugurais marcaram o caráter itinerante do evento e afirmaram um princípio fundamental que o acompanha até hoje: o Encontro deve acontecer prioritariamente nos territórios quilombolas, reconhecendo-os como espaços legítimos de produção de conhecimento, memória, ancestralidade e luta. Nesses momentos iniciais, consolidou-se a compreensão de que a educação escolar quilombola não pode ser pensada de forma descolada das realidades vividas pelas comunidades, de suas histórias, de seus modos de vida e de suas relações com o território.

Em 2021, diante do contexto imposto pela pandemia da Covid-19, o III Encontro ocorreu de forma virtual. Ainda que marcada pelo distanciamento físico, essa edição reafirmou a potência do coletivo, ampliou o alcance do debate e trouxe à tona desafios enfrentados pelas comunidades quilombolas no acesso à educação em tempos de ensino remoto, evidenciando desigualdades históricas e a urgência de políticas públicas que considerem as especificidades territoriais e

socioculturais.

O IV Encontro, realizado em 2022, ocorreu na Escola Estadual Quilombola Maria de Arruda Muller, localizada na Comunidade Quilombola Abolição, no município de Santo Antônio do Leverger. Essa edição teve como marco os dez anos da promulgação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, constituindo-se como espaço de avaliação crítica sobre os avanços, limites e desafios na materialização dessas diretrizes nos sistemas de ensino. O Encontro reafirmou a escola quilombola como território educativo e político, fortalecendo debates sobre currículo, formação docente, gestão escolar e participação comunitária.

Em 2023, o V Encontro foi realizado na Escola Estadual Quilombola Verena Leite de Brito, em Vila Bela da Santíssima Trindade, território histórico de resistência negra em Mato Grosso. Essa edição aprofundou discussões sobre políticas públicas educacionais, epistemologias quilombolas, práticas pedagógicas contextualizadas e o papel da escola na preservação e valorização das culturas quilombolas. O Encontro reforçou a necessidade de uma educação antirracista, intercultural e comprometida com a autonomia dos povos quilombolas.

O VI Encontro, realizado em 2024, ocorreu na Escola Estadual Quilombola José Mariano Bento, situada na região do Baixo/Vão Grande, no município de Barra do Bugres. Com o tema “Educações, identidades e práticas culturais quilombolas”, essa edição destacou a centralidade das práticas culturais, dos saberes tradicionais e das experiências comunitárias na construção do currículo escolar. O Encontro reafirmou que a educação escolar quilombola se constrói a partir do diálogo entre conhecimentos tradicionais e conhecimentos acadêmicos, reconhecendo a pluralidade de saberes que constituem os territórios.

O VII Encontro de Educação Escolar Quilombola representa um momento singular na trajetória desse movimento. Realizado em 2025, o Encontro ocorreu de forma inédita em articulação com o Seminário de Educação (SemiEdu), no campus da Universidade Federal de Mato Grosso, em Cuiabá. Essa escolha, longe de romper com o princípio da itinerância, simboliza a ocupação da universidade pelos povos quilombolas e seus saberes, afirmando que a universidade também pode e deve ser território de diálogo, escuta e reconhecimento das epistemologias produzidas nos espaços tradicionais. Com o tema “Confluências entre saberes quilombolas, indígenas, camponeses e acadêmicos na construção de educações decoloniais”, o VII Encontro ampliou o debate para além da educação escolar quilombola, promovendo diálogos entre diferentes povos e comunidades tradicionais, reconhecendo lutas comuns, desafios compartilhados e a necessidade de construir

projetos educativos comprometidos com a descolonização do conhecimento e das práticas pedagógicas.

O objetivo central do VII Encontro foi discutir a materialidade das políticas públicas educacionais voltadas às comunidades quilombolas, fortalecendo a parte diversificada do currículo e promovendo práticas pedagógicas fundamentadas nas culturas, identidades, histórias, territorialidades e saberes quilombolas. Entre seus objetivos específicos, destacam-se o compartilhamento de experiências pedagógicas desenvolvidas nas escolas quilombolas; a socialização de pesquisas acadêmicas; o fortalecimento da formação continuada de professores e professoras; e a ampliação do diálogo entre universidade, escolas, comunidades e poder público.

O Encontro contou com a participação de docentes da educação básica e superior, estudantes da educação básica e ensino superior-graduação e pós-graduação, pesquisadores e pesquisadoras, lideranças quilombolas, gestores públicos e representantes de movimentos sociais.

As atividades do VII Encontro foram organizadas em Grupos de Trabalho (GT), estruturados a partir de eixos temáticos que expressam a pluralidade de saberes e experiências da Educação Escolar Quilombola. O GT1: Ciências e Saberes Quilombolas reuniu produções fundamentadas nos conhecimentos tradicionais e nas epistemologias quilombolas; o GT2: Etnolinguagem e suas tecnologias problematizou práticas de linguagem, oralidade e escrita nos territórios; o GT3: Etnociências da Natureza e suas tecnologias abordou saberes ambientais, territoriais e ecológicos; o GT4: Etnomatemática e suas tecnologias discutiu práticas matemáticas situadas culturalmente; o GT5: Etnociências Sociais e Humanas e suas tecnologias tratou das dimensões históricas, sociais e culturais da educação quilombola; o GT6: Etnoletramento enfatizou processos formativos e práticas pedagógicas contextualizadas; e o GT7: Políticas Públicas para a Educação e os Territórios Quilombolas concentrou debates sobre legislação, direitos e materialização das políticas educacionais.

Essa organização dos GT possibilitou o aprofundamento dos debates, o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento e a valorização da diversidade de produções acadêmicas, relatos de experiência e práticas pedagógicas apresentadas no Encontro.

Como desdobramento político e coletivo dos Encontros de Educação Escolar Quilombola, a elaboração de uma Carta Aberta constitui-se como uma prática histórica e estruturante do movimento. Em todas as edições do Encontro, a Carta Aberta é construída de forma coletiva, debatida em plenária e aprovada pelos participantes como expressão pública das vozes, demandas,

denúncias e proposições das comunidades quilombolas, das escolas, dos educadores e educadoras, das lideranças e dos pesquisadores envolvidos no processo. Trata-se de um instrumento político-pedagógico que materializa o compromisso do Encontro com a incidência pública, com a defesa de direitos e com a luta pela efetivação de políticas educacionais que reconheçam as especificidades territoriais, culturais e históricas dos povos quilombolas.

A Carta Aberta tem como objetivo central publicizar as condições reais vivenciadas pelas escolas quilombolas, evidenciar avanços, denunciar retrocessos e lacunas nas políticas públicas e reafirmar reivindicações históricas relacionadas ao direito à educação de qualidade socialmente referenciada. Ao ser endereçada a diferentes instâncias do poder público municipal, estadual e federal, bem como à sociedade em geral, a Carta busca tensionar decisões políticas, fortalecer o controle social e afirmar o protagonismo quilombola na definição dos rumos da educação escolar em seus territórios. Assim, a Carta não se configura apenas como um documento final, mas como parte constitutiva do próprio Encontro, articulando formação, mobilização, memória e luta coletiva.

Ao longo das edições dos Encontros, as Cartas Abertas têm reafirmado pautas recorrentes e fundamentais, como a defesa da permanência das escolas nos territórios quilombolas, o reconhecimento da escola como espaço comunitário, a garantia de financiamento adequado, a valorização dos profissionais da educação, a necessidade de formação inicial e continuada específica, a melhoria da infraestrutura escolar, o acesso a transporte escolar digno e seguro, o respeito ao princípio da consulta prévia, livre e informada, conforme previsto em legislações nacionais e internacionais, e a efetivação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Essas pautas expressam uma compreensão ampliada de educação, que ultrapassa a dimensão pedagógica e se articula às condições materiais, políticas e simbólicas de existência das comunidades.

No VII Encontro da Educação Escolar Quilombola, a Carta Aberta foi novamente construída de forma coletiva, a partir dos debates realizados nos Grupos de Trabalho, das mesas de diálogo, das falas das lideranças quilombolas e das reflexões compartilhadas ao longo do evento. Aprovada em plenária, a Carta do VII Encontro reafirma o caráter político do movimento e assume especial relevância por ter sido elaborada em um contexto de ampliação dos diálogos entre saberes quilombolas, indígenas, camponeses e acadêmicos, evidenciando a necessidade de articulação entre diferentes sujeitos e territórios na defesa de educações decoloniais.

A Carta do VII Encontro enfatiza a urgência de fortalecer políticas públicas educacionais que

considerem os territórios quilombolas como espaços de vida, memória e produção de conhecimento, denunciando processos de precarização das escolas, a insuficiência de recursos financeiros, a ausência de políticas estruturantes de formação docente e as ameaças à continuidade de escolas localizadas nos territórios. Ao mesmo tempo, o documento reconhece e valoriza experiências pedagógicas exitosas desenvolvidas nas escolas quilombolas, destacando a potência dos etnossaberes, das práticas culturais, das tecnologias sociais e das pedagogias construídas a partir das comunidades.

Outro aspecto central da Carta do VII Encontro é a defesa da educação escolar quilombola como política de Estado, e não como ação pontual ou dependente de vontades políticas circunstanciais. O documento reivindica o cumprimento das legislações vigentes, o fortalecimento das instâncias de participação social e a garantia de que as comunidades quilombolas sejam ouvidas e respeitadas nos processos decisórios que impactam suas escolas e seus territórios. Nesse sentido, a Carta reafirma a educação como direito coletivo e como dimensão indissociável da luta pela terra, pela identidade, pela cultura e pela dignidade dos povos quilombolas.

Os Anais do VII Encontro de Educação Escolar Quilombola reúnem as produções apresentadas nos Grupos de Trabalho e registram não apenas pesquisas acadêmicas, mas também experiências pedagógicas, relatos de práticas, reflexões críticas e produções construídas a partir dos territórios. Ao socializar esses trabalhos, os Anais cumprem um papel fundamental na valorização da produção de conhecimento situada, reconhecendo professores, estudantes, pesquisadores e comunidades como autores legítimos de saberes que dialogam com a escola, a universidade e as políticas públicas.

Mais do que um registro formal das atividades realizadas, estes Anais constituem-se como um instrumento político-pedagógico de memória, resistência e afirmação, ao documentar trajetórias, lutas e experiências que, historicamente, foram silenciadas ou marginalizadas nos espaços acadêmicos tradicionais. Ao reunir diferentes vozes e perspectivas, os Anais evidenciam que a Educação Escolar Quilombola é um projeto coletivo, em permanente construção, que se fortalece no encontro, no diálogo e na articulação entre saberes.

Assim, os Anais do VII Encontro reafirmam o compromisso com uma educação comprometida com a vida, com a dignidade e com o futuro das comunidades quilombolas, reconhecendo que a escola quilombola é, simultaneamente, espaço de aprendizagem, de resistência, de produção cultural e de afirmação política. Ao registrar e socializar essas experiências, os Anais contribuem para fortalecer o movimento da Educação Escolar Quilombola e para ampliar a

incidência de suas pautas nos debates educacionais e nas políticas públicas em âmbito local, estadual e nacional.

Prof^ª Dra. Suely Dulce de Castilho
Docente do PPGE-UFMT
Coordenadora do GEPEQ-UFMT
Coordenadora do Evento.



SemiEdu 2025
VII ENCONTRO DE EDUCAÇÃO
ESCOLAR QUILOMBOLA

Confluências entre saberes
quilombolas, indígenas, campesinos
e acadêmicos na construção de
educações decoloniais

GT 1 CIÊNCIAS E SABERES QUILOMBOLA

ORGANIZAÇÃO

ISSN 2764 - 5894



ESCOLAS ESTADUAIS QUILOMBOLAS
DE MT

E.E.Q. VERENA LEITE DE BRITO
E.E.Q. TEREZA CONCEIÇÃO ARRUDA
E.E.Q. MARIA DE ARRUDA MULLER
E.E.Q. REUNIDAS DE CACHOEIRA RICA
E.E.Q. JOSÉ MARIANO BENTO

ALFABETIZANDO POR MEIO DAS PLANTAS MEDICINAIS DE A a Z

Leila Maria de Campos (GEPEQ/UFMT)

leilamariadecampos185@gmail.com

Francisca Edilza B. A. Carvalho (GEPEQ/UFMT/SEDUC)

edilzaandradetga@gmail.com

Nelyza Bento Inocencio (GEPEQ/UFMT)

nelyzainocencio44@gmail.com

Maria Helena Tavares Dias (GEPEQ/EEQJMB/SEDUC)

lenabbu15@gmail.com

GT 1 CIÊNCIAS E SABERES QUILOMBOLAS

RESUMO: O projeto “Alfabetizando por meio das plantas medicinais de A a Z” constitui uma proposta pedagógica desenvolvida junto aos estudantes do Programa Muxirum, nas comunidades quilombolas do Território de Vão Grande, em Barra do Bugres, Mato Grosso. A iniciativa busca articular o processo de alfabetização com os saberes tradicionais relacionados ao uso de plantas medicinais, transmitidos oralmente de geração em geração. A metodologia consiste em associar cada letra do alfabeto a uma planta medicinal comum na região, como Alecrim-do-campo para a letra “A” ou Boldo para a letra “B”. Dessa forma, estabelece-se uma ponte entre o universo cultural dos estudantes e o processo formal de aprendizagem da leitura e da escrita. As atividades incluem a criação do “Jardim do Saber”, onde os alunos cultivam e cuidam das plantas; a produção de um “Caderno de Receitas e Remédios”; e a elaboração do “Alfabeto das Plantas”, material didático ilustrado e construído de forma colaborativa. Teoricamente, o trabalho dialoga com autores como Freire (1996), que compreende a alfabetização como prática cultural; Munanga (2004), que discute a valorização dos saberes afro-brasileiros; Gomes (2017), que aborda a educação para populações negras e quilombolas; e Carvalho (2024), que apresenta a perspectiva do etnoletramento como prática decolonial de formação docente e de valorização da educação escolar quilombola. Mais do que ensinar códigos linguísticos, o projeto promove um aprendizado contextualizado e significativo, reforçando a identidade cultural e a autoestima dos estudantes quilombolas. Ao valorizar a herança ancestral e integrá-la ao currículo escolar, a iniciativa demonstra que a educação pode ser instrumento de preservação da memória coletiva e de fortalecimento comunitário. Nesse sentido, alfabetizar revela-se também como ato de reconhecimento, respeito e celebração da diversidade cultural.

Palavras-chave: Alfabetização. Quilombolas. Saberes tradicionais

BOLO DE ARROZ DO VÃO GRANDE

Marli Maria Bento (EEJXB/JMB/SEDUC)

marlibento546@gmail.com

Maria Lourença Davina da Costa (EEJXB/JMB/SEDUC)

marialdc77@gmail.com

Andreлина Cassiana da Costa (EEJXB/JMB/SEDUC)

andrelinacassianacosta@gmail.com

Viviane Constancia Maciel (EEJXB/JMB/SEDUC)

vivianemaciel459@gmail.com

Maria Conceição de Lima (EEJXB/JMB/SEDUC)

ml2135067@gmail.com

GT 1 CIÊNCIAS E SABERES QUILOMBOLAS

RESUMO: A Educação Quilombola no Vão Grande busca incorporar o saber local (saberes tradicionais, etnomatemáticos e cultura quilombola) ao currículo formal, promovendo uma educação que valoriza a identidade, ancestralidade negra e os “fazeres” da comunidade. Este trabalho teve como objetivos investigar e valorizar os saberes quilombolas relacionados ao bolo de arroz do território Vão Grande, integrando-os ao currículo escolar por meio da articulação entre etnosaberes e conhecimentos científicos, fazer o levantamento da receita tradicional do bolo de arroz a partir dos relatos de moradores da comunidade e dialogar sobre a importância do bolo de arroz na alimentação e na identidade cultural quilombola e contribuir com o aprendizado na preservação e valorização da culinária dos estudantes. Desenvolvido na Escola Estadual Quilombola anexa Jose Mariano Bento, localizada no Quilombo São Jose do Baixo Território Vão Grande, em Mato Grosso, com as turmas multisseriada 8º/9º Ano do Ensino Fundamental. Uma pesquisa qualitativa com os recursos da pesquisa participante, o instrumento de produção de dados foi roda de conversa com os moradores que produzem o bolo de arroz. Teoricamente, este trabalho está embasado por Castilho (2011), Munanga (1996) e Gomes (2017), e nos dispositivos legais DCNEEQ, BNCC, DRC-MT e na Lei 10.639/03, alterada pela 11.645/08. Durante a experiência, observou-se que todos os alunos participaram ativamente das etapas da receita, assumindo diferentes funções como medir ingredientes, misturar a massa e organizar o espaço de preparo. A atividade proporcionou aprendizado prático sobre medidas, tempo e processos de preparo de alimentos, além de reforçar a valorização da cultura quilombola, os estudantes dialogaram sobre a história e importância do bolo de arroz na comunidade. Além disso, a degustação final promoveu integração entre os alunos e fortalecimento de vínculos comunitários, despertando interesse em manter e compartilhar saberes tradicionais.

Palavras-chave: Educação Quilombola. Vão Grande. Culinária Quilombola. Etnosaberes

CICLO DE OFICINAS AFRO-QUILOMBOLAS: A DANÇA DO CHORADO COMO CENTRALIDADE CULTURAL NA EDUCAÇÃO QUILOMBOLA

Rosa Betania Veloso Silva de Brito (SEDUC)
rosa.brito@edu.mt.gov.br

GT 1 CIÊNCIAS E SABERES QUILOMBOLAS

RESUMO: A Dança do Chorado é uma manifestação cultural tradicional e ancestral de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT, reconhecida como patrimônio histórico e cultural afro- quilombola. Considerando o interesse manifestado por estudantes da Escola Estadual Quilombola Verena Leite de Brito, foi desenvolvido o projeto “*Ciclo de Oficinas Afro- Quilombolas: Dança do Chorado*”, com o objetivo de preservar e difundir essa expressão, fortalecendo a identidade quilombola no espaço escolar. A proposta dialoga com a Lei 10.639/2003 e com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (BRASIL, 2004), reafirmando o compromisso com a valorização da cultura afro-brasileira e a construção de uma educação antirracista. Participaram do projeto 12 alunas dos 6º e 7º anos do Ensino Fundamental II, orientadas pela curadora do Memorial, professora Rosa Betânia Veloso Silva de Brito, e pela colaboradora comunitária e dançarina do Chorado, Vanda de Moraes Coelho. As oficinas ocorreram semanalmente, durante os recreios e, em alguns momentos, nas aulas de Educação Física, mediante autorização docente. O processo metodológico incluiu ensaios, uso de elementos culturais como vestidos afro, tambor, colares, brincos e garrafas plásticas representando o kanjinjin, além de reflexões sobre a dimensão histórica e simbólica da dança. Teoricamente, o projeto se fundamenta na compreensão de que a escola deve reconhecer e valorizar os saberes das comunidades negras como forma de resistência e de construção de identidades (GOMES, 2017). Dialoga ainda com Munanga (2004), que problematiza a mestiçagem como apagamento cultural e ressalta a importância do fortalecimento da identidade negra e quilombola, e com Silva (2008), que evidencia os desafios e possibilidades da educação das relações étnico-raciais no Brasil. Os resultados apontaram para a aprendizagem dos passos e ritmos do Chorado, o fortalecimento do sentimento de pertencimento das estudantes e a valorização da identidade afro-quilombola no ambiente escolar. A integração entre escola, comunidade e Memorial possibilitou vivências de ancestralidade como prática educativa, estimulando o protagonismo juvenil e a valorização da herança cultural africana. Conclui-se que iniciativas como esta contribuem para a efetivação da Lei 10.639/2003 e para a consolidação de uma educação comprometida com a memória, a resistência e a diversidade étnico-racial.

Palavras-chave: Educação quilombola. Dança do Chorado. Ancestralidade. Identidade

CIÊNCIA E ANCESTRALIDADE: UM DIÁLOGO ENTRE OS SABERES QUILOMBOLAS E O USO DE PLANTAS MEDICINAIS

Andreлина Cassiana da Costa (EEJXB/JMB/SEDUC)

andrelinacassianacosta@gmail.com

Marli Maria Bento (EEJXB/JMB/SEDUC)

marlibento546@gmail.com

Maria Lourença Davina da Costa (EEJXB/JMB/SEDUC)

marialdc77@gmail.com

Tayla de Lima Vieira (EEJXB/JMB/SEDUC)

e2245733@edu.mt.gov.br

Yasmin Maciel dos Santos (EEJXB/JMB/SEDUC)

e2159422@edu.mt.gov.br

GT 1 CIÊNCIAS E SABERES QUILOMBOLAS

RESUMO: No território quilombola Vão Grande, os saberes das famílias sobre o uso de plantas medicinais no tratamento de algumas doenças têm origem na ancestralidade e na religiosidade dos moradores. O objetivo desse trabalho é valorizar a memória e a cultura do local, contribuir com reconhecimento dos saberes do território Quilombola Vão Grande e preservar os saberes tradicionais das comunidades quilombolas sobre o uso de plantas medicinais. O trabalho está em desenvolvimento e será realizado a identificação das espécies utilizadas, registrar seus usos terapêuticos e compreensão de seu papel na cultura e na saúde da comunidade, além de promover o respeito e reconhecimento desses conhecimentos como parte do patrimônio cultural e ambiental. Essa experiência foi realizada na Escola Estadual Prof. Julieta Xavier Borges nas salas anexas localizada na escola José Mariano Bento, na comunidade São José do Baixio, Barra do Bugres, MT. Os participantes do projeto foram as turmas multisseriadas 2º e 3º ano do Ensino Médio. Uma pesquisa qualitativa, na perspectiva da História Oral e os dados foram produzidos em rodas de conversa com os moradores, por meio dos relatos dos mestres dos saberes quilombola. Teoricamente, este trabalho está subsidiado em Castilho (2011), Freire (1979; 2016), Santos (2007) e Diegues (2000). Espera-se ao que, ao final das atividades, os estudantes reconheçam e valorizem os saberes tradicionais das famílias quilombolas, especialmente as plantas medicinais e sua eficácia no tratamento de enfermidades compreendendo que os saberes e fazeres ancestrais, são passados de geração em geração.

Palavras-chave: Educação quilombola. Plantas medicinais. Etnosaberes. Ancestralidade

DE EXÚ PARA WIRACOCHA E HERMES: AXÉ

Janina Mirtha Gladys Moquillaza Sanchez (PPGE/GEPEQ-UFMT)
janinasanches@gmail.com

Suely Dulce de Castilho (PPGE/GEPEQ-UFMT)
castilho.suely@gmail.com

GT 1 CIÊNCIAS E SABERES QUILOMBOLAS

RESUMO: Trata-se de reflexão mito hermenêutica sobre o uso do mito e do símbolo na oralidade, no diálogo, no encontro entre o imaginário cultural do deus africano Exú, o deus grego Hermes (Mercúrio para os romanos, Toth para os egípcios) e o deus ancestral peruano Wiracocha nas circunstâncias da colonização no Brasil. Para os seres humanos a beleza, a representação, é aparente e a verdade oculta, daí a importância de conhecer os deuses, pois nos divinos a verdade faz parte da divindade, é a própria divindade. Tem-se o objetivo de demonstrar o relacionamento sensível do ser humano com o reino espiritual, como entendido antes do processo de dominação da colonização, no continente Abya Yala; busca-se conscientizar sobre o impacto sofrido pelos povos nativos e os afrodescendentes como resultado do processo de colonização (sempre atualizado), dos jogos de poder econômico, a manipulação de mitos e símbolos e os efeitos sobre a percepção da comunicação simbólica imposta com os três deuses aqui em estudo: Exú, Hermes e Wiracocha. Busca-se propor novos caminhos de integração e valorização do imaginário cultural, no campo da educação. A teoria e metodologia mito hermenêutica (Gilbert Durand, 2002), propiciou refletir com os fundamentos teóricos de Mircea Eliade, 1972, sobre o mito; com Pierre Bourdieu (2000), sobre o simbolismo e a violência simbólica e com o Dr. José Berkenbrock (1997), sobre a pluralidade das religiões afro-brasileiras. Como resultados, destacam-se os danos causados à identidade, à percepção de ser na sociedade e ao sentido de pertencimento. Finalizando, considera-se a necessidade de liberdade na educação, para dizer Axé aos deuses, aos seres humanos, à vida e que a Educação considere viver com gratidão e alegria.

Palavras-chave: Mitologia. Educação quilombola. Deuses da pré-colonização. Formação docente

DIA Q: EVENTO CULTURAL ESCOLAR QUILOMBOLA

Urias Bom Despacho Silva (EEQMAM/SEDUC)

urias.silva@edu.mt.gov.br

Suely Dulce de Castilho GEPEQ/PPGE/UFMT)

castilho.suely@gmail.com

GT 1 CIÊNCIAS E SABERES QUILOMBOLAS

RESUMO: O Dia Q é um evento escolar criado em 2018, constituindo-se como um espaço de socialização de práticas pedagógicas exitosas relacionadas às culturas quilombolas. Inserido no contexto da Educação Escolar Quilombola, o evento dialoga com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola e com autores como Berta Ribeiro (1987), ao tratar da cultura como elemento estruturante da identidade, e Suely Dulce de Castilho (2019), que discute a escola quilombola como território de resistência e afirmação. O projeto visa fortalecer as culturas e as identidades dos estudantes e docentes do território. Este trabalho tem como objetivo apresentar um relato de experiência referente às ações pedagógicas ocorridas neste evento, na Escola Estadual Quilombola Maria de Arruda Muller. Participam docentes, estudantes, funcionários, familiares, lideranças da Associação Comunitária e demais interessados da comunidade. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, tendo como principais instrumentos de produção das informações a observação participante, rodas de conversa e reuniões organizativas, possibilitando a escuta e o envolvimento coletivo. Os resultados apontam que os estudantes participaram com entusiasmo, sentiram-se protagonistas do processo, com brilho nos olhos e orgulho de sua cultura e de seus feitos, fortalecendo sua identidade própria. Os professores, de igual forma, demonstraram motivação e envolvimento em todas as etapas do processo organizativo e na realização do evento. Alguns desafios se apresentaram, como a resistência de estudantes e docentes que ainda não se reconhecem como quilombolas ou não validam ações pedagógicas específicas, além da limitação do tempo, uma vez que o calendário escolar prescritivo dificulta a ampliação dessas práticas, tornando o processo complexo e desafiador.

Palavras-chave: Educação Escolar Quilombola. Culturas Quilombolas. Saberes Tradicionais. Afirmação Identitária

ENTRE ERVAS E SORRISOS: ETNOSSABERES QUILOMBOLAS E PRÁTICAS DE PREVENÇÃO À SAÚDE BUCAL

Rosilene da Silva Gonçalves (SME-POCONÉ)

rosilene.goncalves@edu.mt.gov.br

Marileide do Carmo Amorim Arruda (SME/POCONÉ-SEDUC/GEPEQ-UFMT)

marileide_amorim@yahoo.com.br

Gabrielly Natacha Amorim Roduit (UNIC-CUIABÁ)

gabriellyamorimroduit@gmail.com

Juliana Lopes de Barros (SME-POCONÉ)

julianalopesdebarros@gmail.com

GT 1 CIÊNCIAS E SABERES QUILOMBOLAS

RESUMO: A presente experiência pedagógica teve como objetivo valorizar os etnossaberes quilombolas como fundamentos de uma prática educativa intercultural e decolonial, promovendo aprendizagens significativas sobre o uso tradicional das ervas medicinais e sua relação com os cuidados de saúde preventiva bucal. A ação foi desenvolvida com estudantes do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental I, da Escola Municipal Antônio Maria de Almeida, no município de Poconé/MT, a escola atende estudantes oriundos de comunidades quilombolas, comunidades tradicionais e fazendas. A proposta emergiu após uma atividade formativa conduzida por uma doutoranda da UFMT, do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Quilombola (GEPEQ/UFMT), a qual motivou o corpo docente a integrar os saberes ancestrais às práticas pedagógicas cotidianas. O tema “Ervas medicinais e os cuidados com a saúde dental” orientou a construção das atividades interdisciplinares, unindo os componentes de Ciências, História, Língua Portuguesa e Arte em torno do diálogo entre a sabedoria popular e o conhecimento científico. A metodologia seguiu uma perspectiva participativa, intercultural e decolonial, inspirada em Freire (1996), que propõe a educação como prática libertadora; em Santos (2010), que defende a ecologia dos saberes; e em Walsh (2018), ao compreender a interculturalidade como espaço de diálogo e reconhecimento entre diferentes racionalidades. Foram realizadas rodas de conversa com Mestres dos Saberes quilombolas, que compartilharam histórias e experiências sobre o uso de ervas como hortelã, camomila e cravo-da-índia, tradicionalmente empregadas para aliviar dores, prevenir inflamações e fortalecer a higiene bucal. Paralelamente, foram promovidas oficinas práticas de saúde preventiva, conduzidas por uma estudante e uma professora do curso de Odontologia, nas quais os alunos participaram de demonstrações de escovação correta, uso do fio dental e orientações sobre alimentação saudável. Essas oficinas possibilitaram compreender a importância do saber científico no cuidado com a saúde, estabelecendo uma ponte entre a tradição oral quilombola e as práticas contemporâneas de prevenção. As ações resultaram em registros escritos, desenhos e relatos orais, evidenciando a integração dos conhecimentos e o fortalecimento da identidade quilombola. Observou-se maior valorização dos saberes ancestrais, do respeito à natureza e da articulação entre ciência e tradição. A experiência culminou na criação da Formação de Professores Multiplicadores da Saúde Bucal, voltada à ampliação de práticas escolares baseadas no diálogo entre saberes e na promoção da saúde preventiva.

Palavras-chave: Etnossaberes quilombolas. Ervas medicinais. Saúde bucal

ENTRE PLANTAS E SABERES: HORTA ESCOLAR COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM QUILOMBOLA

Helenice Conceição da Silva (EEJXB/JMB/SEDUC)
helenicehelensilva@gmail.com

Viviane Constancia Maciel (EEJXB/JMB/SEDUC)
vivianemaciel459@gmail.com

Marcia Rezende de Sousa (EEJXB/JMB/SEDUC)
marciarezende.souza@hotmail.com

Maria Conceição de Lima (EEJXB/JMB/SEDUC)
ml2135067@gmail.com

Liamara da Silva Teixeira (EEJXB/JMB/SEDUC)
lteixeira951@gmail.com

GT 1 CIÊNCIAS E SABERES QUILOMBOLAS

RESUMO: A horta escolar além de ser um espaço de cultivar alimentos saudáveis, é também de produção de conhecimento e difusão de saberes e fazeres, pois, a maioria dos estudantes conhecem as técnicas de cultivo utilizadas pelos seus pais e avós, e os compartilharão com os demais, assim como a escola contribuirá com os saberes científicos. É neste sentido que a escola se organiza, para desenvolver o projeto horta envolvendo funcionários, professores, estudantes e comunidade, para beneficiar na complementação da alimentação escolar, incentivando o trabalho coletivo e colaborativo. O trabalho objetivou: criar um espaço que seja para cultivo de alimentos e de ensino e aprendizagem, que utiliza técnicas sustentáveis no plantio e no controle de pragas. O estudo foi desenvolvido nas Escola José Mariano Bento salas anexas da Escola Estadual Prof. Julieta Xavier Borges, localizada na comunidade Quilombola Baixio, Território Quilombola Vão Grande, Barra do Bugres/MT, com as turmas do Ensino Fundamental Anos Finais. Na disciplina de práticas em técnicas agrícolas quilombola. Uma pesquisa qualitativa na vertente da ação-participação, o instrumento para a produção dos dados foram observação e roda de conversa com os mestres dos saberes. Teoricamente, este trabalho está subsidiado por Castilho (2011), Freire (1996), e Sauv  (2005) e nos dispositivos legais DCNEEQ, BNCC, DRC-MT e na Lei 10.639/03, alterada pela 11.645/08. Os resultados evidenciaram impactos sociais e ambientais, pois os estudantes puderam experimentar as técnicas utilizadas pelos moradores no contexto escolar, estabelecendo um diálogo entre etnosaberes e conhecimento escolar. A produ o de hortaliças contribuiu com o enriquecimento da alimenta o e com a difusão dos etnosaberes quilombola. Reforçou o sentimento de trabalho coletivo e colaborativo.

Palavras-chave: Educa o Quilombola. Ciências e Saberes. Etnosaberes. Horta Escolar

ETNOSSABERES E ETNOHISTÓRIA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES QUILOMBOLAS: EXPERIÊNCIAS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA LARANJAL

Cira Alves Martins (GEPEQ/UFMT/ SME-POCONÉ)

ciraalvesmartinsmartins@gmail.com

Suely Dulce de Castilho (GEPEQ/PPGE/UFMT)

castilho.suely@gmail.com

GT 1 CIÊNCIAS E SABERES QUILOMBOLAS

RESUMO: Este trabalho apresenta parte da pesquisa de doutorado em andamento, realizada na Comunidade Quilombola do Laranjal no Município de Poconé-MT, que investiga a integração de etnossaberes e etnohistória na formação de professores quilombolas. O estudo parte do pressuposto de que a formação docente, muitas vezes desvinculada da realidade e da cultura local, necessita de uma abordagem que valorize o conhecimento tradicional e a trajetória histórica das comunidades. O objetivo central é capacitar professores para desenvolver práticas pedagógicas significativas, que resgatem e fortaleçam a cultura, a identidade e a autoestima dos estudantes, contribuindo para uma educação verdadeiramente quilombola. A metodologia adotada é qualitativa e participativa, envolvendo entrevistas, rodas de conversa e encontros formativos com professores, estudantes do 5º ano e mestres(as) de saberes da comunidade. A fundamentação teórica apoia-se em autores como Cohn (1968), Castilho (2011), Freire (1979; 2016), Gomes (2012), Silva (2011) e Munanga (1995), que discutem a educação quilombola, a etnohistória e a pedagogia decolonial. Os resultados parciais apontam para forte engajamento dos professores quilombolas e para a riqueza dos etnossaberes locais, expressos em práticas agrícolas sustentáveis, narrativas orais sobre a fundação das comunidades, manifestações culturais e medicina tradicional. Evidencia-se também a necessidade de materiais didáticos contextualizados, capazes de refletir a realidade e a memória coletiva da comunidade. Tais resultados indicam o potencial de transformação das práticas pedagógicas ao articular saberes tradicionais e educação formal, garantindo a preservação e transmissão da herança cultural quilombola.

Palavras-chave: Educação Escolar Quilombola. Formação Docente. Etnossaberes. Etnohistória

ETNOSSABERES EM MOVIMENTO: MATEMÁTICA, LINGUAGENS E A DANÇA DO CONGO

Karleny Farias de Brito (SEDUC)

karleny.britoedu.mt.gov.br

Mariana Thaís Silva de Brito (SEDUC)

mariana.brito@edu.mt.gov.br

GT 1 CIÊNCIAS E SABERES QUILOMBOLAS

RESUMO: O reconhecimento da Educação Escolar Quilombola como uma modalidade específica de ensino, instituída pela Resolução CNE/CEB nº 08/2012, representa uma das maiores conquistas resultantes das lutas quilombolas pelo direito à educação. No entanto, sua implementação no cotidiano das escolas quilombolas ainda se constitui um desafio para os profissionais da educação: como efetivar uma prática pedagógica que valorize os saberes tradicionais e dialogue com a realidade local? Com o objetivo de contribuir com essa reflexão, este trabalho apresenta os resultados do projeto “Etno-Saberes em Movimento: Matemática, Linguagens e a Dança do Congo”, desenvolvido na Escola Estadual Quilombola Verena Leite de Brito, situada em Vila Bela da Santíssima Trindade (MT). A experiência envolveu estudantes do 8º ano D e foi conduzida pelas professoras de Língua Portuguesa e Matemática, articulando os etnossaberes da Dança do Congo, manifestação cultural ancestral da comunidade, com os conteúdos escolares. Os instrumentos de coleta de dados foram a observação participante e os registros das produções dos alunos. Do ponto de vista teórico, o projeto fundamenta-se na compreensão de que a escola deve reconhecer e valorizar os saberes da comunidade quilombola como forma de resistência e de construção de identidades (GOMES, 2017). Apóia-se, ainda, em Munanga (2004), que ressalta a importância do fortalecimento da identidade negra e quilombola, e em Silva (2008), que destaca os desafios e as possibilidades da educação das relações étnico-raciais no Brasil. Os resultados apontam para a articulação bem-sucedida entre o ensino do gênero dramático e da geometria e os etnossaberes da Dança do Congo, promovendo o fortalecimento do sentimento de pertencimento das estudantes e a valorização da identidade afro-quilombola no espaço escolar. A vivência da ancestralidade como prática educativa estimulou o protagonismo juvenil e a valorização da herança cultural africana. Os estudantes demonstraram maior facilidade em compreender os conteúdos estudados, maior interesse pelas aulas, além de demonstrarem autoestima e orgulho em ser quilombola. A experiência reafirma o potencial da Educação Escolar Quilombola em promover aprendizagens significativas e emancipatórias, enraizadas na ancestralidade e nos saberes da comunidade.

Palavras-chave: Educação Quilombola. Dança do Congo. Pertencimento. Etnossaberes

LICOR DE BABAÇU COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA INTERDISCIPLINAR

Jonailson da Costa Correa (SEDUC-MT)
jonailson.correa@edu.mt.gov.br

Sebastião Rosa da Silva (SEDUC-MT)
sebastiao-rosa.silva@edu.mt.gov.br

Marilene Gomes Moraes Koberstain (SEDUC-UFMT)
marilene.koberstain@edu.mt.gov.br

GT 1 CIÊNCIAS E SABERES QUILOMBOLAS

RESUMO: A experiência pedagógica desenvolvida na Escola Estadual Quilombola Reunidas de Cachoeira Rica teve como foco a produção do licor de babaçu, compreendido como uma ferramenta pedagógica capaz de integrar diferentes áreas do conhecimento e valorizar os etnossaberes quilombolas. O babaçu, fruto de grande relevância cultural, social e econômica para a comunidade, foi escolhido como eixo articulador de um trabalho que buscou aliar saberes tradicionais e conhecimentos científicos, criando uma prática interdisciplinar e significativa. O projeto teve como objetivos promover aprendizagens significativas a partir da valorização dos etnossaberes quilombolas relacionados ao babaçu, articulando teoria e prática em uma perspectiva interdisciplinar que fortalece a identidade, o pertencimento comunitário e a construção crítica do conhecimento. A metodologia adotada envolveu etapas que articularam a escuta dos saberes locais e a investigação científica. Inicialmente, os estudantes realizaram um levantamento dos usos tradicionais do babaçu na comunidade, conversaram com familiares e lideranças quilombolas. Em seguida, estudaram as propriedades botânicas, químicas e nutricionais do fruto, bem como sua importância histórica e econômica para o território. A partir dessa base, foram organizadas oficinas interdisciplinares que envolveram professores de diferentes disciplinas e os estudantes do ensino médio. Nas oficinas, os estudantes acompanharam e participaram do processo de produção do licor de babaçu, registrando as etapas em forma de relatos escritos, desenhos, entrevistas e reflexões coletivas. Todo o percurso metodológico foi pensado para articular teoria e prática, escola e comunidade, saber tradicional e conhecimento científico. O trabalho fundamentou-se em perspectivas da educação intercultural e decolonial, inspiradas em autores como Paulo Freire, que destaca a importância da contextualização e da valorização dos saberes populares no processo de ensino-aprendizagem, e Catherine Walsh, que propõe a construção de práticas pedagógicas que rompam com a colonialidade do saber e Suely Castilho, que dialoga sobre os etnossaberes. Nesse sentido, a interdisciplinaridade foi assumida como princípio metodológico, possibilitando a integração dos diferentes campos do conhecimento em torno de uma prática culturalmente significativa, em consonância com as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Os resultados alcançados demonstraram que a utilização do licor de babaçu como ferramenta pedagógica contribuiu para aprendizagens mais significativas. Os estudantes ampliaram sua compreensão sobre processos naturais e científicos ao observar as transformações químicas envolvidas na produção do licor, aplicaram cálculos matemáticos relacionados a medidas, proporções e tempo, desenvolveram habilidades de leitura e escrita por meio dos registros produzidos e refletiram sobre as dimensões sociais e culturais do babaçu como símbolo de resistência, identidade e sustentabilidade comunitária. Além disso, a experiência fortaleceu a

autoestima dos estudantes ao reconhecer e valorizar os conhecimentos transmitidos por suas famílias e lideranças locais, consolidando uma educação que dialoga com a realidade quilombola e que afirma o território como espaço de saber. Conclui-se que práticas pedagógicas pautadas nos etnossaberes e nas tecnologias sociais, como a produção do licor de babaçu, contribuem para construção de uma educação inclusiva, crítica e comprometida com a valorização das identidades e com o fortalecimento dos vínculos entre escola, comunidade e território.

Palavras-chave: Etnossaberes. Interdisciplinaridade. Educação Escolar quilombola

MAPA DA ORALIDADE: SABERES DO QUILOMBO DE TÓCOS

Alisson Pereira (UFRB)
alissonsp805@gmail.com
Sheila Oliveira(UFRB)
keloliveira771@gmail.com
Lázaro Santos(UFRB)
santoslazaro976@gmail.com
Alex Garrido (PUC-SP)
abiologianaturalviva@gmail.com

GT 1 CIÊNCIAS E SABERES QUILOMBOLAS

RESUMO: O presente relato de experiência analisa o processo de construção do Mapa da Oralidade Quilombola na Comunidade Quilombola de Tócos, localizada no município de Antônio Cardoso, Bahia. A iniciativa surgiu da necessidade de valorizar a história local e fortalecer a Educação Escolar Quilombola por meio do registro de saberes identitários, políticos e estético-corpóreos transmitidos entre gerações. A atividade, desenvolvida de forma colaborativa entre universitários(as) da Licenciatura em Educação do Campo (UFRB) e moradores(as) da comunidade, evidencia a oralidade como tecnologia ancestral e instrumento de resistência e afirmação identitária. O objetivo central do estudo é relatar a experiência de elaboração do Mapa da Oralidade Quilombola, destacando suas contribuições pedagógicas, culturais e formativas, assim como suas potencialidades para a produção de materiais didático-pedagógicos contextualizados ao território. A construção do mapa visa, ainda, preservar a memória coletiva e fortalecer práticas educativas baseadas na ancestralidade. O trabalho foi realizado na Comunidade Quilombola de Tócos, envolvendo reuniões na Associação Comunitária Rural, visitas às casas de mestres e mestras griôs, saídas de campo e momentos de escutavivência. A metodologia adotada articula saberes ancestrais, referenciais da educação e tecnologias científicas, seguindo o percurso de imersão, emersão e inserção inspirado em Freire (1987) e reelaborado por Garrido (2023). O processo metodológico fundamentou-se na Colaboração Participativa, na qual sujeitos da comunidade atuaram como autores e coautores do conhecimento. A oralidade foi registrada por meio de entrevistas, partilhas e narrativas de vida, complementada pelo uso de recursos tecnológicos como ArqGIS, Google Earth Pro e Mapinr para o georreferenciamento dos pontos mencionados. Os resultados revelam que a construção do Mapa da Oralidade é um processo ético, coletivo e formativo. Entre os principais achados está o mapeamento de 56 pontos significativos, relacionados a histórias de vida, espaços de cura, práticas culturais, plantas medicinais, espiritualidade e manifestações como o samba de roda, guardado por mestres como Saturnino e Birrinha. As interações demonstraram a força da oralidade quilombola como espaço de transmissão de saberes, memória e resistência, conforme defendem Bispo dos Santos (2023) e Gomes (2017). O processo evidenciou a relevância da ancestralidade e da coletividade como fundamentos da pedagogia quilombola, em diálogo com Freire (1987; 1996). Conclui-se que o Mapa da Oralidade é ferramenta pedagógica potente para fortalecer a Educação Escolar Quilombola e práticas decoloniais. O projeto segue em desenvolvimento, com foco na sistematização dos dados e produção de materiais didáticos contextualizados.

Palavras-chave: Oralidade Quilombola. Saberes Ancestrais. Educação Escolar Quilombola. Cartografia Cultural

MEMÓRIA DE SILÊNCIO E RESISTÊNCIA: VOZES QUILOMBOLAS ENTRE GERAÇÕES

Mirlei Fernandes Carneiro (SEDUC)
mirlei.caneiro@edu.mt.gov.br

GT 1 CIÊNCIAS E SABERES QUILOMBOLAS

RESUMO: Este artigo discute a memória como espaço de resistência e construção identitária no contexto da educação escolar quilombola. A partir de narrativas pessoais e familiares, revisito vivências de exclusão, racismo e silenciamento em ambientes escolares, contrapondo-as às memórias de meu pai, Antonio Carneiro Neto, cuja trajetória de vida e participação na Dança do Congo reafirmam a força da cultura quilombola e a importância da transmissão intergeracional de saberes. O diálogo entre memória e história é articulado com reflexões de autores como Albuquerque (2010), que discute o papel da memória coletiva na preservação de saberes afro-brasileiros; Brito (2019), sobre a resistência cultural como estratégia de afirmação identitária; Silva (2020) e Munanga (2010), que tratam da educação e das desigualdades raciais; Gomes (2008), que aborda práticas pedagógicas voltadas à valorização da cultura afro-brasileira; Bandeira (2012), sobre o currículo inclusivo e a educação decolonial; e Moura (2015), que analisa o vínculo entre memória, território e identidade quilombola. Defende-se que a escola precisa superar narrativas coloniais e incorporar vozes quilombolas no currículo, transformando-se em território de memória, justiça e emancipação, alinhando-se com a perspectiva de educação quilombola como prática política, cultural e pedagógica de afirmação de direitos e pertencimento (Costa, 2011; BRASIL, 2012; BRASIL, 2018).

Palavras-chave: Memória. Educação Escolar Quilombola. Resistência. Identidade Negra. Currículo

MEMÓRIAS DA ESCOLA JOSÉ MARIANO BENTO E RESISTENCIA: A HISTÓRIA DO TERRITÓRIO VÃO GRANDE

Liamara da SilvaTeixeira (EEJXB/JMB/SEDUC)
lteixeira951@gmail.com

Eliene Pedroza de Lima (EEJXB/JMB/SEDUC)
elienepedroza7@gmail.com

Tayla de Lima Vieira (EEJXB/JMB/SEDUC)
e2245733@edu.mt.gov.br

Helenice Conceição da Silva (EEJXB/JMB/SEDUC)
helenicehelensilva@gmail.com

Madalena Santana de Sales (EEJXB/JMB/SEDUC)
madalenasales22@gmail.com

GT 1 CIÊNCIAS E SABERES QUILOMBOLAS

RESUMO: A história da educação no Território quilombola Vão Grande inicia-se com as aulas ministradas nas casas de moradores, a seguir nas escolas municipais em cada comunidade, até a nucleação na escola Estadual José Mariano Bento. A construção, criação e permanência da escola é marcada por resistência, ancestralidade e luta pela preservação da identidade cultural e territorial. Este trabalho objetivou apresentar as memórias e a importância da Escola Estadual Quilombola José Mariano Bento no contexto da luta por educação, identidade e preservação cultural das comunidades do território quilombola Vão Grande. A experiência foi realizada na Escola Estadual Quilombola José Mariano Bento, localizada na comunidade Baixio, Território Quilombola Vão Grande, Barra do Bugres, MT. Participaram da experiência alunos do Ensino Fundamental e Ensino Médio e os mestres dos saberes da comunidade, que compartilharam suas memórias e experiências. Uma pesquisa qualitativa, na perspectiva da história oral, o instrumento de produção de dados foi roda de conversa com moradores. Teoricamente, este trabalho está subsidiado por Freire (2019), Gomes(2012), Castilho (2011), Sales (2020) e Castro (2014) e nos dispositivos legais DCNEEQ, BNCC, DRC-MT e na Lei 10.639/03, alterada pela 11.645/08. Os resultados apontam que a trajetória da educação no Território Quilombola Vão Grande foi marcada por lutas, desafios e conquistas. Os dados evidenciaram que a educação é um recurso de emancipação quando dialoga com realidade, cultura e história dos moradores do Território quilombola Vão Grande. Apontaram também que a valorização da memória coletiva, dos etnosaberes e da participação da comunidade na vida escolar reafirma a escola como um espaço político, social e cultural.

Palavras-chave: Memória. História. Valorização. Educação quilombola. Etnosaberes

O BABAÇU: UM RECURSO NATURAL VERSÁTIL NO CONTEXTO ESCOLAR QUILOMBOLA

Elza Nunes da Costa (SEDUC-MT)

elza.costa@edu.mt.gov.br

Ana Klara Moreira de Anunciação (E.E.Q. Reunidas Cachoeira Rica)

e2383810@edu.mt.gov.br

Carlos Alexandre Duarte (E.E.Q. Reunidas Cachoeira Rica)

e2595851@edu.mt.gov.br

Jorge Artur Dias do Nascimento (E.E.Q. Reunidas Cachoeira Rica)

e2383810@edu.mt.gov.br

Mirela Monteiro Silva Candido (E.E.Q. Reunidas Cachoeira Rica)

e1983684@edu.mt.gov.br

GT 1 CIÊNCIAS E SABERES QUILOMBOLAS

RESUMO: Este trabalho, parte do projeto “O Babaçu: Um Recurso Natural Versátil”, foi desenvolvido com estudantes do 9º ano da Escola Estadual Quilombola Reunidas da Cachoeira Rica, em Chapada dos Guimarães-MT, e teve como objetivo investigar as características, utilidades e importância do babaçu, analisando sua relevância para a economia, o meio ambiente e a vida cotidiana das comunidades tradicionais. A proposta buscou relacionar de forma interdisciplinar os saberes científicos e quilombolas, promovendo a valorização cultural, a educação ambiental e a reflexão crítica sobre a sustentabilidade no espaço escolar. A pesquisa foi conduzida com abordagem qualitativa e caráter exploratório, articulando diferentes disciplinas em práticas pedagógicas contextualizadas. As etapas metodológicas envolveram levantamento bibliográfico em livros, artigos e materiais digitais sobre o babaçu, exibição de vídeos e documentários, realização de pesquisas em grupo, produção de trabalhos escritos e apresentações orais. Além disso, foram organizados debates coletivos sobre a relevância econômica, social e ambiental da palmeira, seguidos da elaboração de propostas de reaproveitamento, incluindo oficinas artesanatos, onde a matéria prima é o babaçu. O referencial teórico fundamentou-se em autores que discutem o uso sustentável dos recursos naturais e a valorização dos saberes tradicionais. Diegues (2001) destaca o papel do etnoconhecimento na conservação da biodiversidade, enquanto Carvalho (2008) compreende a educação ambiental como prática transformadora, capaz de sensibilizar os sujeitos para a preservação dos ecossistemas. Castilho (2017), por sua vez, ressalta a relevância da educação escolar quilombola, enfatizando como os saberes comunitários, aliados à memória e ao território, fortalecem práticas pedagógicas contextualizadas e críticas. Os resultados indicaram que os estudantes reconheceram o babaçu como recurso multifuncional, utilizado na produção de óleo, carvão, farinha e artesanato, valorizando os saberes quilombolas. As atividades promoveram criatividade, apropriação dos conteúdos e reflexões críticas sobre o equilíbrio entre exploração econômica e preservação ambiental. As produções finais fortaleceram o vínculo com o território e evidenciou o protagonismo estudantil.

Palavras-chave: Babaçu. Educação Escolar Quilombola. Sustentabilidade. Interdisciplinaridade

O SISTEMA MULTISSERIADO NAS ESCOLAS QUILOMBOLAS

Maria Helena Tavares Dias (GEPEQ/EEQJMB/SEDUC)

lenabbu15@gmail.com

Osenil Soares da Silva Bueno (EMEBCM)

osenil123tga@gmail.com

Plínio Olderi Carvalho (EMEBCM)

pliniocarvalhotga@gmail.com

Leila Maria de Campos (GEPEQ/EEQJMB)

leilamariadecampos@gmail.com

GT 1 CIÊNCIAS E SABERES QUILOMBOLAS

RESUMO: O sistema multisseriado é uma organização escolar recorrente em comunidades rurais e quilombolas, caracterizado pela presença de estudantes de diferentes anos de escolarização em uma mesma sala de aula. Embora represente uma alternativa para garantir o acesso à educação em territórios de menor densidade populacional, tal modelo impõe desafios significativos à prática pedagógica e à aprendizagem. O objetivo deste estudo é analisar os impactos do sistema multisseriado na aprendizagem dos estudantes quilombolas, considerando as especificidades culturais, sociais e educacionais do contexto. A metodologia adotada é qualitativa, com base em observações de sala de aula, análise de registros escolares e entrevistas com professores, estudantes e familiares. O referencial teórico fundamenta-se em Arroyo (2012), que discute a educação do campo e suas particularidades; Hage (2014), que problematiza a multisseriação e a necessidade de práticas pedagógicas inovadoras; e Castilho (2020), que ressalta o papel da escola quilombola na preservação da ancestralidade e no fortalecimento comunitário. Os resultados indicam que a multisseriação, apesar de favorecer a convivência intergeracional e a solidariedade entre os estudantes, também apresenta limitações relacionadas à sobrecarga docente, à dificuldade de acompanhamento individualizado e à fragmentação dos conteúdos. Essas condições podem comprometer o desempenho escolar e a continuidade dos estudos. Conclui-se que a aprendizagem em classes multisseriadas requer políticas públicas específicas, formação docente voltada para práticas contextualizadas e valorização das identidades quilombolas, de modo a transformar esse modelo em uma experiência pedagógica mais inclusiva e emancipatória.

Palavras-chave: Educação Quilombola. Multisseriação. Aprendizagem

PRESERVAR O RIO JAUQUARA FORTALECENDO A ALMA QUILOMBOLA DO VÃO GRANDE

Eliene Pedroza de Lima (EEJXB/JMB/SEDUC)
elienepedroza7@gmail.com

Marcia Rezende de Sousa (EEJXB/JMB/SEDUC)
marciarezende.souza@hotmail.com

Evellyn Priscila da Silva (EEJXB/JMB/SEDUC)
evellyn.04@icloud.com

Joacil Jorge da Costa (SMEC/JMB)
joaciljorge98@gmail.com

Yasmim Maciel dos Santos (EEJXB/JMB/SEDUC)
e2159422@edu.mt.gov.br

GT 1 CIÊNCIAS E SABERES QUILOMBOLAS

RESUMO: A história da educação no Território quilombola Vão Grande inicia-se com foco na preservação da identidade cultural e territorial, especialmente o rio jauquara que fortalece a alma quilombola e garante a continuidade de suas tradições e modos de vida. A preservação do rio está intrinsecamente ligada à preservação da cultura quilombola, pois ela representa a conexão da comunidade com suas raízes e com o território que habitam. A educação, nesse sentido, deve promover a conscientização sobre a importância do rio jauquara e a necessidade de protegê-lo. Através do ensino de práticas sustentáveis e do resgate da história e das tradições ligadas ao rio, a comunidade quilombola pode fortalecer sua identidade e garantir a preservação de seu patrimônio cultural e ambiental para as futuras gerações, por resistência, ancestralidade e luta pela preservação da identidade cultural e territorial. Este trabalho objetivou apresentar como a preservação do Rio Jauquara fortalece a identidade cultural, ambiental e social das comunidades quilombolas do Vão Grande, lembrando que o rio é central para suas práticas de vida, alimentação, festa, fé, tradição e que sua proteção é também a proteção de um modo de viver. A Escola Estadual Quilombola José Mariano Bento, localizada na comunidade Baixio, Território Quilombola Vão Grande, Barra do Bugres, MT. Participaram da experiência alunos do Ensino Médio e os mestres dos saberes da comunidade, que compartilharam suas memórias e experiências. Uma pesquisa qualitativa, na perspectiva da história oral, o instrumento de produção de dados foi roda de conversa com moradores. Teoricamente, este trabalho foi ancorado em Silva (1997), Gomes(2012), Castilho (2011), Sales (2020) e Castro (2014) e nos dispositivos legais DCNEEQ, BNCC, DRC-MT e na Lei 10.639/03, alterada pela 11.645/08. Os dados evidenciaram que a comunidade enfrenta ameaças como a degradação da água, a possibilidade de instalação de Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs) no Rio Jauquara e disputas territoriais. Nesse cenário, a educação se apresenta como eixo fundamental de resistência, valorizando as memórias coletivas, os saberes tradicionais, as práticas sustentáveis e a participação comunitária nas decisões sobre o território. Preservar o rio é, portanto, preservar a própria alma quilombola.

Palavras-chave: Memória coletiva. Preservação ambiental. Valorização cultural. Educação quilombola

QUINTAIS DO QUILOMBO DE ABOLIÇÃO

Esmeraldino Pereira (SEDUC/EEQMAM)

esmeraldinopereira51@gmail.com

Benedita Rodrigues do Prado e Silva (SEDUC/EEQMAM)

beneditarps@hotmail.com

GT 1 CIÊNCIAS E SABERES QUILOMBOLAS

RESUMO: Essa produção se dá o nome de Quintais do Quilombo de Abolição que constituem de um sistema agroflorestral de plantio que associa plantações de espécies arbóreas (principalmente frutíferas utilizadas na alimentação), com espécies herbáceas, plantas medicinais, alimentícias e místicas e também ornamentais, espécies animais (galinhas, patos, perus e porcos). A Agricultura familiar é um pilar fundamental para a economia, a cultura e sustentabilidade ambiental promovendo o desenvolvimento social, preservação ambiental e segurança alimentar, fortalecendo comunidades e valorizando práticas agrícolas. Este trabalho teve como objetivo reconhecer a agricultura como uma grande parcela significativa da produção de alimentos no Brasil, onde é responsável por aproximadamente 70% dos alimentos consumidos internamente. Além disso, gera emprego e renda para milhões de famílias, contribuindo para a redução da pobreza e para o desenvolvimento rural. Valorizar os agricultores familiares em geral, e as técnicas que respeitam o equilíbrio ambiental, com o plantio consorciado, a rotação de culturas e ajudam a preservar a biodiversidade do solo e os recursos hídricos e os impactos das mudanças climáticas. Conforme o conteúdo estudado em geografia sobre a Agricultura familiar e pesquisas, entrevistas realizadas pelos alunos/ as totalizando 48 das turmas do 4º ano e 5º ano da Escola Estadual Quilombola Maria de Arruda Müller no município de Santo Antônio do Leverger -MT, sobre o modelo de produção agrícola que, o trabalho e a renda provém majoritariamente da família. Teoricamente, este trabalho está subsidiado por Leal (2004), Noda (2002), Begossi (2002), Adams (2000), Kato (1999), Gomez-Pompa e Kaus (1990). Os resultados apontam que a intervenção pedagógica se deu com a roda de conversa com os alunos/as e a comunidade escolar, através da apresentação do projeto de pesquisa ressaltando que a produção familiar diversificada oferece alimentos frescos e nutritivos, contribuindo para a segurança alimentar local, tende a priorizar hortaliças, frutas, legumes e grãos que atendem às necessidades da população. Por fim salientamos que apesar da importância a agricultura familiar enfrenta diversos desafios, como acesso a crédito, tecnologia, assistência técnica e mercados e programas de incentivo, cooperativas e feiras locais, são fundamentais para fortalecer esse setor. Esse tipo de agricultura desempenha um papel essencial no fornecimento de alimentos para a população, na preservação do meio ambiente e no fortalecimento das economias locais, mais precisamente na comunidade de Abolição.

Palavras-chave: Quintais Quilombolas. Agricultura Familiar

REESCREVENDO HISTÓRIAS

Nelyza Bento Inocencio (GEPEQ/EEJMB)
nelyzainocencio44@gmail.com

Leila Maria de Campos (GEPEQ/EEJMB)
leilamariadecampos@gmail.com

Maria Helena Tavares Dias (GEPEQ/EEQJMB/SEDUC)
lenabbu15@gmail.com

Neide Domingas Bento (GEPEQ/EEJMB/UFMT)
neidedomingas43@gmail.com

GT 1 CIÊNCIAS E SABERES QUILOMBOLAS

RESUMO: O projeto *Reescrevendo histórias* foi desenvolvido com estudantes do I Ciclo do Ensino Fundamental na Escola José Mariano Bento, situada no Território Quilombola Vão Grande. Este recorte apresenta a reescrita da história *Os Três Porquinhos e o Lobo Mau*, com o objetivo de construir uma narrativa literária situada no contexto das comunidades quilombolas, evidenciando valores de resistência, identidade cultural e fortalecimento comunitário. Teoricamente, o projeto está pautado em autores como Munanga (2004), que discute identidade negra e diversidade cultural; Gomes (2017), que analisa relações étnico-raciais na educação; e Castilho (2018), que enfatiza a resistência cultural e a ancestralidade afro-brasileira. A história das três irmãs Jurema, Dandara e Acácia ressignifica a metáfora das casas e do “lobo mau” ao abordar elementos da ancestralidade e da luta contra a exploração de terras por agentes externos. Cada escolha de moradia, inspirada em práticas tradicionais como o uso de fibras de tucumã e cabaças, representa não apenas uma técnica de sobrevivência, mas também a preservação de saberes ancestrais. A figura do “lobo mau”, representada por um fazendeiro ganancioso, simboliza as constantes ameaças sofridas pelas comunidades quilombolas, enquanto a resistência coletiva reafirma a importância da união como instrumento de proteção cultural e social. O desfecho da narrativa, em que as irmãs conquistam formação acadêmica em Agronomia, Direito e Educação, evidencia a educação como caminho de emancipação e fortalecimento comunitário. Assim, a fábula adaptada atua como recurso pedagógico e literário que articula memória, ancestralidade e educação emancipatória, reafirmando a relevância da literatura infantojuvenil na valorização da cultura afro-brasileira.

Palavras-chave: Quilombolas. Literatura Infantojuvenil. Educação Emancipatória

RIO JAUQUARA: MERGULHO NA LINGUAGEM E CULTURA LOCAL

Neide Domingas Bento (EEJXB/JMB/SEDUC)
neidedomingas@hotmail.com

Nelyza Bento Inocencio (SMEC/JMB)
neyzainocencio44@gmail.com

Marcia Rezende de Sousa (EEJXB/JMB/SEDUC)
mariarezende.souza@hotmail.com

Madalena Santana de Sales (EEJXB/JMB/SEDUC)
madalenasales22@gmail.com

Marli Maria Bento (EEJXB/JMB/SEDUC)
marlibento546@gmail.com

GT 1 CIÊNCIAS E SABERES QUILOMBOLAS

RESUMO: As Comunidades ajudam na preservação do Rio Jauquara a dezenas ou até centenas de anos, onde gerações e gerações conseguiram sobreviver e se adaptar. O rio, tem sua nascente em uma comunidade acima do Território Vão Grande, é alimentado por vários córregos de pequenos a médio porte, alguns nos tempos de estiagem chegam a secar. Esse fato preocupa os moradores do Território Quilombola Vão Grande, pois ele é mais que um Rio, é nesse sentido que buscamos trabalhar a temática em sala de aula. O trabalho teve como objetivos de Compreender a cultura e a importância do Rio Jauquara para a comunidade quilombola, desenvolver habilidades de leitura, escrita, oralidade e pesquisa, utilizando o Rio Jauquara como tema central para aprofundar o conhecimento sobre a cultura local e a importância da preservação ambiental e incentivar o conhecimento sobre os temas ambientais e cultural das comunidades trazendo o dia 28 de abril como debate na defesa do rio. O estudo foi desenvolvido na Escola Quilombola José Mariano Bento, localizada na comunidade Baixio, Território Quilombola Vão Grande, Barra do Bugre/MT. Os participantes foram as turmas do 1º Ano do Ensino Médio, na disciplina de Eletiva Pré-Itinerário Formativo/LGG. Uma pesquisa qualitativa na perspectiva da pesquisa participante o instrumento para a produção dos dados foi roda de conversa com os mestres dos saberes. A fundamentação teórica foi alicerçada nos trabalhos de Castilho (2011), Freire (1996) e Silva (2022) e nos dispositivos legais DCNEEQ, BNCC, DRC-MT e na Lei 10.639/03, alterada pela 11.645/08. Os resultados evidenciaram que ao aliar etnosaberes dos moradores e conteúdos escolares pode ser o caminho para um ensino significativo, que contribua com o ensino e aprendizagem, os dados mostraram também a preocupação dos moradores e estudantes com o futuro do Rio Jauquara e toda a fauna e flora que habitam seu entorno. A fala de alguns moradores ao dizer que o Jauquara é vida, retrata a importância e o cuidado com o seu futuro.

Palavras-chave: Rio Jauquara. Educação Quilombola. Vão Grande. Etnossaberes

SABERES ANCESTRAIS E PARTICIPAÇÃO ATIVA POPULAR: A RESISTÊNCIA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA RIBEIRINHA FAMÍLIA OZÓRIO EM CORUMBÁ-MS

Mauricio Macedo Vieira (AEE/DINE/PROAFE/UEMS)
mauricio.vieira@uems.br

GT 1 CIÊNCIAS E SABERES QUILOMBOLAS

RESUMO: As experiências aplicadas e vivenciadas na Comunidade Quilombola Ribeirinha Família Ozório, no município de Corumbá-MS a partir do estágio pós-doutoral têm possibilitado a imersão no campo da educação popular onde as metodologias participativas dialogam com proximidade entre saberes, conhecimentos e resistência ancestral. Com o objetivo de ativar tecnologias populares de vigilância de base territorial para a população negra/quilombola propomos de maneira conjunta identificar, monitorar, comunicar e registrar o surgimento ou agravamento de risco, dificuldades de acesso e danos à saúde no contexto das mudanças climáticas, incluindo os impactos para a saúde de trabalhadores rurais ou ribeirinhos. A partir de uma abordagem qualitativa e análise interdisciplinar dos dados, combinadas com a etnografia e a pesquisa participante (ANGROSINO, 2009) busca-se estudar as características específicas da Comunidade Família Ozório quanto aos impactos climáticos na saúde, considerando os seus contextos culturais, saberes e cuidados tradicionais. Com essa pesquisa espera-se estimular as estratégias locais de enfrentamento à crise climática a partir da construção de instrumentos de vigilância em saúde e fortalecer as comunidades no desenvolvimento de práticas socioambientais. O estágio pós-doutoral está dentro de um projeto nacional intitulado – VERACIS - Vulnerabilidades Étnico-Raciais, Ambiente, Clima e Impacto na Saúde, tendo como agência financiadora a Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Hospital Albert Einstein. Teoricamente para as metodologias participativas utilizamos FREIRE (1967), CAMPOS; SPIGOLON (2016), FERNANDES; SILVA; MATTA; ROCHA (2019), ANGROSINO (2009), OLIVEIRA; JÚNIOR; DOMINGOS (2025), FRANCO (2012), dentre outros. Os resultados apontam que a participação popular, para além da simples consulta, configura-se no envolvimento e engajamento direcionado ao trabalho coletivo de maneira efetiva e mais produtiva. Outra evidência positiva constatou-se com a criação do Conselho Consultivo Comunitário onde todas as ações do projeto são previamente discutidas, acompanhadas e monitoradas pelos membros da comunidade, considerando a maior participação sendo das mulheres quilombolas.

Palavras-chave: Educação Quilombola. Mata Cavalos. Formação Docente. Etnossaberes

SABERES E SOBORES QUILOMBOLAS: A PAÇOCA DO BABAÇU COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA INTERDISCIPLINAR

Rosângela Dias da Cruz (SEDUC-MT)

rosangela.d.cruz@edu.mt.gov.br

Marilene Gomes Moraes Koberstain (SEDUC-MT)

marilene.koberstain@edu.mt.gov.br

Leilane Aparecida Moreira da Cruz (SEDUC-MT)

leilane.cruz@edu.mt.gov.br

Elson de Assunção Amorim (SEDUC-MT)

elson.amorim@edu.mt.gov.br

Elisa de Jesus Barbosa da Silva (SEDUC-MT)

elisab.12347@gmail.com

GT 1 CIÊNCIAS E SABERES QUILOMBOLAS

RESUMO: A experiência pedagógica realizada com estudantes do ensino médio da Escola Estadual Quilombola Reunidas de Cachoeira Rica, localizada em Chapada dos Guimarães-MT, teve como eixo central a produção da paçoca de babaçu, alimento tradicional das comunidades quilombolas que expressa práticas culturais. O babaçu, fruto de ampla relevância econômica, social e simbólica, foi escolhido como ponto de partida para integrar diferentes áreas do conhecimento, por meio de uma proposta pedagógica interdisciplinar que valorizou os etnossaberes, fortaleceu o pertencimento comunitário e promoveu aprendizagens significativas. O objetivo central do projeto foi promover aprendizagens significativas a partir da valorização dos etnossaberes quilombolas relacionados ao babaçu, utilizando a produção da paçoca como recurso pedagógico interdisciplinar. A metodologia foi organizada em etapas que partiram da escuta e da valorização dos conhecimentos tradicionais. Inicialmente, os estudantes investigaram junto a familiares e lideranças locais as práticas de preparo da paçoca de babaçu, seus usos e sentidos culturais. Em seguida, estudaram os valores nutricionais e sua importância histórica e econômica. Foram promovidas oficinas interdisciplinares com a participação de professores de Ciências, Matemática, História, Geografia, Língua Portuguesa, Educação Física e Arte. Nessas oficinas, os alunos acompanharam todas as etapas da produção da paçoca, desde a coleta do fruto e a quebra do coco até o preparo final. O processo foi documentado por meio de registros escritos, fotos, entrevistas e relatos orais, permitindo articular teoria e prática de forma viva e contextualizada. O aporte teórico do trabalho fundamentou-se na educação intercultural e decolonial, inspirada em Paulo Freire, que defende a centralidade da realidade cultural dos educandos no processo educativo; em Catherine Walsh, que propõe a ruptura com a colonialidade do saber e a valorização das pedagogias insurgentes; e em Suely Castilho, que contribui para a reflexão sobre a Educação Escolar Quilombola a partir da valorização dos territórios, da ancestralidade e das práticas pedagógicas comprometidas com os modos de vida das comunidades tradicionais. Esses referenciais permitiram sustentar a interdisciplinaridade como princípio metodológico, articulando diferentes áreas do conhecimento em diálogo com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Quilombola e a Base Nacional Comum Curricular. Os resultados alcançados demonstraram que a produção da paçoca de babaçu como recurso pedagógico interdisciplinar ampliou o aprendizado dos estudantes em diferentes dimensões. Eles desenvolveram habilidades científicas ao observar os processos de transformação dos alimentos,

aplicaram cálculos matemáticos ao lidar com medidas e proporções, aprofundaram a escrita e a oralidade nos registros produzidos e resgataram memórias coletivas ao ouvir narrativas familiares. A experiência fomentou reflexão crítica sobre sustentabilidade e economia solidária, reconhecendo o babaçu como recurso fundamental para a alimentação, a geração de renda e a preservação cultural da comunidade quilombola. Além disso, fortaleceu a autoestima e a identidade dos estudantes, ao legitimar os saberes de suas famílias como parte integrante do processo educativo. Conclui-se que a paçoca de babaçu, utilizada como recurso pedagógico interdisciplinar, possibilita integrar escola e comunidade, promover aprendizagens contextualizadas e contribuir para uma educação crítica, inclusiva e comprometida com a valorização das identidades quilombolas e dos territórios em que esses saberes são cultivados.

Palavras-chave: Educação Quilombola. Etnossaberes. Interdisciplinaridade

SEMENTES DE RESISTÊNCIA: SABERES, MEMÓRIA E EDUCAÇÃO QUILOMBOLA NO TERRITÓRIO DE MATA CAVALO (MT)

Claudicéia Celeste da Siva (EEQTCA/SEDUC)
claudiceiamt@gmail.com

Eliane do Prado Silva(EEQTCA/SEDUC)
assessoriacamponovoparecismt@gmail.com

Fátima Oliveira Silva(EEQTCA/SEDUC)
fatima.oliveira@edu.mt.gov.br.

Sônia Beatriz Monteiro Maciel (EEQTCA/SEDUC)
sonia.maciel@edu.mt.gov.br.

GT 1 CIÊNCIAS E SABERES QUILOMBOLAS

RESUMO: Este estudo emerge da vivência comunitária e do compromisso coletivo com a preservação das sementes crioulas no território quilombola de Mata Cavallo, localizado no município de Nossa Senhora do Livramento, estado de Mato Grosso. Tal experiência transcende a dimensão agrícola, configurando-se como uma prática sociocultural e educativa que expressa identidade, resistência e ancestralidade. Este trabalho tem como objetivo principal propor e fortalecer a criação de um Banco de Sementes Crioulas Quilombolas no estado de Mato Grosso, com vistas à proteção das variedades tradicionais e à garantia de sua continuidade para as futuras gerações. Este projeto, em andamento, está sendo desenvolvido coletivamente por meio de observações de campo, rodas de diálogo valorizando a oralidade, a memória e a partilha de saberes, com a turma do 1º ano ensino médio de tempo integral bem como as professoras das áreas de Projeto de Vida, Matemática, Linguagens e História, na realizada na Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição Arruda. Teoricamente, este trabalho está subsidiado por Freire (1979; 2016), Santos (2010), Nêgo Bispo (2015,2023), D'Ambrosio (1990,2001), Vieira (2015), Charlot(2000), dentre outros. Os resultados preliminares evidenciam, que a escola quilombola teve papel central como espaço de mediação entre o saber vernacular e o saber científico, permitindo que os estudantes reconhecessem o valor pedagógico das práticas de cada roçado, em cada mutirão, em cada gurdião e guardião de sementes. Essa iniciativa busca salvaguardar um patrimônio biocultural essencial, promovendo a valorização dos saberes ancestrais e a integração entre território, educação e sustentabilidade.

Palavras-chave: Educação Escolar Quilombola. Etnossaberes. Sementes Crioulas. Saberes Científicos

TRADIÇÃO QUE ALIMENTA: O BISCOITO TRADICIONAL DA FESTAÇA E OS SABORES DA CULTURA QUILOMBOLA VILABELENSE

Marcos Vinicius de Almeida Ramos (SEDUC)
marcos-vinicius.ramos@edu.mt.gov.br
Mirlei Fernandes Carneiro (SEDUC)
mirlei.caneiro@edu.mt.gov.br

GT 1 CIÊNCIAS E SABERES QUILOMBOLAS

RESUMO: O presente trabalho apresenta o projeto “Tradição que Alimenta: o Biscoito Tradicional da Festaça e os Sabores da Cultura Quilombola Vilabelense”, desenvolvido como parte da V Mostra Cultural e Científica, fundamentado na Resolução CNE/CEB nº 08/2012, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. A proposta teve como objetivo valorizar a cultura afro-brasileira e os saberes tradicionais das comunidades quilombolas vilabelenses por meio da confecção artesanal do biscoito tradicional, considerado patrimônio imaterial e expressão de memória, afeto e resistência. A iniciativa partiu da compreensão de que a culinária é um importante instrumento de preservação da identidade e de fortalecimento da memória coletiva. Ao propor o resgate da receita tradicional do biscoito de araruta, o projeto articulou saberes de forma interdisciplinar, promovendo a integração entre tradição, conhecimento e aprendizagem significativa. Fundamentou-se nas competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), que orientam o desenvolvimento integral dos estudantes e a valorização da diversidade cultural, bem como nas Diretrizes Curriculares de Mato Grosso, que incentivam o reconhecimento da identidade quilombola e dos saberes ancestrais. Em consonância com a concepção de “pedagogia do pertencimento” defendida por Candida Soares da Costa (2011), o projeto reconhece a escola como espaço de construção identitária e de afirmação cultural dos sujeitos quilombolas. As atividades desenvolvidas incluíram rodas de conversa com mestres de saberes locais, exibição de vídeos sobre a produção artesanal do biscoito, leitura e escrita de receitas, observações do processo de preparo e confecção de embalagens inspiradas na estética africana e afro-brasileira. O processo culminou em uma exposição cultural com degustação dos biscoitos, cartazes e registros audiovisuais produzidos pelos estudantes, reforçando o protagonismo juvenil e o diálogo entre tradição e conhecimento escolar. A avaliação ocorreu de forma contínua, considerando a participação, o trabalho em grupo, a produção oral e escrita e a criatividade nas releituras culturais. Como resultados, observou-se o fortalecimento da identidade quilombola, o respeito à diversidade cultural e o desenvolvimento de competências linguísticas, científicas e artísticas integradas. Assim, o projeto reafirma o papel da educação quilombola como prática pedagógica que articula ancestralidade, território e dignidade cultural, evidenciando a escola como espaço de valorização das culturas afro-brasileiras e de reconhecimento dos saberes locais como formas legítimas de produção de conhecimento.

Palavras-chave: Cultura Quilombola. Educação Afro-Brasileira. Patrimônio Imaterial. Interdisciplinaridade. Valorização Cultural

TRANÇAS AFRICANAS NA ESCOLA: RAÍZES QUE CONTAM HISTÓRIAS E ENTRELAÇAM NOSSA CULTURA

Lauzinete Oliveira Miranda (SEDUC)

lauzinete.miranda@edu.mt.gov.br

Marileide do Carmo Amorim Arruda (SEDUC-GEPEQ/UFMT)

marileide.arruda@edu.mt.gov.br

Suely Dulce de Castilho (PPGE/GEPEQ-UFMT)

castilho.suely@gmail.com

GT 1 CIÊNCIAS E SABERES QUILOMBOLAS

RESUMO: O projeto “Tranças Africanas na escola: Raízes que Contam Histórias, e Entrelaçam Nossa Cultura” foi desenvolvido na Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição Arruda, com estudantes do 4º ao 9º ano do Ensino Fundamental, situada em uma comunidade quilombola do município de nossa Senhora do Livramento. A ação teve como foco a valorização dos etnossaberes afro-brasileiros e das práticas culturais locais, promovendo a integração entre escola e comunidade por meio da arte de trançar cabelos, entendida como expressão de identidade, memória e resistência. A proposta surgiu da necessidade de reconhecer o papel das tranças africanas como símbolo de ancestralidade e forma de comunicação cultural, em consonância com a Lei nº 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro- Brasileira e Africana. O projeto buscou ainda fortalecer a autoestima dos estudantes, ampliar o respeito à diversidade étnico-racial e aproximar o saber tradicional das trançadeiras quilombolas dos conteúdos escolares. A metodologia adotada foi participativa e intercultural, organizada em etapas que envolveram: roda de conversa para levantamento dos conhecimentos prévios sobre tranças e cultura africana; pesquisa orientada sobre a origem e os significados das tranças nas comunidades afro- brasileiras; oficina prática com a presença de mulheres trançadeiras da comunidade, que compartilharam suas histórias, técnicas e vivências; produção artística e textual, com elaboração de desenhos, poemas e relatos sobre o tema. O referencial teórico fundamentou-se em autores que discutem a educação das relações étnico-raciais e os saberes afro-brasileiros, como Nilma Lino Gomes (2005), ao destacar a importância da formação docente antirracista; Kabengele Munanga (2004), ao tratar da identidade negra e da mestiçagem. Esses referenciais sustentaram uma prática educativa comprometida com a decolonização do currículo e com o reconhecimento das sabedorias ancestrais como fontes legítimas de conhecimento. Os resultados evidenciaram o fortalecimento da identidade quilombola, o aumento da autoestima dos estudantes negros e a valorização das trançadeiras como detentoras de saberes culturais. A aproximação entre escola e comunidade promoveu uma vivência educativa sensível e transformadora, onde o ato de trançar o cabelo assumiu significado político, estético e pedagógico. Constatou-se ainda o desenvolvimento do respeito à diversidade.

Palavras-chave: Etnossaberes. Tranças Africanas. Educação Escolar quilombola



SemiEdu 2025
VII ENCONTRO DE EDUCAÇÃO
ESCOLAR QUILOMBOLA

Confluências entre saberes
quilombolas, indígenas, camponeses
e acadêmicos na construção de
educações decoloniais

GT 2 ETNOLINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

ORGANIZAÇÃO

ISSN 2764 - 5894



ESCOLAS ESTADUAIS QUILOMBOLAS
DE MT

E.E.Q. VERENA LEITE DE BRITO
E.E.Q. TEREZA CONCEIÇÃO ARRUDA
E.E.Q. MARIA DE ARRUDA MULLER
E.E.Q. REUNIDAS DE CACHOEIRA RICA
E.E.Q. JOSÉ MARIANO BENTO

APRENDENDO EM SILÊNCIO: A DEFICIÊNCIA AUDITIVA E A EDUCAÇÃO

Rosilene Rodrigues Maruyama
rosemaruyama@hotmail.com
Vitor Gabriel da Silva Carvalho
vitordasilva4445@gmail.com

GT 2 ETNOLINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

RESUMO: Este trabalho discute os impactos da deficiência auditiva nos processos de aprendizagem, com foco na inclusão de alunos de baixa audição em escolas para ouvintes. A comunicação oral tem como objetivo apresentar uma discussão sobre a educação especial a partir da vivência do autor, que busca contribuir para o potencial de aprendizagem de alunos com dificuldades, trazendo à tona questões sobre inclusão e aprendizado. O trabalho relata a experiência pessoal do autor, que nasceu em Cuiabá e estuda em uma escola com alunos ouvintes na comunidade de Abolição, em Santo Antônio do Leverger, Mato Grosso. O objetivo principal é oferecer uma perspectiva sobre a educação inclusiva sob o ponto de vista de quem tem baixa audição. A metodologia empregada é a fenomenologia da educação, que se concentra na experiência de aprendizagem de um aluno surdo em uma sala de aula com alunos ouvintes. A discussão é embasada nos estudos de BARBOSA (2015), Cruz (2011) e Merleau-Ponty (2011) para analisar os desafios do diagnóstico tardio, o impacto da perda auditiva e o processo de comunicação. Os resultados mostram que a inclusão vai além da presença física do aluno, exigindo um esforço de toda a turma e da escola para criar um ambiente acolhedor. O autor narra sua jornada pessoal, desde a percepção da sua diferença na infância até a superação dos obstáculos com o apoio da família e dos professores. Um exemplo de sucesso é a conquista de uma bolsa de pesquisa do CNPq, demonstrando que a deficiência auditiva não limita o potencial do indivíduo. A experiência reforça a necessidade de escolas, professores e pais estarem preparados e de toda a comunidade escolar se envolver no processo inclusivo para que todos os alunos se sintam valorizados.

Palavras-chave: Deficiência Auditiva. Inclusão escolar. Aprendizagem

A RIQUEZA DA FALA QUILOMBOLA: IDENTIDADE E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA A PARTIR DOS ETNOSSABERES

Cleide Germana da Conceição Pereira Jardim (EECDFAC/SEDUC)
cleide.conceicao@edu.mt.gov.br

Dhayner Vieira dos Santos (EECDFAC/SEDUC)
dhayner.santos@edu.mt.gov.br

Anna Theresa Karoline de Oliveira Barros (EECDFAC/SEDUC)
anna.barros@edu.mt.gov.br

GT 2 ETNOLINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

RESUMO: O reconhecimento e a valorização das expressões linguísticas e dos etnossaberes das comunidades quilombolas são fundamentais para a implementação de uma educação escolar que respeite as especificidades culturais e contribua para a autoestima dos estudantes. O trabalho aqui apresentado descreve um plano de aula do Curso de Extensão “Práticas Em Cultura Quilombola: As Contribuições Etnossaberes das Festas De Santo Dos Quilombos Contemporâneos para Educação Escolar/GEPEQ/UFMT, realizado na Escola Estadual do Campo Dom Francisco de Aquino Corrêa, no Distrito de Cangas, Poconé-MT, focado na intersecção entre Linguagens (Língua Portuguesa e Artes) e a cultura quilombola. O objetivo central desta experiência pedagógica, que atendeu a 49 estudantes do 1º ano do Ensino Médio, foi o de promover o reconhecimento e a legitimidade da fala dos quilombos de Poconé, analisando o fenômeno da variação linguística a partir da perspectiva da identidade e história comunitária. A metodologia se estruturou em três aulas, utilizando a escuta de narrativas e cantigas dos mestres e mestras dos quilombos Morrinho e Chumbo para levantar etnossaberes como as expressões "capeloa", "zoada" e "xaria". Em termos teóricos, a experiência se alinha com a perspectiva de que a língua é um ato de identidade e é constitutiva de cada ser humano e sua comunidade, sendo um espaço simbólico de identificação. A Sociolinguística Variacionista de autores como William Labov pode ser utilizada para analisar e sistematizar a variação linguística como inerente à língua e de caráter social. A valorização dos etnossaberes e da tradição oral se conecta à Educação Quilombola (EQ) e a uma pedagogia decolonial, conforme proposto por autores como Paulo Freire, Suely Dulce de Castilho e Kabele Munanga, que defendem a legitimação dos valores culturais do povo no ambiente escolar. A atividade principal consistiu na pesquisa de campo (entrevistas) e na produção coletiva do "Glossário Vivo dos Quilombos", no qual os grupos elaboraram verbetes contendo a palavra/expressão, seu significado, o contexto de uso e a fonte (mestre ou mestra). O processo busca desnaturalizar preconceitos, promover o respeito à diversidade linguística e cultural, e conectar os conhecimentos locais ao currículo escolar. Os resultados são avaliados pela participação, pela qualidade da pesquisa e pela criatividade na elaboração do glossário.

Palavras-chave: Etnossaberes. Educação Escolar Quilombola. Educação do Campo

ARTE CONTEMPORÂNEA: A TRADUÇÃO DA RESISTÊNCIA NA IMAGEM DAS MULHERES NEGRAS

Cleusa Albilía de Almeida (PPGECCO (IFMT - Campus São Vicente)

albilía.almeida@ifmt.edu.br

Reinaldo Gomes de Arruda (IFMT - Campus São Vicente)

reinaldo.arruda@ifmt.edu.br

Viviane dos Santos Almeida (IFMT – Campus São Vicente)

vivianealmeida.edu@gmail.com

GT 2 ETNOLINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

RESUMO: A proposta artístico-cultural "Arte Contemporânea: a tradução da resistência na imagem das mulheres negras" surgiu a partir de uma oficina realizada em novembro de 2024, produzidos pelos/as alunos/as sob orientação do artista plástico e professor de Arte Reinaldo Arruda, no Instituto Federal de Mato Grosso- Campus São Vicente, durante o Circuito de Arte e Cultura, intitulado: Vozes Negras celebrando a diversidade no IFMT - campus São Vicente. A oficina teve como objetivo promover a reflexão crítica e estética sobre a luta antirracista a partir das trajetórias de mulheres negras e ativistas que se destacaram na defesa dos direitos humanos, da equidade racial e da valorização da identidade negra. Por meio de pesquisas biográficas, leituras de obras e discussões em sala, os(as) estudantes mergulharam no universo intelectual e político de autoras como Conceição Evaristo, Cida Bento, Lélia Gonzalez, Angela Davis, Luciene Carvalho, Tereza de Benguela, Dandara entre outras vozes fundamentais na construção de saberes e resistências. A culminância desse processo se deu na criação de obras pictóricas contemporâneas, nas quais os(as) alunos(as) representaram essas mulheres em telas que expressam não apenas a imagem, mas também a potência de suas ideias, lutas e legados. O resultado foi um conjunto expressivo de trabalhos que articulam arte, memória e justiça social, reafirmando o papel da educação e da cultura com caráter formativo e transformador. Vamos levar e expor 10 telas nos espaços de circulação durante o evento. Essa proposta se insere no compromisso do IFMT- Campus São Vicente com a valorização da diversidade, da inclusão e do combate ao racismo, evidenciando como a arte pode ser um canal sensível e potente de diálogo e resistência.

Palavras-chave: Mulheres-negras. Antirracista. Arte. Etnolinguagens

DIÁLOGOS, DESAFIOS E PEI NA INCLUSÃO DE ESTUDANTES AUTISTAS: REVISÃO SISTEMÁTICA

Nylza Batista da Silva (PROFEI, GEPDSE/UFMT)

nylza.batista@gmail.com

Luciano da Silva Pereira (GEPDSE/UFMT)

luciano.profufmt@gmail.com

GT 2 ETNOLINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

RESUMO: Com o objetivo de compreender como os diálogos e disputas políticas educacionais influenciam a elaboração e implementação do PEI, este trabalho apresenta os resultados de uma revisão sistemática de estudos, dissertações, teses e documentos legais relacionados ao tema. Esta pesquisa está em curso no Programa de Pós-graduação em Educação Inclusiva (PROFEI) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), vinculada ao Grupo de Pesquisa Formação de Professores, Diversidade e História em Contextos Socioculturais e Educacionais (GEPDSE/UFMT). A inclusão escolar de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um direito legalmente assegurado por legislações nacionais e internacionais, como a Constituição Federal (1988), a LDB (1996), a Lei Brasileira de Inclusão (2015) e a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência da ONU (2006). No entanto, a implementação do Plano de Ensino Individualizado (PEI) ainda enfrenta desafios práticos, como falta de tempo para elaboração coletiva, carência de formação continuada dos docentes, divergências entre professores da sala regular e do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e dificuldades na adaptação curricular. Tomou-se como fonte de dados produções acadêmicas e normativas, incluindo artigos científicos, livros, legislações e documentos oficiais, analisando sua contribuição para a prática docente e para a efetividade do PEI. Foram utilizados como referência Batista (2021), Marin e Braun (2013), Braun e Vianna (2011), DSM-5 (APA, 2014), Glat e Pletsch (2013), Sacristán (1998), Oliveira e Scheuer (2019), Lei Brasileira de Inclusão (2015) e Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008). Os resultados indicam que a cooperação entre educadores, coordenadores pedagógicos e familiares fortalece o planejamento individualizado, enquanto a formação continuada e a compreensão crítica das diretrizes legais e curriculares são determinantes para a efetividade do PEI. Ao mesmo tempo, persistem lacunas significativas, especialmente em escolas públicas estaduais, que exigem políticas de apoio, recursos adequados e valorização do trabalho docente.

Palavras-chave: Inclusão escolar. Transtorno do Espectro Autista. Plano de Ensino Individualizado. Políticas educacionais

DO QUINTAL À SALA DE AULA: BRINCADEIRAS TRADICIONAIS E O FORTALECIMENTO DA CULTURA QUILOMBOLA

Tatiane Veloso(EEQTCA/SEDUC)
tatiane.veloso@edu.mt.com.br

GT 2 ETNOLINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

RESUMO: O trabalho pedagógico desenvolvido com os estudantes do 3º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Professora Tereza Conceição Arruda, situada na comunidade quilombola Mata Cavalo, teve como ponto de partida a valorização da cultura popular, da memória afetiva e da educação patrimonial. A iniciativa buscou reconhecer o território quilombola como espaço de produção de saberes legítimos e fortalecer a identidade cultural local por meio do resgate das brincadeiras tradicionais, compreendidas como práticas carregadas de sentidos históricos e afetivos. Realizado com jovens quilombolas, o projeto fundamentou-se no diálogo intergeracional, especialmente na escuta das memórias dos mais velhos da comunidade, considerados guardiões da ancestralidade e da história coletiva. Essa aproximação ressaltou a importância da transmissão oral de saberes e da convivência comunitária como elementos essenciais da formação identitária. O objetivo central foi fortalecer a identidade cultural da comunidade por meio do resgate, registro e valorização das brincadeiras tradicionais, compreendendo-as como expressões da memória quilombola e como práticas educativas significativas. Pretendeu-se, ainda, promover a integração entre gerações e estimular nos estudantes habilidades de pesquisa, registro, oralidade e leitura do mundo. A metodologia adotada envolveu pesquisa de campo com entrevistas orais realizadas junto aos moradores mais antigos, que compartilharam lembranças sobre brincadeiras como amarelinha, pular corda, pião, esconde-esconde, bola de gude e pega-pega. Os estudantes registraram os relatos por meio de textos, gravações e anotações. Posteriormente, as informações coletadas foram sistematizadas em cartazes, dramatizações, apresentações orais e rodas de conversa, valorizando a participação ativa dos estudantes e o uso da oralidade como eixo estruturante do processo educativo. As atividades buscaram integrar dimensões cognitivas, afetivas e culturais, promovendo aprendizagem significativa ancorada no território. Os principais referenciais teóricos que orientaram o trabalho dialogam com autores da educação das relações étnico-raciais e dos estudos afro-brasileiros. Nilma Lino Gomes (2012) contribui ao compreender a cultura como eixo central na formação escolar de estudantes negros e quilombolas. Kabengele Munanga (2004) destaca a ancestralidade e a memória coletiva como fundamentos da identidade negra e formas de resistência ao apagamento histórico. bell hooks (1994) argumenta que a educação deve ser espaço de diálogo, afeto e pertencimento, capaz de transformar experiências em aprendizagem crítica. Muniz Sodré (2002) reforça a oralidade como linguagem fundadora das culturas negras, enquanto Lélia Gonzalez (1988) evidencia a necessidade de uma educação comprometida com a valorização da cultura afro-brasileira e o enfrentamento ao racismo estrutural. Os resultados demonstraram que o projeto fortaleceu a identidade quilombola, valorizou memórias comunitárias e reconheceu saberes tradicionais como patrimônio educativo.

Palavras - chave: Identidade Quilombola. Identidade Cultural. Ancestralidade. Saberes Tradicionais

ENTRE SABERES, SABORES E CULTURA: DESCOLONIZANDO O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COM PRÁTICAS DE ENSINO QUILOMBOLA

Mariana Thaís Silva de Brito (SEDUC)
mariana.brito@edu.mt.gov.br

GT 2 ETNOLINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

RESUMO: A Educação Escolar Quilombola, instituída pela Resolução CNE nº 8/2012, representa uma importante conquista das comunidades quilombolas e, ao mesmo tempo, um desafio para nós, educadoras comprometidas com a valorização da identidade, da cultura e dos saberes quilombola. Diante disso, busquei promover uma prática que unisse os conteúdos da Língua Portuguesa à ancestralidade quilombola presente em nosso território. O objetivo desta comunicação é apresentar uma prática pedagógica exitosa desenvolvida por mim durante a semana comemorativa dos 273 anos de Vila Bela da Santíssima Trindade, primeira capital de Mato Grosso pela resistência e pela cultura negra. A proposta buscou ensinar o gênero textual injuntivo a partir das comidas típicas do café da manhã vilabelense, como biscoito, paçoca de pilão, massaco, bolo de arroz e chicha, valorizando os saberes e as práticas alimentares tradicionais. A experiência foi realizada na Escola Estadual Quilombola Verena Leite de Brito, com a turma do 9º B do Ensino Fundamental II. Os estudantes foram convidados a resgatar receitas ancestrais e a conhecer as tecnologias sociais que auxiliam na produção e conservação dessas iguarias, como o uso de utensílios tradicionais, modos de preparo coletivos e técnicas sustentáveis transmitidas entre gerações. A metodologia baseou-se na educação libertadora (FREIRE, 1979; 2016), que valorizam o diálogo e a relação entre teoria e prática. A partir das receitas, os estudantes produziram textos injuntivos, analisando sua estrutura, e culminaram a atividade com um café da manhã coletivo, no qual prepararam e degustaram as comidas seguindo os textos por eles elaborados. Do ponto de vista teórico, o projeto fundamenta-se na compreensão de que a escola deve reconhecer e valorizar os saberes da comunidade quilombola como forma de resistência e de construção de identidades (GOMES, 2017). Apoia-se, ainda, em Munanga (2004), que ressalta a importância do fortalecimento da identidade negra e quilombola. O trabalho dialoga com a concepção de descolonização dos currículos (GOMES, 2017), entendida como processo que exige ruptura epistemológica e mudança nas relações de poder, promovendo uma educação democrática, plural e emancipatória. A proposta articula-se à Lei nº 10.639/2003 e às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (BRASIL, 2004), reafirmando o compromisso com a valorização da identidade quilombola e a promoção de uma educação antirracista. Durante a prática, emergiram memórias e saberes identitários, como o relato de um aluno sobre a Dança do Congo, manifestação tradicional de resistência e fé do povo vilabelense. Observou-se entusiasmo e engajamento dos estudantes, que se reconheceram produtores de saberes, fortalecendo autoestima e pertencimento comunitário. Conclui-se que o ensino de Língua Portuguesa, vinculado à cultura local, torna-se instrumento de valorização da ancestralidade e de descolonização do conhecimento, reafirmando a escola como espaço de resistência e preservação da memória coletiva.

Palavras-chave: Educação Quilombola. Identidade. Saberes tradicionais. Currículos

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Lenir Aparecida Art (/PPGEDU Mestrado -UNILA)

leart2020@gmail.com

Luciano da Silva Pereira (Docente – UNILA)

luciano.profufmt@gmail.com

GT 2 ETNOLINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

RESUMO: O trabalho encontra-se em andamento no Programa de Pós-graduação Profissional em Educação (PPGEDU) da Universidade Federal da Integração Latino- Americana (UNILA), desenvolvido no âmbito do Grupo de Pesquisa Formação de Professores, Diversidade e História em Contextos Socioculturais e Educacionais (GEPDSE/UNILA). A Educação Matemática nos anos iniciais, quando articulada a programas de formação continuada de professores, tem o potencial de consolidar o processo ensino-aprendizagem. A questão central consiste em compreender como planejar e executar uma formação docente vinculada às necessidades reais da prática pedagógica. Este trabalho apresenta os resultados de uma revisão sistemática da literatura, com obras publicadas entre 2003 e 2025, acerca da formação continuada de professores do Ensino Fundamental I na área de Educação Matemática. Foram consideradas produções acadêmicas disponíveis em repositórios de universidades brasileiras, e nas bases de dados SciELO, Google Scholar e Portal CAPES, em paralelo a documentos normativos como a Base Nacional Comum Curricular. A coleta utilizou descritores em português e inglês relacionados a formação continuada, educação matemática, letramento e tecnologias digitais, incluindo 25 trabalhos entre dissertações, teses e artigos, analisados por meio de eixos temáticos. O estudo fundamenta-se em Radford (2021), Santos (2020), Ubagai (2021), Fernandes (2023), entre outros, que discutem letramento matemático, etnomatemática, práticas pedagógicas e uso de tecnologias digitais. Os resultados indicam que a formação continuada mais efetiva é aquela articulada ao cotidiano escolar e mediada de forma colaborativa, com práticas contextualizadas e críticas. Evidenciou-se ainda a importância da incorporação de metodologias como modelagem matemática e etnomatemática, além da utilização de recursos digitais, que somam tanto na participação discente quanto a autonomia docente. Conclui-se que formações pautadas na realidade escolar formam currículos integradores, críticos e socialmente pertinentes.

Palavras-chave: Educação Matemática. Formação Continuada. Ensino Fundamental I. Tecnologias Digitais. Etnomatemática

RELATO DE AÇÕES DO PROJETO INTERDISCIPLINAR DANÇA DO SIRIRI NA ESCOLA ESTADUAL ANTÔNIO GARCIA-COMUNIDADE 120 POCONÉ/MT

Cilene Rodrigues dos Santos (SEDUC-MT)
cilene.rodrigues@edu.mt.gov.br
Purcina Dantas de Oliveira (SEDUC-MT)
purcina.oliveira@edu.mt.gov.br
Silmara Pinheiro da Silva (SEDUC-MT)
marapinho2508@gmail.com
Fernanda Aires (SEDUC-MT)
fernanda.aires@edu.mt.gov.br

GT 2 ETNOLINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

RESUMO: O presente relato apresenta as ações desenvolvidas no âmbito do projeto interdisciplinar “Dança do Siriri”, realizado na Escola Estadual Antônio Garcia, localizada na Comunidade 120, município de Poconé/MT. A instituição atende estudantes de comunidades quilombolas, tradicionais e fazendas, constituindo um espaço de pluralidade cultural. Nesse cenário, a proposta surge como oportunidade de valorizar a dança do Siriri, manifestação típica do mato-grossense, reconhecida como expressão viva da identidade regional. Mais do que um projeto pedagógico, trata-se de um movimento que integra escola, comunidade e cultura, favorecendo aprendizagens significativas e fortalecendo vínculos sociais e afetivos. O objetivo central consistiu em promover o reconhecimento e a vivência da dança do Siriri como prática educativa interdisciplinar, articulando conteúdos escolares a saberes locais, de modo a estimular a identidade cultural, a criatividade e a socialização dos estudantes. A experiência buscou ainda desenvolver o protagonismo juvenil e valorizar os etnossaberes transmitidos entre gerações, transformando-os em eixo para a prática pedagógica. As ações foram conduzidas a partir da pedagogia de projetos, com etapas que envolveram a escuta dos estudantes acerca de seus conhecimentos prévios, a realização de pesquisas em registros orais, escritos e audiovisuais, bem como entrevistas com mestres da cultura pantaneira. Oficinas práticas de canto, percussão e dança foram promovidas em parceria com a comunidade, enquanto professores de diferentes áreas integraram os conteúdos curriculares ao tema. A interdisciplinaridade possibilitou que a Língua Portuguesa trabalhasse a escrita de relatos e textos poéticos, a História investigasse a formação cultural da região, a Geografia abordasse o território pantaneiro, a Matemática explorasse ritmos e contagens, e a Educação Física desenvolvesse a expressão corporal. A experiência culminou em um sarau cultural de Siriri, aberto às famílias e à comunidade escolar, fortalecendo o vínculo entre escola e território. O embasamento teórico dialoga com Paulo Freire (1996), ao valorizar os saberes dos educandos; com Candau (2012) e Arroyo (2013), ao compreender a escola como espaço intercultural; e com Horta (1999), ao destacar a educação patrimonial. Soma-se Castilho (2007), que reconhece o Siriri como patrimônio imaterial formador de identidades em Mato Grosso. Os resultados evidenciaram aumento da autoestima, fortalecimento da identidade coletiva e maior engajamento nos conteúdos curriculares.

Palavras-chave: Siriri. Cultura local. Interdisciplinaridade

TEXTOS INSTRUCIONAIS: INSTRUMENTO DE LETRAMENTO EM ESCOLA QUILOMBOLA

Marcia Rezende de Sousa (GEPEQ-UFMT)

marciarezende.souza@hotmail.com

Eliene P. Lima (GEPEQ-UFMT)

elienebbu@hotmail.com

Joacil J. Costa ((GEPEQ-UFMT)

joaciljorge98@gmail.com

Plinio O. Carvalho (EMEBPAMC)

pliniocarvalhotga@gmail.com

GT 2 ETNOLINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

RESUMO: O presente estudo analisa o uso de textos instrucionais no processo de ensino e aprendizagem em uma escola quilombola, considerando as especificidades culturais, linguísticas e sociais dessa comunidade. A pesquisa parte do pressuposto de que o texto instrucional, ao orientar ações e comportamentos, pode contribuir não apenas para o desenvolvimento da leitura e da escrita funcional, mas também para a formação crítica dos estudantes frente às práticas de preconceito e exclusão. O objetivo foi investigar como o trabalho com textos instrucionais pode promover o letramento significativo e o respeito à diversidade. A metodologia adotou uma abordagem qualitativa e descritiva, com observação participante e análise das produções textuais de turmas do Ensino Fundamental. As atividades envolveram a produção de receitas instrucionais que ensinavam “como não ter atitudes preconceituosas”, buscando explicar e instruir sobre questões linguísticas que geram exclusões sociais. A fundamentação teórica baseou-se em Bakhtin (1992), acerca dos gêneros discursivos e suas funções sociais; Kleiman (1995), que compreende o letramento como prática social; e Freire (1987), cuja pedagogia defende a valorização do contexto cultural e a consciência crítica. Os resultados evidenciaram que o trabalho com textos instrucionais contextualizados à realidade quilombola fortalece a identidade cultural, amplia a competência comunicativa e estimula a reflexão sobre o uso ético e respeitoso da linguagem. As produções dos estudantes demonstraram compreensão sobre a necessidade de combater preconceitos e valorizar a diversidade. Conclui-se que os textos instrucionais, quando articulados à reflexão crítica, são instrumentos potentes de letramento e transformação social em escolas quilombolas.

Palavras-chave: Letramento. Textos Instrucionais. Educação Quilombola



SemiEdu 2025
VII ENCONTRO DE EDUCAÇÃO
ESCOLAR QUILOMBOLA

Confluências entre saberes
quilombolas, indígenas, camponeses
e acadêmicos na construção de
educações decoloniais

GT 3 ETNOCIÊNCIAS DA NATUREZA E SUAS TECNOLOGIAS

ORGANIZAÇÃO

ISSN 2764 - 5894



ESCOLAS ESTADUAIS QUILOMBOLAS
DE MT

E.E.Q. VERENA LEITE DE BRITO
E.E.Q. TEREZA CONCEIÇÃO ARRUDA
E.E.Q. MARIA DE ARRUDA MULLER
E.E.Q. REUNIDAS DE CACHOEIRA RICA
E.E.Q. JOSÉ MARIANO BENTO

HORTA ESCOLAR: APRENDIZAGEM, SUSTENTABILIDADE E VALORIZAÇÃO DO TRABALHO NO CAMPO

Jordana Campos de Oliveira (SEDUCMT)

jordana.oliveira@edu.mt.gov.br

Márcia de Almeida Nascimento (SEDUC-MT)

marcia.a.nascimento@edu.mt.gov.br

Rosângela do Carmo de Amorim de Almeida (SEDUC-MT)

rosangela-carmo.almeida@edu.mt.gov.br

Rosenil Santos Xavier de Arruda (SEDUC-MT)

rosenil.arruda@edu.mt.gov.br

GT 3 ETNOCIÊNCIAS DA NATUREZA E SUAS TECNOLOGIAS

RESUMO: O presente trabalho apresenta a experiência desenvolvida com a horta escolar na Escola Estadual Antônio Garcia, localizada no município de Poconé/MT, como estratégia pedagógica interdisciplinar para promover aprendizagens significativas, sustentabilidade e valorização do trabalho no campo. A iniciativa surgiu da necessidade de aproximar os estudantes de práticas educativas contextualizadas, capazes de unir teoria e prática nas aulas de Ciências e Saberes do Campo, fortalecendo a compreensão da agricultura familiar como forma de permanência no território e de geração de renda. Nesse sentido, a horta escolar configura-se como um espaço de vivência e aprendizagem coletiva, em que alunos, professores e funcionários se envolvem em processos de construção de saberes que dialogam com a realidade das famílias rurais. O objetivo do trabalho foi incentivar a aprendizagem dos educandos por meio de práticas pedagógicas relacionadas ao cultivo de hortas, destacando a importância do trabalho no campo como alternativa de sustento, renda complementar e permanência da juventude na agricultura familiar. A proposta buscou ainda valorizar os conhecimentos tradicionais trazidos pelos estudantes e suas famílias, promovendo a sustentabilidade e a consciência ambiental como fundamentos para a melhoria da qualidade de vida. A metodologia adotada baseou-se em aulas teóricas e práticas integradas ao currículo. Os estudantes participaram ativamente da limpeza da área, construção dos canteiros, preparo do solo, plantio de sementes e acompanhamento do crescimento das hortaliças. Essa prática coletiva foi articulada às aulas de Ciências e Saberes do Campo, em que foram discutidos conceitos de ecologia, alimentação saudável, ciclos naturais e sustentabilidade. As atividades envolveram, também, funcionários da escola, fortalecendo o caráter comunitário e colaborativo do projeto. O referencial teórico apoia-se em autores que refletem sobre a educação contextualizada e a valorização dos saberes tradicionais. Morgado (2008) e Freire (2008) destacam a horta escolar como laboratório vivo de aprendizagem e cidadania. Suely Castilho (2007) contribui ao evidenciar a importância de práticas culturais e comunitárias como meios de fortalecimento da identidade local e da sustentabilidade. Já Marileide do Carmo Amorim Arruda (2025) enfatiza os etnossaberes e as tecnologias sociais como elementos formadores de práticas pedagógicas inclusivas e transformadoras, fundamentais para a educação do campo. Essas contribuições reforçam a horta escolar como espaço de educação ambiental, patrimonial e comunitária. Os resultados demonstraram que a horta escolar potencializou a aprendizagem, ao tornar os conteúdos curriculares mais próximos da realidade dos

estudantes. Houve maior engajamento dos alunos, fortalecimento da autoestima e valorização do trabalho agrícola, uma vez que muitos já auxiliam suas famílias na agricultura. Além disso, observou-se a transmissão de saberes para além da escola, pois os estudantes compartilharam as práticas aprendidas com seus familiares, ampliando as possibilidades de produção e renda. A experiência evidenciou que a horta escolar, além de promover sustentabilidade e alimentação saudável, contribui para a valorização das raízes culturais, incentivando a permanência no campo e o reconhecimento do agricultor como sujeito de saberes e práticas fundamentais para a comunidade.

Palavras-chave: Horta Escolar. Sustentabilidade. Educação do Campo

O LICOR DAS FESTAS DE SANTO DOS QUILOMBOS: CONTRIBUIÇÕES PARA A ETNOQUÍMICA

Higor Henrique Rocha Seba (EECDFAC/SEDUC)

higor.seba@edu.mt.gov.br

Jonice Martins Peres (EECDFAC/SEDUC)

jonice.peres@edu.mt.gov.br

Bruno Gonçalves dos Santos (GEPEQ/EECDFAC/SEDUC)

bruno.goncalves@edu.mt.gov.br

GT 3 ETNOCIÊNCIAS DA NATUREZA E SUAS TECNOLOGIAS

RESUMO: Este relato de experiência é parte integrante de um curso de extensão denominado de “Práticas em Cultura Quilombola: As contribuições etnossaberes das festas de santo dos quilombos contemporâneos para educação escolar/Gepeq. Isto posto, o presente resumo apresenta uma proposta pedagógica que está sendo desenvolvida na Escola do Campo Dom Francisco de Aquino Corrêa, em Poconé-MT, e tem como eixo central o estudo do licor como expressão cultural e patrimônio imaterial da comunidade local. A atividade busca integrar saberes científicos no ensino de química e manter suas tradições, valorizando os conhecimentos transmitidos entre gerações quilombolas sobre o preparo artesanal do licor e suas relações com a Ciência e a cultura local. A partir de pesquisas, entrevistas e produções coletivas, os estudantes irão compreender o licor não apenas como uma bebida típica, mas como elemento identitário, social e simbólico de resistência cultural. O trabalho contribui para o fortalecimento da autoestima dos educandos e para a valorização das tradições afro-brasileiras, em consonância com a proposta da educação quilombola. A proposta propõe práticas pedagógicas que respeitam e valorizam os saberes tradicionais, promovendo o diálogo entre o conhecimento escolar e o conhecimento comunitário. Nesse contexto, o estudo do licor artesanal de Poconé surge como uma oportunidade de compreender a importância das práticas culturais na formação da identidade local e na preservação da memória coletiva. O projeto, que está sendo realizado com estudantes do ensino médio, tem como objetivo analisar a produção do licor como expressão cultural quilombola, articulando aspectos químicos, históricos e sociais do território pantaneiro. Teoricamente, este trabalho está subsidiado por Castilho (2011), Castilho e Santana (2018), Pessoa (2007), Candau e Oliveira (2010) dentre outros. Os resultados parciais apontam que houve interesse e adesão dos/as estudantes pela proposta da atividade.

Palavras-chave: Etnoquímica. Educação Escolar Quilombola. Educação do Campo

POTENCIALIDADES DA CULINÁRIA QUILOMBOLA EM ABOLIÇÃO NA FEITURA DA FEIJOADA

Davi Sousa Silva (SEDUC-MT/GEPEQ-UFMT)

davi.silva@edu.mt.gov.br

Suely Dulce de Castilho (PPGE-GEPEQ-UFMT)

castilho.suely@gmail.com

GT 3 ETNOCIÊNCIAS DA NATUREZA E SUAS TECNOLOGIAS

RESUMO: A culinária quilombola é um reflexo direto da história de resistência e adaptação das comunidades negras no Brasil. Originárias de territórios conquistados e cultivados por pessoas que fugiram da escravidão, essas comunidades mantêm até hoje práticas alimentares do período colonial. A relação entre a agricultura familiar e a produção de alimentos nas comunidades quilombolas é uma das principais fontes de subsistência e identidade, sendo profundamente ligada ao cuidado com a terra e ao uso sustentável dos recursos naturais. Com o objetivo de resgatar tradições por meio da culinária quilombola na feitura da feijoada, a experiência ocorreu na Escola Estadual Quilombola Maria de Arruda Müller, localizada na comunidade de Abolição, no município de Santo Antonio do Leverger/MT, com a turma do 9º ano, envolvendo 13 alunos/as, 02 professores e um mestre do saber da feitura da feijoada quilombola. Tomamos como fonte de dados as receitas da comunidade, bem como a feitura da Feijoada Quilombola. É um trabalho qualitativo e os instrumentos utilizados para coleta de dados foram a observação participante e a entrevista com o mestre do saber João Apolinario. Teoricamente, este trabalho está subsidiado por Castilho (2011), Bispo (2015), Silva (2015), dentre outros. A finalização resultou na feitura da feijoada como forma de valorizar a culinária quilombola. A atividade incluiu pesquisa, roda de conversa e preparo coletivo, promovendo a reflexão sobre a origem do prato como símbolo de resistência dos povos escravizados. O trabalho despertou o interesse dos alunos/as, fortaleceu a identidade cultural quilombola e valorizou os saberes ancestrais na prática educativa.

Palavras-chave: Educação Quilombola. Culinária Quilombola. Feitura da feijoada



SemiEdu 2025
VII ENCONTRO DE EDUCAÇÃO
ESCOLAR QUILOMBOLA

Confluências entre saberes
quilombolas, indígenas, camponeses
e acadêmicos na construção de
educações decoloniais

GT 4 ETNOMATEMÁTICA E SUAS TECNOLOGIAS

ORGANIZAÇÃO

ISSN 2764 - 5894



ESCOLAS ESTADUAIS QUILOMBOLAS
DE MT

E.E.Q. VERENA LEITE DE BRITO
E.E.Q. TEREZA CONCEIÇÃO ARRUDA
E.E.Q. MARIA DE ARRUDA MULLER
E.E.Q. REUNIDAS DE CACHOEIRA RICA
E.E.Q. JOSÉ MARIANO BENTO

A ETNOMATEMÁTICA NAS RELAÇÕES ENTRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E O CONHECIMENTO MATEMÁTICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Sueli Francisco de Oliveira
suelifranciscodeoliveirao@gmail.com

GT 4 ETNOMATEMÁTICA E SUAS TECNOLOGIAS

RESUMO: O presente estudo, intitulado “A Etnomatemática nas relações entre as práticas pedagógicas e o conhecimento matemático na Educação Infantil”, insere-se na linha de pesquisa Formação de professores, políticas públicas e práticas pedagógicas. Tem como objetivo geral analisar como os professores da Educação Infantil trabalham o conhecimento matemático com as crianças pequenas, considerando seus contextos socioculturais e as experiências que promovem o raciocínio lógico e a construção de significados. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa descritiva, fundamentada em um estudo de caso realizado em duas escolas municipais de Educação Infantil do município de Sinop/MT. Os instrumentos de coleta de dados compreendem observações e entrevistas semiestruturadas com quatro professores que atuam na Pré-escola Fase II, visando identificar suas concepções e práticas relacionadas à matemática e verificar o conhecimento sobre o programa da Etnomatemática. O referencial teórico baseia-se nos estudos de D’Ambrosio (2018), precursor da Etnomatemática, que defende o ensino da matemática a partir das vivências culturais e das práticas cotidianas dos sujeitos. Complementam-se as contribuições de Piaget (1976), ao considerar o desenvolvimento lógico- matemático da criança como processo construtivo, e de Lorenzato (2017), que critica a antecipação de conteúdo do Ensino Fundamental na Educação Infantil. Os resultados esperados indicam que a valorização das experiências culturais e das práticas lúdicas pode tornar o ensino matemático mais significativo, contribuindo para a formação de professores reflexivos e para o desenvolvimento integral das crianças.

Palavras-chave: Conhecimento. Criança. Desenvolvimento. Etnomatemática

APRENDENDO O SISTEMA DE NUMERAÇÃO DECIMAL COM OS PALITOS: DO ABSTRATO AO CONCRETO

Wellerson Davi dos Santos Deniz (E.E.Quilombola Tereza Conceição de Arruda)
wellerson.davi.sd@gmail.com

GT 4 ETNOMATEMÁTICA E SUAS TECNOLOGIAS

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo relatar uma experiência práticas com os alunos do ensino fundamental II da Escola Estadual Tereza Conceição Arruda, localizada na comunidade de Mata Cavalo (Nossa Senhora do Livramento- MT) às margens da BR 070 no km 25, acerca do ensino aprendizagem do sistema de numeração decimal por meio do uso do palito de picolé. O estudo partiu de a necessidade dos discentes terem defasagem no ensino aprendizagem do sistema numeração de numeração decimal tornando o conceito de valor posicional simples e significativo para os estudantes, saindo do abstrato para o concreto. A atividade consistiu em pintar os palitos vermelhos para as unidades, preta para dezena e azul para centena, permitindo aos estudantes visualizar e manipular os palitos, compreendendo que cada grupo de dez palitos vermelhos (unidades) troca por um palito preto (dezena) e cada dez palitos pretos troca por um palito azul (centena), ou seja, a cada dez palitos troca por uma nova cor. A metodologia adotada fundamentou-se na aprendizagem significativa (AUSUBEL,2023), que valoriza os novos saberes e os conhecimentos prévios dos alunos, colocando-o como protagonista do seu conhecimento (FREIRE,1996). De acordo com DANTE,2010 e LORENZATO,2006 o uso de materiais concretos possibilitou que os alunos interagissem com o palito de forma lúdica e participativa, favorecendo a compreensão dos conceitos de unidade, dezena e centena. Durante o processo, verificou-se que os estudantes demonstraram interesse e facilidade de compreensão e nas atividades que envolvia decomposição dos números e as quatro operações (adição, subtração, multiplicação e divisão). Os resultados indicam que a utilização de materiais concretos (palito de picolé) contribui para o pensamento lógico- matemático e no desenvolvimento da autonomia e da cooperação entre os discentes. A atividades com os palitos reforça a importância de práticas pedagógicas contextualizadas e inclusivas na Educação quilombola, que esta de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL,2013), valorizando o diálogo entre os saberes do quilombo e os saberes escolares.

Palavras-chave: Educação quilombola. Sistema de numeração decimal. Material concreto. Aprendizagem significativa

CULTURA E SABOR QUILOMBOLA: O PALADAR QUE VEM DA TERRA

Idgmar Gloria da Silva (SEDUC-MT)

idgmar@gmail.com

Endril Vinicius Queiroz de Aguiar (SEDUC-MT)

endrilvinicius627@gmail.com

Rosilene Rodrigues Maruyama (SEDUC-MT)

rosemaruyama@gmail.com

GT 4 ETNOMATEMÁTICA E SUAS TECNOLOGIAS

RESUMO: Este trabalho analisa a reflexão sobre uma prática desenvolvida na Eletiva Itinerário Formativo CNT/MAT (Ciências da Natureza e Matemática) na Escola Estadual Quilombola Maria de Arruda Muller, localizada na comunidade Abolição, no município de Santo Antônio do Leverger, em Mato Grosso. O objetivo principal é compreender a produção de beiju e farinha de mandioca como um processo que gera renda extra, subsistência e autonomia econômica para muitas famílias quilombolas. A produção desses alimentos simboliza a história, resistência e identidade quilombola, transmitindo conhecimentos e valores através do trabalho coletivo, desde o plantio da mandioca até a finalização do produto. A prática foi realizada na própria escola e na Cooperativa COOPAMSAL, localizada na Agrovila das Palmeiras, em Santo Antônio do Leverger. Envolveu cerca de 25 estudantes do 2º e 3º ano do Ensino Médio, além das professoras. A metodologia pautou-se na análise dos relatos dos estudantes sobre o saber e a tradição quilombola, agregados aos valores familiares. A prática pedagógica também dialogou com a perspectiva da Etnomatemática, conforme proposta por D'Ambrosio (2002), ao reconhecer que os processos de produção da farinha e do beiju mobilizam conhecimentos matemáticos presentes no cotidiano da comunidade quilombola. Durante as atividades, os estudantes identificaram noções de contagem, medida, proporção, estimativa de tempo e organização do trabalho coletivo, expressas nas etapas do preparo da mandioca, na divisão de tarefas e no cálculo do rendimento da produção. Esses saberes, construídos historicamente e transmitidos pela oralidade e pela prática, evidenciam que a matemática não se restringe ao espaço escolar, mas emerge das experiências culturais e produtivas da comunidade, reforçando a valorização dos etnossaberes e da autonomia econômica local. Utilizou-se como referencial teórico a perspectiva de que as diferentes maneiras de fazer (prática) e de saber (teoria) que caracterizam uma cultura estão em permanente interação, possibilitando a existência das comunidades (D'AMBROSIO, 2002). Os resultados preliminares mostram que a produção da farinha e do beiju, realizada de forma semiprocessada na cooperativa e com etapas de preparação na escola (limpeza e lavagem da mandioca), exige um trabalho coletivo que reforça os etnossaberes e a importância do processo tradicional e comunitário para a cultura da alimentação e a economia local.

Palavras-chave: Educação quilombola. Mandioca. Etnossaberes. Autonomia econômica

ESCALAS DE VIDA, PROPORÇÕES DE RESISTÊNCIA: MATEMÁTICA NO QUILOMBO

Madalena Santana de Sales (EEJXB/JMB/SEDUC)
madalenasales22@gmail.com
Clarice Venancia Bento Ferreira (EEJXB/JMB/SEDUC)
clarice.bento@edu.mt.gov.br
Ana Julia Gonçalves Maciel Silva (EEJXB/JMB/SEDUC)
e2005385@edu.mt.gov.br
Zaqueu Costa (EEJXB/JMB/SEDUC)
e2078895@edu.mt.gov.br
Joacil Jorge da Costa (SMEC/JMB)
joaciljorge98@gmail.com

GT 4 ETNOMATEMÁTICA E SUAS TECNOLOGIAS

RESUMO: O ensino de matemática nos territórios quilombolas deve considerar os etnosaberes dos moradores. Os estudantes trazem para a escola conhecimentos adquiridos na sua vivência, originados de sua ancestralidade negra africana e difundidos pelos mestres dos saberes nos diversos espaços socioeducativos compartilhados por adultos e crianças. Os objetivos deste trabalho foram: investigar e aplicar conceitos matemáticos de escala, razão, proporção e estatística a partir de dados populacionais do Vão Grande; relacionar saberes quilombolas e escolares por meio da representação cartográfica; e promover reflexão crítica sobre cultura e território. O trabalho foi desenvolvido nas salas anexas da escola Prof. Julieta Xavier Borges, localizada na Comunidade quilombola Baixio, Território Quilombola Vão Grande, Barra do Bugres/MT, com os estudantes da turma multisseriada 8º e 9º Ano EF. A fundamentação teórica foi alicerçada nas produções de Castilho (2011) com enfoque nos etnosaberes, decolonialidade e práticas pedagógicas que dialogam com a cultura e a identidade dos territórios quilombolas; na Etnomatemática de D'Ambrosio (2005); em Gomes (2017), que dialoga sobre ações afirmativas, currículo diferenciado e contextualização e nos dispositivos legais DCNEEQ, BNCC, DRC- MT e na Lei 10.639/03, alterada pela 11.645/08. Uma pesquisa qualitativa/quantitativa, a produção dos dados foi por meio de fichas de levantamento organizada pelos estudantes e professora da disciplina. Nesse contexto, os resultados evidenciaram a importância de relacionar o cotidiano dos estudantes e os conteúdos escolares. Durante o desenvolvimento das atividades, percebeu-se que alguns estudantes conhecem a sua própria comunidades e as demais comunidades que formam o complexo quilombola Vão Grande, porém outros desconheciam alguns aspectos que fazem parte da sua vida. Observou-se o envolvimento dos estudantes com assuntos de sua vivência e como elas se relacionam com o conteúdo escolar, facilitando a assimilação do conteúdo.

Palavras-chave: Educação quilombola. Vão Grande. Etnomatemática. Etnossaberes

MATEMÁTICA EM CONTEXTO QUILOMBOLA: O CAPELO DE BABAÇU COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO DE PERÍMETRO E ÁREA

Sérgio Edmundo de Albuquerque(SEDUC-MT)

sergio.albuquerque@edu.mt.gov.br

Mayko Santana Monico(SEDUC-MT)

mayko.monico@edu.mt.gov.br

GT 4 ETNOMATEMÁTICA E SUAS TECNOLOGIAS

RESUMO: O ensino da Matemática em escolas quilombolas exige práticas pedagógicas que valorizem os etnossaberes e estabeleçam pontes entre a cultura local e os conteúdos escolares. A utilização de objetos do cotidiano dos estudantes, como o capelo de palha de babaçu, revela-se uma estratégia eficaz para ressignificar conceitos matemáticos, permitindo aprendizagens contextualizadas e fortalecendo a identidade cultural. É partindo desse pressuposto que a Escola Estadual Quilombola Reunidas de Cachoeira Rica, situada em Chapada dos Guimarães/MT, desenvolveu uma proposta didática para o 6º ano do Ensino Fundamental II, fundamentada na habilidade EF06MA29 da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que orienta a análise das relações de proporcionalidade entre lado, perímetro e área de quadrados. O objetivo da experiência foi possibilitar que os estudantes compreendessem as relações de proporcionalidade e não proporcionalidade entre lado, perímetro e área, utilizando como recurso didático o capelo de babaçu, elemento presente na cultura da comunidade. A metodologia adotada estruturou-se em etapas: inicialmente, realizou-se a contextualização do objeto cultural, explorando suas formas geométricas, em seguida, os estudantes realizaram medições com o uso de réguas e papel quadriculado, bem como a construção de modelos em papelão, a fim de calcular perímetros e áreas; depois, foram propostas situações de ampliação e redução das medidas dos lados dos quadrados, com registro em tabelas comparativas; por fim, a turma discutiu coletivamente os resultados, sistematizando as aprendizagens. O referencial teórico fundamentou-se na BNCC (BRASIL, 2018), que destaca a resolução de problemas e a contextualização como elementos centrais do ensino de Matemática, e em autores que discutem a importância da modelagem matemática e da etnomatemática como caminhos para integrar conhecimentos escolares e saberes culturais. Nesse sentido, o uso do capelo de babaçu não apenas aproximou o conteúdo matemático da realidade concreta dos estudantes, mas também reconheceu a relevância de práticas tradicionais quilombolas, situando a escola como espaço de valorização da cultura e da identidade da comunidade. Os resultados parciais apontaram maior engajamento dos estudantes, que participaram ativamente das etapas práticas e compreenderam a diferença entre proporcionalidade do perímetro em relação ao lado e a não proporcionalidade da área. O uso do capelo de babaçu transformou o conceito abstrato em experiência concreta, favorecendo a aprendizagem significativa e a ressignificação da Matemática como disciplina conectada ao cotidiano. A experiência também reforçou o pertencimento cultural ao valorizar um objeto tradicional no processo de ensino-aprendizagem. Conclui-se que práticas pedagógicas contextualizadas, em diálogo com a cultura quilombola, ampliam a compreensão dos conteúdos escolares e o reconhecimento da identidade e resistência cultural da comunidade.

Palavras-chave: Educação Escolar Quilombola. Matemática. Etnossaberes



SemiEdu 2025
VII ENCONTRO DE EDUCAÇÃO
ESCOLAR QUILOMBOLA

Confluências entre saberes
quilombolas, indígenas, camponeses
e acadêmicos na construção de
educações decoloniais

GT 5 ETNOCIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS

ORGANIZAÇÃO

ISSN 2764 - 5894



ESCOLAS ESTADUAIS QUILOMBOLAS
DE MT

E.E.Q. VERENA LEITE DE BRITO
E.E.Q. TEREZA CONCEIÇÃO ARRUDA
E.E.Q. MARIA DE ARRUDA MULLER
E.E.Q. REUNIDAS DE CACHOEIRA RICA
E.E.Q. JOSÉ MARIANO BENTO

A REZA CANTADA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA: CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA

Francilene Aparecida dos Santos (EECDFAC/SEDUC)
francilene.santos@edu.mt.gov.br

Bruno Gonçalves dos Santos (GEPEQ/UFMT/SEDUC)
bruno.goncalves@edu.mt.gov.br

GT 5 ETNOCIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS

RESUMO: O presente resumo faz parte do curso de extensão: “Práticas em Cultura Quilombola: As contribuições dos etnossaberes das Festas de Santo dos quilombos contemporâneos para a educação escolar”, que está em andamento na Escola Estadual do Campo Dom Francisco de Aquino Corrêa no Distrito de Cangas em Poconé. Curso de extensão possui como objetivo utilizar os elementos das Festas de Santo dos quilombos como ferramenta pedagógica. Dessa forma, o elemento escolhido por nós através do levantamento dos etnossaberes por meio dos mestres e mestras dos saberes dos quilombos do Chumbo e Morrinho, foi a reza cantada. A reza cantada é uma forma de oração que mistura elementos da música com a espiritualidade. Presente em diversas culturas e religiões, ela é caracterizada por ser entoada em forma de canto, geralmente com melodias simples e repetitivas, facilitando a participação coletiva. Essa prática é comum em tradições como o catolicismo popular, festa de santo das comunidades tradicionais. Buscando a valorização cultural que é transmitida de gerações e gerações valorizando os saberes dos mestres e mestras da comunidade na preservação das tradições. Partiremos de uma roda de conversa sobre as rezas cantadas (hinos) que marcam as festas e nossas próprias famílias, conectaremos essa vivência com a realidade local, discutindo a importância da reza cantada nas festas de Santo nas comunidades tradicionais e quilombolas em Poconé. Muitos dos cantos tratam - se da vida dos santos, narrando suas lutas, a devoção ao divino e milagres decorrentes da entrega da própria vida ao ser celestial. Realizamos uma "pesquisa de rezas cantadas" com entrevista, gravações e fotos com pessoas mais velha da família ou da vizinhança para descobrir onde, com quem aprenderam a reza cantada e qual sua importância. Teoricamente este resumo está subsidiado por Castilho (2011), Castilho e Santana (2018), Pessoa (2007), Candau e Oliveira (2010). Até o momento, os resultados apontam que, de acordo com os/as estudantes, o aprendizado das narrativas das rezas ocorre apenas observando, ouvindo e acompanhando seus familiares durante os terços, novenas e celebrações na comunidade esse aprendizado espontâneo, sem um ensino formal, a transmissão de conhecimento entre gerações, mantendo viva a cultura popular.

Palavras-chave: Festas de Santo. Educação Escolar Quilombola. Educação do Campo

CAPOEIRA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA: EXPERIÊNCIA DA ESCOLA ESTADUAL ANTÔNIO GARCIA-POCONÉ/MT

Selso Severino da Costa (SEDUC-MT)

selso.costa@edu.mt.gov.br

Joanilda Alves Ribeiro (SEDUC-MT)

joanilda.ribeiro@edu.mt.gov.br

Thiago Bulhões Ferreira Mendes (SEDUC-MT)

tthiagobulhoes@hotmail.com

Katia Nunis Martins (SEDUC-MT)

katia.martins@edu.mt.gov.br

GT 5 ETNOCIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS

RESUMO: O projeto de capoeira desenvolvido na Escola Estadual Antônio Garcia, localizada em Poconé-MT, no Distrito de 120, BR-070 (rodovia Cuiabá–Cáceres), constituiu-se como uma experiência educativa voltada à valorização das culturas afro-brasileiras no contexto da escola do campo. A unidade escolar atende estudantes de comunidades quilombolas, tradicionais, fazendas e assentamentos, caracterizando-se como um espaço marcado pela diversidade cultural e territorial. O projeto teve início em 2020, integrando as ações do Projeto EducArte/SEDUC, com apoio da equipe gestora escolar. A iniciativa teve como objetivo valorizar e resgatar as culturas afro-brasileiras, promovendo a integração dos estudantes e o fortalecimento da identidade cultural por meio da prática da capoeira. Nesse sentido, o projeto consolidou-se como ferramenta pedagógica de inclusão, diálogo intercultural e valorização da diversidade, alinhada às diretrizes da educação escolar quilombola e da educação para as relações étnico-raciais. A capoeira foi compreendida como prática corporal, histórica, cultural e educativa. A proposta metodológica adotou uma abordagem qualitativa e exploratória, buscando compreender os significados da capoeira no ambiente escolar. As atividades incluíram pesquisas realizadas pelos estudantes, estudo de vídeos e documentários, rodas de conversa e vivências práticas, favorecendo a articulação entre conhecimentos teóricos e experiências corporais, bem como o protagonismo estudantil e a participação coletiva. O referencial teórico fundamentou-se em autores que discutem educação dialógica, interculturalidade e valorização das culturas afro-brasileiras. Freire (1996) destaca o reconhecimento dos saberes dos sujeitos no processo educativo. Munanga (2005) enfatiza a valorização da cultura afrodescendente no enfrentamento do racismo e na construção de identidades positivas. Castilho (2017) ressalta a relevância de práticas pedagógicas contextualizadas na educação quilombola, valorizando território, memória e cultura. Os resultados evidenciaram o fortalecimento da identidade cultural e das tradições afro-brasileiras entre estudantes. As primeiras apresentações ocorreram em 2020, na comunidade de Laranjal, durante o Dia da Consciência Negra, culminando na criação do grupo “Capoeira Salva a Terra”, que consolidou a capoeira como prática contínua na escola. O envolvimento favoreceu disciplina, trabalho em equipe, consciência histórica e fortalecimento dos vínculos entre escola e comunidade. Conclui-se que o projeto constituiu-se recurso pedagógico potente para promoção da diversidade cultural, inclusão e formação cidadã, reafirmando a capoeira como instrumento de resistência e valorização da cultura negra no contexto escolar.

Palavras-chave: Capoeira. Cultura Afrodescendente. Educação Intercultural

COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO JOSÉ DO BAIXIO, NO MUNICÍPIO DE BARRA DO BUGRES: MEMÓRIAS E VIVÊNCIA

Clarice Venancia Bento Ferreira (EEJXB/JMB/SEDUC)

clarice.bento@edu.mt.gov.br

Celia Alves de Souza (UNEMAT)

celiaalves@unemat.br

GT 5 ETNOCIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS

RESUMO: A Comunidade São José do Baixio encontra-se nas margens do rio Jauquara, no vale da Província Serrana, os moradores antigos relatam que seus antepassados habitavam há mais de 200 anos na região, que as famílias originárias eram formadas por povos indígenas e afrodescendentes. O estudo foi realizado na Comunidade Quilombola São José do Baixio, no município Barra do Bugres, localizada nos vales da Província Serrana. Trata-se de comunidade tradicional. A comunidade São José do Baixio está a 150 km da capital Cuiabá pela MT-246, a 87 km da cidade de Barra do Bugres e a 125 km da cidade de Porto Estrela, dando ênfase a organização sócio-espacial e a vivência. O objetivo do estudo foi identificar a vivência e as memórias dos moradores da Comunidade Quilombola São José do Baixios no município de Barra do Bugres. A fundamentação teórica foi embasada nos trabalhos de Holzer (1999) e Costa Filho e Mendes (2012). Uma pesquisa qualitativa na perspectiva da história oral. Buscou-se informações sobre a comunidade através de metodologia da história oral, com a realização de visitas dirigidas aos moradores da comunidade. A pesquisa consistiu no levantamento de informações através de depoimentos orais dos moradores sobre a vivência na comunidade quilombola. O estudo permitiu obter informações sobre a vivência e as memórias dos moradores da Comunidade Quilombola São José do Baixio. As famílias originárias eram formadas por povos indígenas e afrodescendentes que viviam na região mais de 200 anos. A comunidade Baixios é composta por 19 famílias, com vínculo de parentesco. Os relatos mostram que os moradores mantêm suas tradições culturais, religiosas e as formas de plantios. A renda das famílias é baixa, recebem aposentadorias, bolsa família e produzem na agricultura de subsistência e vende o excedente, alguns membros das famílias trabalham e fazendas vizinhas

Palavras-chave: Comunidade Baixio. Vão Grande. Memória. Vivência

CONFLITOS NA ESCOLA: UMA REALIDADE E SUAS SOLUÇÕES

Samuel da Silva Rodrigues
samuelsamueldaslivarodrigues@gmail.com
Rosilene Rodrigues Maruyama
rosemaruyama@hotmail.com
Idgmar Glória da Silva
idgmar@gmail.com

GT 5 ETNOCIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS

RESUMO: Este trabalho analisa os conflitos entre adolescentes na Escola Estadual Quilombola Maria de Arruda Muller, localizada na comunidade Abolição, no município de Santo Antônio do Leverger, em Mato Grosso. O objetivo principal é entender como as transformações da adolescência impactam esses conflitos, visando encontrar soluções que promovam um ambiente escolar mais seguro e acolhedor para os alunos. A pesquisa foi realizada na própria escola, que recentemente passou a operar em tempo integral, mas sem a devida adaptação em atividades para os alunos. O estudo envolveu a observação de conflitos entre estudantes do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio, com um caso específico que precisou da intervenção de pais, do conselho escolar e da polícia. A metodologia utilizada combinou a observação direta do ambiente escolar com a abordagem fenomenológica, que busca compreender os conflitos a partir das experiências e vivências dos próprios adolescentes. Foram utilizados autores como Nascimento (2013) e Cabral (2008) para embasar a discussão sobre a escola como espaço de desenvolvimento e a complexidade do tempo escolar. Os resultados mostraram que os conflitos surgem de diversas fontes, como diferenças de personalidade, competição por atenção, insegurança e pressão social, agravados pela falta de atividades interessantes na escola de tempo integral. Para solucionar o problema, o estudo propõe a mediação de conflitos, defendendo a criação de um ambiente de diálogo e respeito. A implementação de um mediador especializado e o envolvimento de toda a comunidade escolar (professores, pais e alunos) são vistos como essenciais para transformar a dinâmica de ganha-perde em cooperação.

Palavras-chave: Escola. Relações interpessoais. Bullying. Problemas Sociais

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E MEMÓRIA QUILOMBOLA: EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NA ESCOLA REUNIDAS DE CACHOEIRA RICA

Amanda Aparecida Barbosa (SEDUC-MT)
amanda-aparecida.barbosa@edu.mt.gov.br
Josefa Maria de Amorim (SEDUC-MT)
josefa.amorim@edu.mt.gov.br

GT 5 ETNOCIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS

RESUMO: O presente trabalho faz parte do projeto pedagógico realizado na Escola Estadual Quilombola Reunidas de Cachoeira Rica, vinculado ao eixo da educação antirracista, com foco no resgate da memória e da cultura quilombola. A proposta surge da necessidade de integrar, no cotidiano escolar, práticas que reconheçam a luta histórica contra o racismo e fortaleçam a identidade quilombola, em consonância com políticas públicas recentes, como a cartilha *Mato Grosso por uma Educação Antirracista* (SEDUC-MT, 2025). O objetivo central foi promover a conscientização crítica dos alunos acerca do racismo estrutural, valorizando a contribuição de líderes históricos e da cultura quilombola na resistência. Pretendeu-se ainda ampliar a compreensão sobre como práticas pedagógicas podem potencializar a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e comprometida com a igualdade racial. A metodologia adotada foi qualitativa e vivencial, organizada em quatro etapas: (1) leitura e discussão da cartilha *Mato Grosso por uma Educação Antirracista*, possibilitando o debate sobre a desigualdade racial e as políticas públicas existentes; (2) pesquisa sobre personalidades que se destacaram na luta contra o racismo, incluindo tanto referências nacionais quanto internacionais; (3) redação de biografias pelos estudantes, enfatizando a trajetória, conquistas e legados dessas figuras históricas; e (4) produção de quadros bordados de 30x30 cm, retratando os personagens estudados, atividade que resgata práticas culturais quilombolas e valoriza a arte tradicional como forma de expressão identitária. A fundamentação teórica do projeto dialoga com autores que discutem a resistência negra e a valorização das culturas afrodescendentes, como Santos (2023), Silva e Oliveira (2021), Nascimento (2020), além da própria cartilha produzida pela Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (2025). Também foram destacadas figuras de relevância histórica como Zumbi e Dandara dos Palmares, símbolos da luta quilombola no Brasil; Nelson Mandela, ícone mundial contra o apartheid; Machado de Assis, escritor negro que enfrentou preconceitos sociais; Luiz Gama e Maria Firmina dos Reis, pioneiros da luta abolicionista e da literatura negra; além de Carolina Maria de Jesus, que denunciou o racismo e a desigualdade social em suas obras. O projeto valorizou a memória local ao incluir Sabino Rodrigues, remanescente quilombola da comunidade, evidenciando a riqueza dos etnossaberes. Os resultados parciais apontaram alto engajamento dos estudantes na pesquisa e na produção artística, especialmente por meio do bordado, que promoveu a conexão entre gerações e o fortalecimento da identidade quilombola. Além disso, os estudantes ampliaram sua compreensão crítica sobre o enfrentamento ao racismo e seu papel como protagonistas na construção de uma sociedade antirracista, consolidando uma prática pedagógica transformadora.

Palavras-chave: Educação Antirracista. Quilombola. Cultura. Bordado. Resistência

HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NAS REDES MUNICIPAIS DO PARANÁ: UM ESTUDO DE REVISÃO SISTEMÁTICA

Emanuelson Matias de Lima (PPGEDU/UNILA)

emanuelson.matias@gmail.com

Luciano da Silva Pereira (GEPDSE/UFMT)

luciano.pereira@ufmt.br

GT 5 ETNOCIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS

RESUMO: A implementação do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas redes de ensino é uma ação obrigatória há 22 anos. Contudo, esta é uma legislação concretizada ou ainda há muitas lacunas a serem preenchidas? Em vista de buscar respostas a esta questão, este trabalho tem por objetivo demonstrar os resultados de uma revisão sistemática, desenvolvida no âmbito do Grupo de Pesquisa Formação de Professores, Diversidade e História em Contextos Socioculturais e Educacionais (GEPDSE/UFMT), com objetivo de conhecer o fluxo de estudos acadêmicos sobre a implementação da Lei 10.639/2003 nas redes municipais de ensino no estado do Paraná, buscando identificar possíveis ausências. Tomamos como fonte de dados as teses, dissertações e artigos publicados no período de 2020 a 2024 em que os objetivos e os sujeitos participantes da pesquisa tivessem como foco específico a Educação para as Relações Étnico-Raciais em uma rede municipal. Através de palavras-chave relacionadas à temática, pesquisamos os dados no banco de teses e dissertações da CAPES, na Plataforma Sucupira, no Google Acadêmico e na base das instituições públicas do estado do Paraná. A pesquisa identificou 08 artigos, 16 dissertações e 02 Teses abordando diferentes aspectos da Educação para as Relações Étnico-Raciais. Após a análise dos textos, foram identificadas apenas 02 dissertações e 01 artigo que abordavam diretamente sobre a implementação da Lei 10.639/2003 em Redes Municipais, no estado do Paraná, respectivamente nos municípios de São José dos Pinhais, Londrina e Foz do Iguaçu. Os aportes teóricos dialogam com os principais conceitos de diversidade, relações raciais, políticas educacionais e racismo escolar, assim, buscamos em Kabengele (2005), Silva (2005), Gomes (2017) e Cavalleiro (2024), analisar a abordagem das questões étnico-raciais relacionadas com a prática pedagógica no ensino das Africanidades e como o racismo impede a sua implementação. Os resultados dessa revisão sistemática demonstram, por um lado, o silenciamento das análises de pesquisas acadêmicas em torno das relações étnico-raciais, principalmente quando o recorte contempla essa temática nas escolas das redes municipais de ensino. Por outro lado, é possível identificar a ausência da implementação da Lei 10.639/2003 nessas mesmas redes, revelando assim o desafio da aplicação da legislação no âmbito das políticas educacionais, das práticas pedagógicas e da formação de professores.

Palavras-chave: Educação. Relações Étnico-Raciais. Ensino de História

O PILÃO COMO FONTE DE ALIMENTO ESCOLAR NO QUILOMBO CHUMBO

Nirda Rosa de Oliveira (ECCO /UFMT)
nirdarosadeoliveira@gmail.com

GT 5 ETNOCIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS

RESUMO: O presente trabalho tem por finalidade relatar experiências realizadas com a turma do 1o ano fundamental o Uso do Pilão como uma prática comum no quilombo Chumbo, visto como um dos métodos de sobrevivência dos saberes ancestrais na representatividade de utensílios de cozinha na preparação dos alimentos com diversas finalidades de descascar o arroz, mas também com outros alimentos como milho, café, paçoca de carne, dentre outros. Esta prática ancestral tem como objetivo de promover a participação dos alunos do 1o primeiro ano fundamental onde todos são envolvidos na preparação da paçoca de carne, considerando a prática ancestral simbolizando o pilão como sustentabilidade de sobrevivência alimentar do povo negro. Além disso, representa símbolo de solidariedade trabalho coletivo e diversidade. Os conhecimentos ancestrais, são importantes para a comunidade enquanto identidade e pertencimento quilombola. Os saberes e modo de vida, estão umbigadas nos conhecimentos popular, principalmente nas práticas e saberes alimentar quilombola, amplamente conhecido e utilizado nos primórdios pela culinária indígena e africana. Os alunos socaram e prepararam a paçoca de carne com auxílio da professora como um das primeiras refeições realizado como café da manhã ouvindo histórias na casa da tia Josenil. As manifestações ancestrais são fortemente presentes dentro no quilombo, onde a tradição é uma riqueza natural que consiste até a data atual, inclusive são conhecimentos geracionais, que servirão na continuidade da preservação e na valorização dos valores culturais existentes ali. Para a comunidade escolar, o território é considerado o espaço sagrado, onde as manifestações culturais são valorizadas.

Palavras-chave: Educação Escolar Quilombola. Ancestralidade. Quilombo

O SILÊNCIO ESCOLAR DO PRECONCEITO: UMA ANÁLISE DAS VIVÊNCIAS DE RACISMO E DISCRIMINAÇÃO EM UMA ESCOLA QUILOMBOLA

Rosilene Rodrigues Maruyama
rosemaruyaama@hotmail.com

Gabriely Nunes de Oliveira
Gabielynunesdeoliveira@gmail.com

GT 5 ETNOCIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS

RESUMO: O presente trabalho investiga a prevalência do racismo e do preconceito no ambiente escolar, destacando a preocupante normalização do silêncio por parte das crianças vítimas, tema central do livro *Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar*. O objetivo é discutir a necessidade urgente de educação antirracista e apresentar os resultados de uma pesquisa de campo. A experiência foi realizada na Escola Estadual Quilombola Maria de Arruda Muller, em Santo Antônio do Leverger (MT), envolvendo 11 alunos do 4º ano. A metodologia combinou análise bibliográfica (incluindo a cartilha Mato Grosso por uma Educação Antirracista e autores como Jerusa Vieira Gomes e Abdias do Nascimento) com uma pesquisa de campo. Os dados foram coletados por meio de entrevistas informais e experimentos práticos (espelho e desenhos) para identificar a percepção das crianças sobre o tema. Os resultados indicam que os alunos relataram ter sofrido ou presenciado preconceito. Apesar da maioria demonstrar autoestima positiva, a pesquisa revelou profundo sofrimento emocional em alguns casos: um menino manifestou o desejo de ser branco, e uma menina, vítima de *bullying* por sua aparência, expressou em seu desenho o desejo de ser feliz. Os achados reforçam a necessidade de intervenção para garantir a dignidade e a justiça social no contexto escolar.

Palavras-chave: Racismo. Educação Antirracista. Escola Quilombola

RESGATE CULTURAL E RESISTÊNCIA QUILOMBOLA: UMA EXPERIÊNCIA EDUCACIONAL COM A PRODUÇÃO DE CERÂMICA DA COMUNIDADE DE SANGRADOURO

Danyelle Aparecida Arruda Salgado de Paula Fonseca
danyproff@hotmail.com.br

Rosilene Rodrigues Maruyama
rosemaruyama@hotmail.com

GT 5 ETNOCIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS

RESUMO: A comunidade de Sangradouro, que no passado produzia utensílios de barro para uso cotidiano, viu essa prática cultural se perder ao longo do tempo. Em resposta a essa perda, a Escola Quilombola Maria de Arruda Müller, por meio de uma disciplina eletiva, promoveu o resgate dos saberes e fazeres ancestrais da cerâmica. Este estudo de caso descreve uma experiência educativa realizada com alunos do oitavo e nono ano do ensino fundamental na Escola Quilombola Maria de Arruda Muller. A escola está localizada na comunidade de Abolição, em Santo Antônio do Leverger-MT. A iniciativa envolveu 17 estudantes que, com a colaboração de mestres do saber da própria comunidade, investigaram e reaprenderam a confecção de utensílios de barro. O objetivo do projeto foi duplo: revitalizar um conhecimento ancestral e, ao mesmo tempo, fortalecer a identidade cultural de Sangradouro, uma comunidade que enfrenta desafios como a degradação ambiental e o êxodo rural. A experiência ocorreu na escola, e a metodologia incluiu pesquisa bibliográfica e de campo, aprendizado prático com os mestres do saber e a realização de uma feira para exposição e demonstração dos produtos. Os resultados demonstram que a iniciativa foi fundamental para a valorização dos saberes locais, o fortalecimento dos laços comunitários e a transmissão de conhecimento entre gerações. A feira, em particular, mostrou como a produção artesanal originalmente voltada para o consumo familiar é um ato de resistência cultural. Conforme a análise de Costa (2019), essa produção representa uma economia de fatura do camponês, que se opõe à lógica de mercado e reafirma a identidade cultural de Sangradouro. A experiência se configura, portanto, como um exemplo de como a educação e o resgate cultural podem atuar como ferramentas para proteger modos de vida tradicionais de pressões externas e da desvalorização.

Palavras-chave: Educação Quilombola. Saberes Tradicionais. Patrimônio Imaterial. Identidade Cultural



SemiEdu 2025
VII ENCONTRO DE EDUCAÇÃO
ESCOLAR QUILOMBOLA

Confluências entre saberes
quilombolas, indígenas, camponeses
e acadêmicos na construção de
educações decoloniais

GT6 ETNOLETRAMENTO

ORGANIZAÇÃO

ISSN 2764 - 5894



ESCOLAS ESTADUAIS QUILOMBOLAS
DE MT

E.E.Q. VERENA LEITE DE BRITO
E.E.Q. TEREZA CONCEIÇÃO ARRUDA
E.E.Q. MARIA DE ARRUDA MULLER
E.E.Q. REUNIDAS DE CACHOEIRA RICA
E.E.Q. JOSÉ MARIANO BENTO

APRENDENDO COM A FESTA DE SANTO E A DANÇA DO SIRIRI

Maria de Fátima Rodrigues do Nascimento (SME-Poconé)
fatima.eeag2017@gmail.com

Carmozina Maria Carvalho Campos (SME-Poconé)
carmozinamariacarvalho@gmail.com

Adenilce de Almeida nascimento (SME-Poconé)
almeidaadenilce8@gmail.com

Marileide do Carmo Amorim Arruda (SME-SEDUC-GEPEQ-UFMT)
marileide_amorim@yahoo.com.br

Suely Dulce de Castilho (PPGE-GEPEQ-UFMT)
castilho.suely@gmail.com

GT 6 ETNOLETRAMENTO

RESUMO: O projeto interdisciplinar desenvolvido na Escola Municipal Antônio Maria de Almeida, situada na comunidade São Benedito e atualmente em sala anexa na comunidade Baía do Campo, em Poconé-MT, teve como foco a valorização da cultura local a partir da Festa de Santo e da dança do siriri. Realizado pelas professoras da unidocência dos 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental I, o trabalho articulou o currículo escolar às tradições culturais quilombolas e pantaneiras, promovendo aprendizagens significativas e fortalecendo a identidade cultural dos estudantes. A proposta surgiu da necessidade de aproximar os alunos de seus contextos socioculturais, reconhecendo práticas, memórias e saberes comunitários como parte essencial da formação escolar e do processo educativo. O objetivo central foi valorizar a cultura local como recurso pedagógico interdisciplinar, integrando saberes escolares e comunitários em torno da Festa de Santo e da dança do siriri, fortalecendo a autoestima dos alunos e o vínculo entre escola, família e território. A metodologia priorizou a escuta, o diálogo e a participação ativa das crianças, por meio de rodas de conversa com estudantes, familiares, mestres e mestras da cultura local, seguidas de oficinas interdisciplinares que envolveram produções escritas, artísticas, registros visuais e vivências corporais relacionadas à dança. O referencial teórico fundamentou-se em Freire, Walsh, Boaventura de Sousa Santos e Suely Castilho, dialogando com a perspectiva decolonial, a Educação Escolar Quilombola e a valorização dos etnossaberes como fundamentos pedagógicos. Esses referenciais sustentaram a interdisciplinaridade como prática coerente com a BNCC e com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Quilombola. Os resultados evidenciaram a ampliação das aprendizagens em diferentes áreas do conhecimento, o desenvolvimento da oralidade, da escrita, da expressão corporal e artística, além do fortalecimento dos vínculos intergeracionais e da valorização da memória coletiva da comunidade. Conclui-se que práticas pedagógicas fundamentadas nas tradições comunitárias contribuem para uma educação crítica, inclusiva e contextualizada, comprometida com a diversidade cultural e com a construção de identidades quilombolas e pantaneiras.

Palavras-chave: Cultura local; Etnossaberes; Interdisciplinaridade

DIA “D” DA MANDIOCA NA ESCOLA ESTADUAL QUILOMBOLA REUNIDAS DE CACHOEIRA RICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA E SABERES ANCESTRAIS

Marilene Gomes Moraes Koberstain (SEDUC-MT)

marilene.koberstain@edu.mt.gov.br

Suzana Alves Sol Sol (SEDUC-MT)

Suzana.sol@edu.mt.gov.br

Mayko Santana Monico (SEDUC-MT)

mayko.monico@edu.mt.gov.br

Marileide do Carmo Amorim Arruda (SME-SEDUC-GEPEQ-UFMT)

marileide_amorim@yahoo.com.br

Suely Dulce de Castilho (GEPEQ/PPGE/UFMT)

castilho.suely@gmail.com

GT 6 ETNOLETRAMENTO

RESUMO: O presente relato de experiência descreve o projeto “Dia ‘D’ da Mandioca”, desenvolvido na Escola Estadual Quilombola Reunidas de Cachoeira Rica, localizada na zona rural de Chapada dos Guimarães (MT). A iniciativa foi conduzida pela professora Marilene Moraes Koberstain, sob a orientação do coordenador Mayko Santana Monico e da gestora Suzana Alves Sol Sol, envolvendo estudantes, professores, funcionários e a comunidade local, no período de agosto de 2024 a junho de 2025. O objetivo central foi resgatar e valorizar os saberes ancestrais quilombolas relacionados ao cultivo e beneficiamento da mandioca, reconhecida como símbolo de identidade cultural, resistência histórica e sustentabilidade comunitária. A metodologia baseou-se na Pedagogia de Projetos, com abordagem interdisciplinar e caráter etnográfico, articulando conhecimentos escolares e comunitários. O desenvolvimento ocorreu em três fases: plantio da mandioca com agricultores da comunidade, cultivo e acompanhamento da plantação com aulas teóricas sobre a história da mandioca, sua relevância para povos indígenas e quilombolas e seu valor nutricional, e colheita coletiva com produção da farinha na Associação de Pequenos Agricultores, envolvendo etapas como descascamento, ralação, prensagem e torrefação. O embasamento teórico dialogou com Paulo Freire (1987), Vygotsky (1998) e Frigotto (1999), além das contribuições de Suely Castilho (2011), Quijano (2000) e Mignolo (2007), que fundamentam a educação quilombola em uma perspectiva decolonial. Os resultados indicaram a compreensão do ciclo da mandioca, ampliação do vocabulário, articulação entre currículo e práticas cotidianas, fortalecimento dos vínculos entre escola e comunidade e valorização dos relatos orais como parte do currículo vivo. A culminância no “Dia ‘D’ da Mandioca” simbolizou a celebração de saberes, memórias e afetos, reafirmando a escola quilombola como espaço de preservação e recriação dos saberes ancestrais.

Palavras-chave: Educação Escolar Quilombola. Saberes Ancestrais. Sustentabilidade. Currículo

ENTRE O PULAR DAS MEMÓRIAS: HÁ-BRAÇOS

Soenil Clarinda de Sales (SEDUC-SME-PPGE-GEPEQ/UFMT)

soehsales@gmail.com

Suely Dulce de Castilho (PPGE-GEPEQ/UFMT)

castilho.suely@gmail.com

GT 6 ETNOLETRAMENTO

RESUMO: O presente texto insere-se no campo dos estudos sobre memória, identidade e etnoletramento, a partir de reflexões construídas em torno das experiências da infância negra. Parte-se da compreensão de que a infância não se limita a um tempo cronológico, mas constitui um território de vivências, afetos e disputas simbólicas que atravessam a formação dos sujeitos. As memórias evocadas revelam brincadeiras, narrativas familiares, práticas culturais e experiências marcadas tanto pelo pertencimento comunitário quanto pelas violências sutis do racismo cotidiano, evidenciando a infância como espaço político e de construção identitária. Trata-se de um relato de experiência com abordagem autoetnográfica, no qual a narrativa pessoal é assumida como ferramenta analítica e política. Ao narrar a própria trajetória, o texto amplia o olhar para dimensões coletivas, sociais e culturais que atravessam a infância em contextos periféricos e racializados, dialogando com a proposta do etnoletramento ao reconhecer a oralidade, a memória e a experiência como formas legítimas de produção de conhecimento. O objetivo do trabalho é refletir sobre as memórias da infância negra como espaços de resistência, de construção identitária e de enfrentamento ao racismo, evidenciando como as narrativas pessoais se entrelaçam às histórias coletivas. Busca-se compreender de que maneira as lembranças, as brincadeiras, os apelidos e as relações comunitárias contribuem para a formação do sujeito, ao mesmo tempo em que revelam marcas estruturais de desigualdade e possibilidades de ressignificação. A metodologia fundamenta-se na autoetnografia, articulando memória, narrativa e análise crítica. As experiências vividas são revisitadas à luz de referenciais teóricos que discutem memória, identidade, narrativa e relações raciais, permitindo que o passado seja reinterpretado a partir do presente. A escrita assume caráter reflexivo, em que recordar é também recriar, compreender e politizar a experiência vivida. Entre os principais referenciais teóricos, destaca-se Walter Benjamin (1994), que compreende a memória como experiência e como ato político capaz de resgatar do esquecimento vivências silenciadas. Ecléa Bosi (2003) contribui ao afirmar que a memória é uma construção social, sempre atravessada pelo tempo presente. Também dialoga com bell hooks (2017) e Lélia Gonzalez (1988), ao compreender o corpo negro, especialmente na infância, como espaço de disputa simbólica, resistência e afirmação identitária. Os resultados indicam que a memória da infância, quando narrada e analisada, transforma-se em instrumento de resistência e de elaboração crítica das experiências de dor e pertencimento. As lembranças, antes marcadas por estigmas e silenciamentos, tornam-se narrativas potentes que reafirmam identidades, valorizam a ancestralidade e evidenciam a oralidade como eixo central das culturas negras. O texto reafirma a narrativa como possibilidade de cura, de reconhecimento e de produção de saberes comprometidos com a valorização da experiência e da memória coletiva.

Palavras-chave: Memória. Infância negra. Etnoletramento

ENTRE CHÁS, HISTÓRIAS E AFETIVIDADE: EDUCAÇÃO INFANTIL NA PERSPECTIVA DECOLONIAL DOS SABERES POPULARES

Lúcia Elena de Almeida(SME-POCONÉ)

luciaelenaalmeida608@gmail.com

Cira Alves Martins (SME-POCONÉ-GEPEQ/UFMT)

ciraalvesmartinsmartins@gmail.com

Marileide do Carmo Amorim Arruda (SME-SEDUC-GEPEQ/UFMT)

marileide_amorim@yahoo.com.br

Suely Dulce de Castilho (PPGE-GEPEQ/UFMT)

castilho.suely@gmail.com

GT 6 ETNOLETRAMENTO

RESUMO: A Educação Infantil, quando concebida como espaço de diálogo entre saberes, revela-se campo fértil para práticas pedagógicas que reconheçam a diversidade cultural e os conhecimentos ancestrais. Este relato de experiência tem como objetivo resgatar e valorizar os saberes populares, em especial os das comunidades do campo e quilombolas, por meio de um projeto que integrou o uso de ervas medicinais ao cotidiano do CMEI-Centro Municipal de Educação Infantil Sebastiana Germana da Conceição, localizada no Distrito de Cangas Poconé-MT. A experiência, voltada para crianças de 3 anos, buscou superar a perspectiva meramente biológica do estudo das plantas, trazendo-as como elementos de identidade cultural, memória coletiva e práticas de cuidado transmitidas entre gerações. A metodologia adotada foi a Pedagogia de Projetos, numa abordagem interdisciplinar e contextualizada, caracterizando-se como uma pesquisa qualitativa de natureza etnográfica, fundamentada no diálogo entre escola, família e comunidade. As rodas de conversa, a preparação e o cuidado com a horta de ervas medicinais, além de atividades lúdicas e sensoriais, foram momentos em que o conhecimento ancestral se entrelaçou à prática pedagógica. Do ponto de vista teórico, o trabalho ancora-se em autores de referência no campo da educação e dos saberes populares, como Paulo Freire (1987), ao defender a valorização dos conhecimentos produzidos pelo povo; Vygotsky (1998), que ressalta a dimensão sociointeracionista da aprendizagem; e Frigotto (1999), que problematiza o reconhecimento da cultura das classes populares como fonte legítima de aprendizagem. A essa base, soma-se a contribuição de Suely Castilho (2011), que discute a educação e a cultura quilombola em perspectiva decolonial, evidenciando que práticas pedagógicas que integram ancestralidade e cotidiano escolar resistem às lógicas coloniais de silenciamento cultural. Nesse mesmo sentido, autores decoloniais como Aníbal Quijano (2000), Walter Mignolo (2007) e Catherine Walsh (2009) ajudam a compreender a colonialidade do saber e a necessidade de construir práticas educativas enraizadas em epistemologias outras, que reconheçam os povos do campo, indígenas e quilombolas como sujeitos produtores de conhecimento. Os resultados parciais apontam para avanços significativos: as crianças se mostraram ativas e curiosas no processo, ampliaram seu vocabulário, criaram vínculos afetivos com as plantas e desenvolveram práticas de cuidado. Além disso, a interação com pais e avós fortaleceu a relação entre escola e comunidade, permitindo que histórias, rituais e memórias familiares fossem ressignificados no espaço educativo.

Palavras-chave: Educação Infantil. Saberes Populares. Ervas Mediciniais. Pedagogia de Projetos

ERVAS MEDICINAIS E ETNOSSABERES QUILOMBOLA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Quirina Francisca da Silva (SME-POCONÉ)

quirinafranciscadasilva@gmail.com

Edinalda da Silva Oliveira Arruda (SME-POCONÉ)

edinalda.arruda@edu.mt.gov.br

Layza da Silva Magalhães (SME-POCONÉ)

layssasantos329@gmail.com

Marileide do Carmo Amorim Arruda (SME-SEDUC/GEPEQ-UFMT)

marileide_amorim@yahoo.com.br

Suely Dulce de Castilho (PPGE-GEPEQ-UFMT)

castilho.suely@gmail.com

GT 6 ETNOLETRAMENTO

RESUMO: Este trabalho foi desenvolvido na Escola Municipal Antônio Maria de Almeida, pertencente à Comunidade Quilombola São Benedito, atualmente funcionando em sala anexa na Comunidade Baía do Campo, com a turma da Educação Infantil de 4 e 5 anos. A atividade integrou saberes tradicionais sobre ervas medicinais, reconhecendo a relevância dos mestres da comunidade e a participação das famílias, que contribuíram com mudas e cuidados coletivos, em um movimento de valorização dos etnossaberes e da ancestralidade. O objetivo principal foi inserir os conhecimentos quilombolas sobre ervas medicinais no cotidiano pedagógico da educação infantil, fortalecendo a identidade cultural, o pertencimento comunitário e a pedagogia decolonial. Metodologicamente, adotou-se uma abordagem qualitativa e participativa, fundamentada em práticas dialógicas e vivenciais. As ações envolveram rodas de conversa, observação das plantas, cultivo coletivo e partilha de saberes entre crianças, professores, mestres da tradição e familiares. O Referencial teórico, Arruda (2021) destaca que “é fundamental que a educação infantil garanta às crianças quilombolas vivências que fortaleçam sua identidade coletiva e assegurem o direito de conviver com os saberes e modos de vida de sua comunidade” (p. 17). Essa compreensão dialoga com as reflexões de Castilho (2011), ao afirmar que a escola precisa “legitimar os mestres da tradição como sujeitos de conhecimento” e avançar na construção de práticas pedagógicas que respeitem a diversidade cultural (Castilho, 2019). Nesse sentido, trabalhar com ervas medicinais no espaço escolar não se limita ao cultivo, mas constitui experiência educativa que conecta infância, ancestralidade e território, ressignificando o currículo em perspectiva decolonial. Os resultados mostram que as experiências com as ervas medicinais fortaleceu vínculos de pertencimento e promoveu aprendizagens significativas. O envolvimento das famílias, que disponibilizaram mudas para o plantio, possibilitou o diálogo intergeracional e o reconhecimento dos mestres da tradição como referência no processo educativo. As crianças demonstraram interesse e curiosidade ao cuidar das plantas, identificando usos e significados transmitidos pela comunidade. Constatou-se que a educação infantil, ao incorporar os saberes tradicionais, reafirma-se como espaço de resistência, valorização cultural e construção de uma pedagogia decolonial.

Palavras-chave: Etnossaberes. Ervas Medicinais. Educação Infantil

ETNOLETRAMENTO E FORMAÇÃO DOCENTE

Francisca Edilza Carvalho (GEPEQ/SEDUC)
edilzaandradetga@gmail.com
Suely Dulce de Castilho (GEPEQ/UFMT)
castilho.suely@gmail.com

GT 6 ETNOLETRAMENTO

RESUMO: Este estudo, vinculado à linha Movimentos Sociais, Política e Educação Popular do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), integrou o projeto “Etnossaberes: perspectivas e desafios para a formação de professores atuantes em educação escolar quilombola”, desenvolvido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Escolar Quilombola (GEPEQ-UFMT), coordenado pela professora Dra. Suely Dulce de Castilho. A pesquisa teve como objetivo descrever e analisar os processos formativos compartilhados em uma ação investigativa junto a educadoras atuantes em uma escola quilombola, fundamentados nos pressupostos do Etnoletramento, e seus impactos nas práticas pedagógicas. De abordagem qualitativa, o estudo fundamentou-se nos referenciais da etnografia (Geertz, 2008) e da pesquisa-ação (Thiollent, 1986). O lócus foi a Escola Estadual Quilombola José Mariano Bento, situada no território quilombola Vão Grande, nos municípios de Barra do Bugres e Porto Estrela (MT). Participaram quatro professoras pedagogas. A geração de dados envolveu observação participante, entrevistas semiestruturadas, aplicação de questionário e análise documental. As etapas da pesquisa-ação compreenderam estudo teórico, levantamento dos etnossaberes da comunidade, elaboração e aplicação de atividades pedagógicas baseadas nesses saberes, culminando na construção de uma proposta político-pedagógica de ensino da leitura e da escrita ancorada na cultura local. Fundamentada em autores como Castilho (2008, 2011), Freire (1987), Walsh (2009), Mignolo (2003) e Lander (2005), a análise evidenciou o etnoletramento como prática de resistência, valorização identitária e produção de conhecimentos contextualizados. Os resultados indicaram que o diálogo entre etnossaberes e formação continuada fortaleceu práticas educativas contra-hegemônicas, pluriversais e territorializadas, promovendo o protagonismo dos estudantes quilombolas.

Palavras-chave: Etnoletramento. Formação Docente. Educação Quilombola

EU CONTO: NARRATIVAS QUILOMBOLAS E FOLCLÓRICAS NA ESCOLA

Terezinha de Jesus Silva (SME-POCONÉ)

terezinhadejesus12726@gmail.com

Luiz dos Santos Gonçalves (SME-POCONÉ)

copa46582@gmail.com

Amauri Marcos de Barros (SME-POCONÉ)

amaurybarros031@gmail.com

Marileide do Carmo Amorim Arruda (SME/POCONÉ-SEDUC- GEPEQ-UFMT)

marileide_amorim@yahoo.com.br

Suely Dulce de Castilho (PPGE/GEPEQ-UFMT)

castilho.suely@gmail.com

GT 6 ETNOLETRAMENTO

RESUMO: O projeto de contação de histórias foi desenvolvido pela Escola Municipal Antônio Maria de Almeida nas salas anexas Vale do Sol e Antônio Garcia, durante o mês de agosto de 2025, período em que se comemora o Folclore. A escola atende estudantes de assentamentos, fazendas, comunidade tradicional e quilombola. A ação teve como eixo central a valorização das narrativas tradicionais das famílias quilombolas e de outras manifestações culturais presentes no território, buscando articular os etnossaberes com o currículo escolar. A contação de histórias foi compreendida não apenas como uma atividade lúdica, mas como prática pedagógica capaz de fortalecer a memória coletiva, a oralidade, a imaginação e o sentimento de pertencimento das crianças da Educação Infantil (pré-escola) e dos 1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental I. O objetivo principal do projeto foi promover aprendizagens significativas a partir da valorização da contação de histórias como recurso pedagógico interdisciplinar, reconhecendo as narrativas quilombolas e folclóricas como parte essencial da formação cultural das crianças e como caminho para fortalecer identidade, autoestima e vínculos comunitários. A metodologia desenvolveu-se em etapas que integraram a participação da comunidade, das famílias e dos estudantes. Inicialmente, foram realizadas rodas de conversa para que os alunos compartilhassem histórias ouvidas em casa, especialmente aquelas transmitidas pelos mais velhos. Em seguida, mestres e mestras dos saberes locais foram convidados para narrar contos, causos e memórias ligados à tradição quilombola e ao folclore brasileiro. O referencial teórico fundamentou-se em Suely Castilho, que problematiza a Educação Escolar Quilombola a partir da ancestralidade, dos etnossaberes e do território como fundamentos pedagógicos vivos, e em Walter Mignolo, que discute a colonialidade do saber e defende a legitimidade das epistemologias outras, rompendo com a centralidade do pensamento eurocêntrico. Esses aportes permitiram compreender a contação de histórias como espaço pedagógico decolonial, no qual as narrativas da comunidade são reconhecidas como conhecimento legítimo e formador. Os resultados demonstraram que a contação de histórias ampliou a oralidade e a escuta das crianças, estimulou a criatividade e fortaleceu autoestima e pertencimento cultural. Narrativas folclóricas e quilombolas foram legitimadas no currículo, valorizando saberes familiares e reforçando laços entre escola e comunidade. Conclui-se que a prática interdisciplinar contribui para educação crítica, inclusiva e decolonial, reconhecendo tradições culturais na formação dos estudantes.

Palavras-chave: Contação de histórias. Etnossaberes. Identidade cultural

CAMINHOS DO PERTENCIMENTO: LETRAMENTO RACIAL E ETNOTURISMO QUILOMBOLA

Elizangela Torres do Carmo (SEDUC-MT)
elizangela.carmo@edu.mt.gov.br
Mariana Thaís Silva de Brito (SEDUC-MT)
mariana.brito@edu.mt.gov.br

GT 6 ETNOLETRAMENTO

RESUMO: O reconhecimento da Educação Escolar Quilombola como modalidade específica de ensino, instituída pela Resolução nº 08/2012, representa uma conquista histórica das lutas quilombolas, mas também impõe desafios à prática pedagógica em contextos escolares. Uma das questões centrais é: como implementar, no cotidiano da escola, uma educação que valorize os saberes, memórias e ancestralidades quilombolas? Com o objetivo de contribuir para esse debate, este trabalho apresenta o projeto temático de letramento racial “Roda de Conversa sobre Etnoturismo e Ancestralidade Quilombola”, desenvolvido com turmas do 9º ano do Ensino Fundamental e do 1º ano do Ensino Médio, sob a coordenação das professoras de Língua Portuguesa Mariana e Elizangela. A experiência foi realizada na Escola Estadual Quilombola Verena Leite de Brito, em Vila Bela da Santíssima Trindade (MT), e contou com a participação do guia de turismo quilombola Alcindo Crespo, convidado especial responsável por compartilhar suas vivências e conduzir a visita ao território. Metodologicamente, a proposta foi estruturada em quatro etapas: (1) preparação em sala de aula, com leituras e elaboração de perguntas; (2) roda de conversa com o guia; (3) visita guiada ao território, para contato direto com a memória e os espaços quilombolas; e (4) sistematização em sala, com produção de textos reflexivos (relatos de experiência, crônicas ou resumos críticos) e organização de um mural coletivo e de um caderno de memórias. O projeto fundamenta-se na Lei nº 10.639/2003, nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (2012) e em referenciais como Freire (1979; 2016), Munanga (1995), Castilho (2011) e Silva (2014), articulando educação formal e saberes comunitários. Os resultados observados indicam que a vivência do etnoturismo fortaleceu a autoestima e o sentimento de pertencimento dos estudantes, ampliou sua consciência histórica e cultural e promoveu maior engajamento em práticas antirracistas. Do ponto de vista docente, a experiência contribuiu para a construção de estratégias pedagógicas contextualizadas e para a valorização dos etnossaberes locais.

Palavras-chave: Etnoturismo. Ancestralidade Quilombola. Letramento Racial. Educação Escolar Quilombola. Práticas Antirracistas

O CURURU COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

Aparecida Maria dos Santos (SME-Poconé)
cidamaria77@outlook.com
Maria de Jesus Souza (SME-Poconé)
jesussouzam30@gmail.com
Maria Virgínia de Sales (SME-Poconé)
mariavirgini.sales@gmail.com
Laurice Domingas de Moura (SME-Poconé)
lauricedemoura@gmail.com

GT 6 ETNOLETRAMENTO

RESUMO: Este relato de experiência apresenta a implantação de um projeto pedagógico desenvolvido na Escola Municipal Nossa Senhora Aparecida – Anexo Cangas, com o objetivo de aproximar o currículo escolar dos saberes tradicionais da comunidade local. A proposta teve como foco o cururu, expressão musical e poética característica do Mato Grosso, compreendida como etnossaber e ferramenta educativa capaz de fortalecer a identidade cultural dos estudantes e os vínculos entre escola e comunidade. O projeto foi direcionado aos estudantes do Ensino Fundamental I e buscou desenvolver habilidades de expressão oral, escrita e produção criativa, reconhecendo os cururueiros da comunidade como detentores de saberes ancestrais e educadores legítimos. A metodologia adotada fundamentou-se em uma abordagem participativa e dialógica, inspirada na perspectiva freireana de educação como prática de liberdade, que valoriza os saberes dos sujeitos e o diálogo como princípios do processo educativo (Freire, 1996). O trabalho foi organizado em três etapas complementares. A primeira consistiu em uma pesquisa na comunidade, por meio de rodas de conversa com moradores e cururueiros mais antigos, visando mapear memórias, histórias e práticas relacionadas ao cururu. Na segunda etapa, foram realizadas oficinas pedagógicas com os alunos, envolvendo apreciação musical, construção de instrumentos rústicos, aulas de musicalização e composição de versos, compreendendo a cultura como dimensão formativa. Destacou-se, nesse processo, a participação de um cururueiro local, que compartilhou sua trajetória, ensinou técnicas de composição e estimulou reflexões a partir do cotidiano da comunidade. Essa experiência dialoga com Castilho (2011), ao afirmar que a valorização dos etnossaberes e das práticas culturais tradicionais no espaço escolar contribui para uma educação contextualizada, especialmente em territórios quilombolas e rurais, fortalecendo a identidade e o pertencimento dos estudantes. A culminância do projeto ocorreu com a realização de uma Roda de Cururu na escola, momento em que os estudantes apresentaram publicamente os versos produzidos, vivenciando dimensões estéticas, culturais e pedagógicas dessa tradição. O evento contou com a participação de famílias, comunidade escolar e cururueiros, ampliando o reconhecimento do cururu como patrimônio cultural e educativo. Os resultados evidenciaram elevado engajamento dos estudantes, ampliação das habilidades de oralidade e escrita e fortalecimento do sentimento de pertencimento e orgulho em relação à identidade cultural local. Conclui-se que a inserção dos etnossaberes nas práticas escolares torna a aprendizagem mais significativa e reafirma a escola como espaço de valorização cultural, resistência e produção de conhecimentos plurais.

Palavras-chave: Etnossaberes. Cultura Popular. Cururu. Educação Escolar Quilombola



SemiEdu 2025
VII ENCONTRO DE EDUCAÇÃO
ESCOLAR QUILOMBOLA

Confluências entre saberes
quilombolas, indígenas, camponeses
e acadêmicos na construção de
educações decoloniais

GT 7 POLÍTICAS PÚBLICAS PARA OS POVOS QUILOMBOLAS

ORGANIZAÇÃO

ISSN 2764 - 5894



ESCOLAS ESTADUAIS QUILOMBOLAS
DE MT

E.E.Q. VERENA LEITE DE BRITO
E.E.Q. TEREZA CONCEIÇÃO ARRUDA
E.E.Q. MARIA DE ARRUDA MULLER
E.E.Q. REUNIDAS DE CACHOEIRA RICA
E.E.Q. JOSÉ MARIANO BENTO

A PARTICIPAÇÃO DO ACERVO QUILOMBOLA DO CENTRO DE PESQUISA E MUSEU DE HUMANIDADES ALAIDE MONTECCHI NO VI ENCONTRO DE EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA

José Antônio Finardi (UNEMAT- Acervo Quilombola)
finardi@unemat.br

Antonio Eustaquio Moura (UNEMAT-Acervo Quilombola)
eustaquiodemoura@yahoo.com.br

GT 7 POLÍTICAS PÚBLICAS PARA OS POVOS QUILOMBOLAS

RESUMO: O objetivo desse trabalho é apresentar as ações realizadas pelos professores Jose Antonio Finardi e Antonio Eustaquio de Moura, membros do Acervo Quilombola do Museu de Humanidades Alaide Montecchi (MHAM), da Unemat (Universidade do Estado de Mato Grosso) no VI Encontro de Educação Escolar Quilombola, realizado na Escola Estadual Quilombola José Mariano Bento - Comunidade São José do Baixio/Vão Grande, Barra do Bugres-MT, de 19 a 20 de setembro 2024. O Acervo Quilombola é constituído de documentos, livros, textos, monografias, dissertações, teses, fotografias, vídeos, filmes, documentos, reportagens, materiais de pesquisa como questionários, formulários, entrevistas, projetos e relatórios de pesquisa, etc.) sobre as comunidades negras rurais e comunidades remanescentes de quilombos mato- grossense, armazenados de forma física ou digital . No evento, em roda de conversa, relatamos como foi construído o Acervo Quilombola, seu conteúdo e objetivos, posteriormente, fizemos uma exposição de fotografias do acervo, na forma de Varal de Fotografias, com o objetivo de apresentar o Acervo Quilombola e a diversidade existente dentro e entre as comunidades quilombolas mato-grossenses, com enfoque no meio ambiente, moradia, atividades agropecuárias, festas, religiosidade, fenótipo de seus moradores/as. Os principais autores que influenciam teoricamente as ações do Acervo Quilombola do MHAM são: Abreu (2015), Areias, Moura (2021), Cunha (2012), Moura (2009), Pollack (1989; 1992), Poutignat, Streiff-Fenart (1998), Reis, Gomes (1996), Sansone (2012). Consideramos que nossa participação serviu para estreitar laços com o GEPEQ (Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Escolar Quilombola) e com as/os profissionais de educação que atuam nas escolas quilombolas, o que pode redundar em outras atividades e parcerias. Serviu também para reencontramos pessoas das comunidades que não víamos a mais de 10 anos. Constatamos que o número de pessoas as visitando a exposição foi menor do que o esperado, apesar da alegria e surpresa de alguns participantes ao ver fotos antigas de suas comunidades ou parentes. Pretendemos em eventos semelhantes aumentar o público da exposição de fotos realizando a exposição durante todo o evento e fazendo atividades relacionadas à mesma.

Palavras-chave: Relato de Experiência. Acervo Quilombola. Encontro de Educação Escolar Quilombola

EDUCAÇÃO QUILOMBOLA E OS DIREITOS HUMANOS ADQUIRIDOS PELA CONSTITUIÇÃO DE 1988

Paulo Alexandre Pereira Sena (UNIFIEO)

senaconsultadv@gmail.com

Soenil Clarinda de Sales (SEDUC/GEPEQ-UFMT)

soehsales@gmail.com

Patrícia Costa Bello (UNIFIEO)

patriciacostabello@hotmail.com

GT 7 POLÍTICAS PÚBLICAS PARA OS POVOS QUILOMBOLAS

RESUMO: A Constituição Federal de 1988 representou um marco para o reconhecimento dos direitos humanos e educacionais de povos indígenas e comunidades quilombolas no Brasil. Embora historicamente marginalizados, esses grupos conquistaram garantias jurídicas fundamentais ligadas à terra, à cultura, à autodeterminação e ao acesso à educação. Entretanto, persistem desafios quando se observa que muitas legislações, incluindo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), não contemplam plenamente as especificidades socioculturais dessas populações. O imaginário social, influenciado por concepções coloniais e narrativas simplificadas sobre indígenas e quilombolas, ainda contribui para invisibilizar suas lutas, identidades e direitos constitucionais. Nesse contexto, compreender os fundamentos legais e teóricos que sustentam tais direitos torna-se essencial para o fortalecimento de práticas educativas e institucionais comprometidas com a justiça social. O objetivo deste trabalho é ampliar a compreensão acerca dos direitos educacionais e territoriais assegurados às comunidades quilombolas e povos originários pela Constituição de 1988, analisando seu alcance, suas lacunas e os desafios ainda presentes na efetivação dessas garantias. Busca-se evidenciar como a legislação reconhece a diversidade cultural, a autodeterminação e o direito à educação contextualizada, bem como demonstrar a importância do debate jurídico, antropológico e histórico para consolidar esses direitos na prática. A metodologia consiste em revisão bibliográfica e análise documental de dispositivos constitucionais, normas internacionais, interpretações doutrinárias e decisões judiciais. Foram examinados o artigo 231 da Constituição, os princípios da dignidade humana, da igualdade e da não discriminação, além de tratados como a Convenção 169 da OIT. Também foram analisados estudos antropológicos e históricos que fundamentam o reconhecimento dos direitos originários, bem como registros da hermenêutica constitucional aplicada a casos concretos envolvendo povos indígenas e quilombolas. O estudo fundamenta-se em Marilena Chauí, ao discutir mitos fundadores e narrativas sobre povos indígenas; Manuela Carneiro da Cunha, que evidencia a força dos saberes tradicionais; e juristas como Norberto Bobbio, Miguel Reale e Maria Helena Diniz, essenciais para compreender os direitos fundamentais. Decisões do Supremo Tribunal Federal e da Corte Interamericana de Direitos Humanos reforçam direitos originários e territoriais. Conclui-se que apesar dos avanços da Constituição de 1988, persistem disputas, omissões estatais e distanciamentos entre norma e realidade. A hermenêutica constitucional contemporânea, contudo, avança no reconhecimento da diversidade cultural e da dignidade humana.

Palavras-chave: Educação Quilombola. Direitos Humanos. Povos Originários. Territorialidade

DO QUILOMBO À UNIVERSIDADE: A LUTA QUILOMBOLA E A CONQUISTA DO PROINQ/UFMT

Maria Lourenço Davina da Costa(GEPEQ/SEDUC)
maria.davina@edu.mt.gov.br

Maria Helena Tavares Dias (GEPEQ/SEDUC)
lenabbu15@gmail.com

Nelyza Bento Inocencio (SMEC/JMB)
neyzainocencio44@gmail.com

Leila Maria de Campos(SMEC/JMB)
leilamariadecampos@gmail.com

GT 7 POLÍTICAS PÚBLICAS PARA OS POVOS QUILOMBOLAS

RESUMO: O acesso ao ensino superior configura-se como uma das principais ferramentas de ascensão social e de efetivação de direitos fundamentais, especialmente para populações historicamente marginalizadas. No caso das comunidades quilombolas, essa trajetória é marcada por desafios estruturais que vão desde a limitação do acesso a uma educação básica de qualidade até a invisibilidade nos espaços acadêmicos (Santos, 2019). Nesse contexto, o Programa de Inclusão Quilombola (PROINQ), instituído pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), não se restringe a uma política de cotas, mas representa um marco histórico, fruto de uma longa e persistente luta por reconhecimento, justiça social e equidade (Moura, 2020). Metodologicamente, a presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, fundamentada no método etnográfico. Para a geração de dados, foram utilizadas a pesquisa bibliográfica, a realização de entrevistas e a pesquisa de campo. O aporte teórico ancora-se em autores como Castilho (2011), Munanga (2004) e Gomes (2017), que problematizam o acesso de populações negras e quilombolas à educação e a construção de políticas afirmativas no Brasil. Os resultados parciais indicam que a implementação do PROINQ, ao disponibilizar 145 vagas anuais ao longo de uma década, possibilitou o ingresso de centenas de estudantes quilombolas na UFMT. Entretanto, as entrevistas realizadas revelam desafios significativos para a permanência no ensino superior, tais como dificuldades financeiras, barreiras institucionais e situações de preconceito dentro do ambiente acadêmico. Esse cenário evidencia que a luta por uma educação mais inclusiva e equitativa permanece em curso e exige a ampliação das políticas de apoio estudantil, de modo a assegurar não apenas o ingresso, mas também a permanência e a conclusão dos cursos, bem como o fortalecimento dos vínculos com as comunidades de origem. A conquista representada pelo PROINQ na UFMT constitui-se, assim, em um poderoso lembrete de que a educação, quando construída de forma dialógica e em parceria com a sociedade, possui o potencial de transformar realidades e de honrar a história e a resistência do povo quilombola.

Palavras-chave: Educação superior. Quilombo. Políticas Afirmativas. Inclusão Social

ESCOLA ESTADUAL QUILOMBOLA TEREZA CONCEIÇÃO DE ARRUDA: POSSIBILIDADES E DESAFIOS COMO ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL

Elizabeth Maria Miguel (E.E.Q Tereza Conceição de Arruda)
behtmm@gmail.com

GT 7 POLÍTICAS PÚBLICAS PARA OS POVOS QUILOMBOLAS

RESUMO: A Educação Escolar Quilombola, reconhecida como modalidade específica de ensino pela Resolução nº 08/2012, representa uma conquista histórica das comunidades quilombolas, mas também impõe desafios à efetivação de práticas pedagógicas que valorizem seus saberes e modos de vida. Nesse contexto, a Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição de Arruda, localizada no Quilombo Mata Cavallo, em Nossa Senhora do Livramento (MT), tornou-se referência ao vivenciar o processo de implantação do Programa de Educação em Tempo Integral em 2023. Este trabalho tem como objetivo apresentar a experiência da escola no primeiro ano de implantação do tempo integral, destacando os desafios e avanços na articulação entre o currículo oficial e os saberes quilombolas. A experiência foi desenvolvida com a participação da equipe gestora, professores e estudantes da Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição de Arruda, envolvendo também a comunidade local, lideranças e anciãos do território. A metodologia utilizada foi qualitativa e descritiva, baseada em observações diretas, registros institucionais e reflexões coletivas da equipe pedagógica, articuladas à análise da dissertação de Santana (2019), que discute as práticas educativas quilombolas no território de Mata Cavallo. O referencial teórico fundamenta-se em Santana (2019) e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (BRASIL, 2012), dialogando com concepções de educação antirracista, interdisciplinar e territorializada. Os resultados apontam que a ampliação da jornada escolar permitiu integrar atividades culturais, agrícolas e artísticas, fortalecendo o sentimento de pertencimento e identidade quilombola entre os estudantes. Entretanto, persistem desafios relacionados à infraestrutura, à formação docente específica e à necessidade de políticas públicas adequadas ao contexto quilombola. A experiência reafirma a importância de um tempo integral que não apenas estenda o período escolar, mas ressignifique o espaço educativo como território de resistência e valorização cultural.

Palavras-chave: Educação Quilombola. Tempo Integral. Mata Cavallo. Currículo

FECHAMENTO DE ESCOLAS EM COMUNIDADES RURAIS: DESAFIOS

Cláudia Rosa Moreira Souza (EEPF/SEDUC)

claudia.moreira@edu.mt.gov.br

Maria Helena Tavares Dias (GEPEQ/EEQJMB/SEDUC)

lenabbu15@gmail.com

Plinio Olderi Carvalho (EMEBPAMC)

pliniocarvalhotga@gmail.com

Osenil Soares da Silva Bueno (EMEBPAMC)

osenil123tga@gmail.com

GT 7 POLÍTICAS PÚBLICAS PARA OS POVOS QUILOMBOLAS

RESUMO: O fechamento de escolas em comunidades rurais tem se intensificado nas últimas décadas, impulsionado por políticas de reorganização da rede escolar, redução de custos e busca por maior eficiência administrativa. Contudo, essa prática tem gerado consequências significativas para o direito à educação, para a vida comunitária e para a permanência das famílias no campo. Este estudo tem como objetivo analisar os impactos sociais, culturais e educacionais decorrentes do fechamento de escolas rurais, com ênfase nas transformações provocadas na dinâmica das comunidades afetadas. A pesquisa adota abordagem qualitativa, de caráter descritivo e analítico, fundamentada em autores como Arroyo (2012), Caldart (2004) e Molina (2017), que discutem a educação do campo e a importância da escola como espaço de resistência, identidade e pertencimento. A geração de dados foi realizada por meio de entrevistas com famílias, educadores e lideranças comunitárias, além da análise documental de políticas públicas relacionadas à educação rural. Os resultados evidenciam que o fechamento das escolas em comunidades rurais provoca o enfraquecimento das relações comunitárias, o aumento do êxodo rural, a desvalorização dos saberes locais e a ruptura no processo de socialização das crianças. A transferência dos estudantes para escolas urbanas ou mais distantes impõe longos deslocamentos, cansaço e evasão escolar, afetando diretamente o vínculo entre escola e território. Conclui-se que a manutenção das escolas rurais é essencial para a garantia do direito à educação contextualizada, para a preservação cultural e para o fortalecimento das comunidades camponesas. Defende-se a necessidade de políticas públicas que assegurem o funcionamento e a valorização das escolas do campo como espaços de vida, cultura e resistência.

Palavras-chave: Fechamento de Escolas. Políticas Educacionais. Direito à Educação

OS IMPACTOS DO FECHAMENTO DA ESCOLA JOSÉ MARIANO BENTO

Joacil J. Costa (GEPEQ-UFMT)

joaciljorge98@gmail.com

Maria Helena Tavares Dias (GEPEQ-UFMT/EEQJMB/SEDUC)

lenabbu15@gmail.com

Francisca E. B. A. Carvalho (GEPEQ-UFMT/SEDUC)

edilzaandradetga@gmail.com

Suely Dulce de Castilho (PPGE-GEPEQ/UFMT)

castilho.suely@gmail.com

GT 7 POLÍTICAS PÚBLICAS PARA OS POVOS QUILOMBOLAS

RESUMO: A escola quilombola, enquanto espaço de resistência cultural e de promoção da identidade comunitária, desempenha papel essencial na garantia do direito à educação em territórios historicamente marginalizados. No Território Quilombola Vão Grande, o fechamento administrativo da Escola Estadual Quilombola José Mariano Bento e sua transformação em extensão de outra escola rural ocasionaram mudanças significativas na dinâmica escolar. Embora os estudantes permaneçam no mesmo prédio, a ausência de equipe gestora própria: diretor, coordenador pedagógico e secretário tem produzido impactos no funcionamento institucional e na autonomia comunitária. O objetivo deste estudo é analisar as consequências pedagógicas, organizacionais e identitárias da reconfiguração da escola quilombola em extensão. A metodologia é qualitativa, fundamentada em observações de campo, análise de registros escolares e entrevistas com professores, estudantes e famílias. O referencial teórico apoia-se em Arroyo (2012), que discute a educação do campo e suas especificidades; Gomes (2017), que reflete sobre a importância das relações étnico-raciais no contexto educacional; e Castilho (2018), que ressalta o papel da escola na preservação da ancestralidade e na resistência cultural. Os resultados apontam que a ausência de gestão escolar própria compromete a autonomia administrativa e pedagógica, enfraquece a identidade quilombola no espaço educativo e dificulta a implementação de projetos específicos da comunidade. Além disso, a vinculação como extensão limita o protagonismo dos sujeitos locais na condução do processo educativo. Conclui-se que a manutenção de escolas quilombolas autônomas é fundamental para assegurar o direito à educação contextualizada e fortalecer a identidade cultural das comunidades.

Palavras-chave: Educação Quilombola. Autonomia Escolar. Identidade Comunitária

RESSIGNIFICANDO O PPP DA ESCOLA MUNICIPAL NOSSA SENHORA APARECIDA

Jusiane Luiza de Lima (SME-Poconé)

juslima93@gmail.com

Carmelina Francisca de Pinho (SME-Poconé)

pinhocarmelina2@gmail.com

GT 7 POLÍTICAS PÚBLICAS PARA OS POVOS QUILOMBOLAS

RESUMO: Este estudo aborda a importância de re-significar o Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Municipal Nossa Senhora Aparecida. O PPP não deve ser visto apenas como um documento burocrático, mas como um guia vivo e participativo, que reflete a realidade e os anseios da comunidade escolar. O objetivo é transformar o documento em uma ferramenta dinâmica para a melhoria contínua do ensino e da aprendizagem, garantindo que ele seja construído de forma colaborativa e que represente a identidade da escola. A intenção é que o novo documento sirva como um roteiro para a prática pedagógica, alinhado às necessidades dos alunos, professores, pais e da comunidade, promovendo uma educação mais inclusiva, relevante e de qualidade. Para re-significar o PPP foi utilizada a pesquisa-ação, com uma abordagem qualitativa. O processo envolveu a participação ativa de toda a comunidade escolar. Foram realizadas oficinas, rodas de conversa e reuniões para coletar sugestões e discutir os principais desafios e metas da escola. Essa abordagem colaborativa permitiu que o novo PPP fosse construído com base nas experiências e nos conhecimentos de todos os envolvidos, garantindo que o documento final fosse autêntico e representativo. Além disso, o processo de reelaboração do PPP possibilitou refletir sobre a função social da escola quilombola e sobre o papel de seus sujeitos históricos na construção de uma educação libertadora. O documento passou a incorporar práticas pedagógicas que valorizam a ancestralidade, os saberes comunitários e a diversidade cultural, em sintonia com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (2012). Essa ressignificação rompe com a lógica tradicional, muitas vezes centrada em padrões homogêneos e distantes da realidade local, e abre espaço para a decolonialidade e para uma pedagogia do pertencimento. Ao assumir a identidade da comunidade do Quilombo do Chumbo, o PPP torna-se não apenas um instrumento de gestão, mas um projeto político de afirmação, resistência e emancipação. Teoricamente, este trabalho está subsidiado por Libâneo (2015), Veiga (2007), Freire (1996), Munanga (2005), dentre outros. Como resultado apresentamos um PPP ressignificado e alinhado com a realidade da Escola Municipal Nossa Senhora Aparecida-Quilombo do Chumbo. O processo participativo fortaleceu os laços entre a comunidade escolar e incentivou a corresponsabilidade pela educação e o PPP, serve como um guia prático para a tomada de decisões, refletindo um projeto educacional vivo, flexível e focado na formação integral dos estudantes.

Palavras-chave: Projeto Político Pedagógico-P.P.P. Decolonialidade. Participação Comunitária. Educação Escolar Quilombola

TRANSPORTE ESCOLAR E SEUS DESAFIOS

Osenil Soares da Silva Bueno(EMEBPAMC)
osenil123tga@gmail.com

Maria Helena Tavares Dias (GEPEQ/SEDUC)
lenabbu15@gmail.com

Plinio Olderi Carvalho (EMEBPAMC)
pliniocarvalhotga@gmail.com

Werica Mirlen Duarte Silva (PPGECM-UNEMAT)
wericamirlenduarte@gmail.com

GT 7 POLÍTICAS PÚBLICAS PARA OS POVOS QUILOMBOLAS

RESUMO: A realidade do transporte escolar em comunidades quilombolas representa um desafio recorrente para a efetivação do direito à educação, especialmente em territórios rurais de difícil acesso. No Território Quilombola Vão Grande-MT, a precariedade do transporte escolar compromete a permanência dos estudantes na escola e, conseqüentemente, o processo de aprendizagem. O objetivo deste estudo é analisar a situação do transporte escolar que atende os estudantes do referido território, destacando suas implicações para a garantia da educação básica. A pesquisa adota metodologia qualitativa, fundamentada em observação de campo, registros documentais da escola e entrevistas semiestruturadas com estudantes, familiares e docentes. O referencial teórico baseia-se em Castilho (2018), que discute a resistência cultural e o papel da educação nos quilombos; Gomes (2017), que problematiza a educação das relações étnico-raciais; e Arroyo (2012), que reflete sobre as especificidades da educação no campo e suas políticas públicas. Os resultados indicam que a escassez de veículos adequados, a má conservação das estradas e a irregularidade no serviço de transporte prejudicam a frequência escolar, gerando evasão e atrasos no calendário letivo. Conclui-se que o transporte escolar, além de uma demanda logística, constitui um direito social indispensável à permanência e ao sucesso escolar dos estudantes quilombolas. A ausência de políticas públicas eficazes nesse aspecto perpetua desigualdades e ameaça a efetividade da educação como instrumento de emancipação.

Palavras-chave: Quilombo. Transporte Escolar. Direito à Educação



AGRADECIMENTOS

O VII Encontro da Educação Escolar Quilombola, realizado no período de 26 a 28 de novembro de 2025, constituiu-se como um espaço de encontro, diálogo e construção coletiva de saberes, orientado pela temática “*Confluências entre saberes quilombolas, indígenas, camponeses e acadêmicos na construção de educações decoloniais*”. Sua realização, em confluência com o SemiEdu 2025, representou um expressivo desafio organizativo e institucional, exigindo articulação entre diferentes sujeitos, instâncias e tempos. Essa confluência fortaleceu o sentido político, acadêmico e epistemológico do evento, ampliando seus alcances e potencializando os diálogos interculturais.

A escolha da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) como espaço de realização do encontro carrega um profundo significado histórico, simbólico e político, especialmente para as comunidades quilombolas. Para muitas professoras, professores, estudantes e lideranças quilombolas bem como indígenas e camponesas ocupar a universidade pública significou romper com barreiras historicamente impostas pelo racismo estrutural, pelas desigualdades sociais e pelas exclusões territoriais. Estar na UFMT foi, para muitos participantes quilombolas, uma experiência marcada pela esperança, pelo reconhecimento e pelo fortalecimento do sentimento de pertencimento, possibilitando o acesso a um espaço que, por muito tempo, foi considerado distante. As narrativas compartilhadas ao longo do encontro revelaram gratidão pela oportunidade de conhecer a universidade e, simultaneamente, o despertar do desejo de nela estar, permanecer e produzir conhecimento.



ESCOLAS ESTADUAIS QUILOMBOLAS
DE MT

E.E.Q. VERENA LEITE DE BRITO
E.E.Q. TEREZA CONCEIÇÃO ARRUDA
E.E.Q. MARIA DE ARRUDA MULLER
E.E.Q. REUNIDAS DE CACHOEIRA RICA
E.E.Q. JOSÉ MARIANO BENTO



A temática central do evento orientou debates que valorizaram a confluência entre diferentes sistemas de conhecimento, reconhecendo, de modo prioritário, os saberes quilombolas como epistemologias legítimas, históricas e vivas, em diálogo com os saberes indígenas, camponeses e acadêmicos. A perspectiva decolonial atravessou mesas, conferências, rodas de conversa e práticas formativas, reafirmando o compromisso com a superação de epistemologias hegemônicas e com a construção de projetos educativos comprometidos com os territórios, as identidades coletivas, os modos próprios de existência e as lutas históricas dos povos quilombolas.

O VII Encontro de Educação Escolar Quilombola contou com a participação de autoridades acadêmicas, educacionais, institucionais e comunitárias, cuja presença e contribuição fortaleceram o diálogo interinstitucional entre universidade, escolas e comunidades. Essa pluralidade de vozes reafirmou a centralidade da escuta sensível, do respeito às diferenças e da construção coletiva de políticas educacionais ancoradas nas realidades, saberes e demandas dos povos quilombolas, sem desconsiderar as contribuições dos povos indígenas e camponeses que dialogam e caminham conjuntamente nessa luta.

Registramos nosso sincero agradecimento a todas e todos os envolvidos na organização e realização do encontro comissões organizadoras e científicas, colaboradoras e colaboradores, palestrantes, mediadores, equipes técnicas e de apoio, professoras, professores, estudantes e instituições parceiras. Cada contribuição foi fundamental para a consolidação deste espaço formativo, político e acadêmico, construído a muitas mãos. De modo especial, expressamos nosso reconhecimento e gratidão aos povos e comunidades quilombolas, sujeitos centrais e razão primeira deste encontro. Que as confluências construídas nesses dias sigam reverberando no fortalecimento da Educação Escolar Quilombola, na afirmação das identidades coletivas, na defesa dos territórios e na ampliação do acesso, da permanência e da produção de conhecimento na universidade pública, em diálogo solidário com os povos indígenas e camponeses.



ESCOLAS ESTADUAIS QUILOMBOLAS
DE MT

E.E.Q. VERENA LEITE DE BRITO
E.E.Q. TEREZA CONCEIÇÃO ARRUDA
E.E.Q. MARIA DE ARRUDA MULLER
E.E.Q. REUNIDAS DE CACHOEIRA RICA
E.E.Q. JOSÉ MARIANO BENTO



SemiEdu 2025
VII ENCONTRO DE EDUCAÇÃO
ESCOLAR QUILOMBOLA

Confluências entre saberes
quilombolas, indígenas, camponeses
e acadêmicos na construção de
educações decoloniais

VII ENCONTRO DE EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA - 2025

ISSN 2764 – 5894

ORGANIZAÇÃO



PARCEIROS

ESCOLAS ESTADUAIS DO CAMPO

Escola Estadual do Campo Dom Francisco
de Aquino Correa

Escola Estadual do Campo Antônio Garcia

ESCOLAS MUNICIPAIS DE POCONÉ

Escola Municipal Nossa Senhora Aparecida
do Chumbo

Escola Municipal Antônio Maria de
Almeida

INSTITUTO FEDERAL DE MT-IFMT





SemiEdu 2025
VII ENCONTRO DE EDUCAÇÃO
ESCOLAR QUILOMBOLA

Confluências entre saberes
quilombolas, indígenas, camponeses
e acadêmicos na construção de
educações decoloniais

ANEXO – CARTA ABERTA DA PLENÁRIA FINAL DO VII ENCONTRO DE EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA 2025



ESCOLAS ESTADUAIS QUILOMBOLAS
DE MT

E.E.Q. VERENA LEITE DE BRITO
E.E.Q. TEREZA CONCEIÇÃO ARRUDA
E.E.Q. MARIA DE ARRUDA MULLER
E.E.Q. REUNIDAS DE CACHOEIRA RICA
E.E.Q. JOSÉ MARIANO BENTO

CARTA ABERTA DA PLENÁRIA FINAL DO VII ENCONTRO DE EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA/MT À SOCIEDADE MATO-GROSSENSE E ÀS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS FEDERAIS, MUNICIPAIS E ESTADUAIS

Cuiabá, 28 de novembro de 2025

O VII Encontro de Educação Escolar Quilombola é um evento organizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Quilombola (GEPEQ), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), sob a coordenação da Profa. Dra. Suely Dulce de Castilho, como atividade de extensão universitária, em parceria com as Escolas Quilombolas do Estado de Mato Grosso. É um evento que ocorre em territórios quilombolas. A cada ano, de acordo com decisão da plenária final do evento em vigor, é realizado em uma determinada comunidade/escola. Sendo historicamente um evento itinerante que percorre o chão das comunidades, neste ano de 2025 foi a Universidade Federal de Mato Grosso, campus Cuiabá, o território eleito para sediar e acolher este grande encontro, em uma inédita confluência com o 33º Seminário de Educação (SemiEdu).

Participaram ativamente na organização e efetivação do VII Encontro as seguintes Escolas Estaduais Quilombolas do Estado de Mato Grosso: Escola Estadual Quilombola Maria de Arruda Muller/Abolição/Município de Santo Antônio do Leverger/MT; Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição de Arruda/Mata-Cavalo/Nossa Senhora do Livramento/MT; Escola Estadual José Mariano Bento/Baixio/Vão Grande/Barra do Bugres/MT; Escola Estadual Quilombola Reunidas Cachoeira Rica/Chapada dos Guimarães/MT; Escola Municipal Nossa Senhora Aparecida/Comunidade Chumbo/Poconé/MT; Escola Municipal Antônio Maria de Almeida/São Benedito/Poconé-MT; Escola Estadual do Campo Dom Francisco/Distrito de Cangas/Poconé/MT; e Escola Estadual do Campo Antônio Garcia/Distrito 120/Poconé/MT.

Em termos de participação da mesa de abertura, atuou como anfitriã, a Coordenadora Geral do evento, Profa. Dra. Suely Dulce de Castilho (PPGE-GEPEQ/UFMT). No âmbito acadêmico e institucional, fizeram-se presentes a Reitoria da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), o Instituto de Educação, a Fundação Uniselva e as Pró-Reitorias de Ensino e Pós-Graduação, somando-se também a representação do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT). As instâncias do Poder Judiciário e Executivo estiveram representadas pelo Tribunal de Justiça de Mato Grosso (TJMT), pela Secretaria de Estado de Educação (SEDUC-MT) por meio de suas Superintendências e Coordenadorias de Equidade, Inclusão, Educação do

ORGANIZAÇÃO



Campo, Indígena e das Relações Étnico-Raciais, bem como pelo Poder Executivo Municipal de Poconé e pelas Secretarias Municipais de Educação e Cultura de Poconé e Nossa Senhora do Livramento.

O dispositivo de honra garantiu, sobretudo, o espaço de voz e protagonismo aos movimentos sociais, sindicais e tradicionais. Participaram ativamente representantes do Sindicato dos Trabalhadores da UFMT (SINTUF-MT), da Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos (CONAQ - Estadual), do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), da Comissão Pastoral da Terra (CPT), do Grupo de União e Consciência Negra (GRUCON) e do Conselho Estadual de Educação Escolar Indígena. A ancestralidade e a gestão democrática do chão da escola foram honradas pela presença dos Mestres e Mestras dos Saberes Tradicionais, lideranças das Associações Quilombolas, gestores, diretores e coordenadores pedagógicos das Escolas Estaduais Quilombolas e do Campo, encerrando-se com a representação do movimento estudantil universitário (DCE) e estudantes da Educação Escolar Quilombola.

O encontro tem como objetivo principal discutir a materialidade das políticas públicas educacionais voltadas para as comunidades escolares quilombolas, visando a solidificação da parte diversificada do currículo, assentada nas culturas, nas identidades, nas histórias, nas lutas, na territorialidade, nas cosmovisões e nos saberes e fazeres quilombolas. Os objetivos específicos incluem:

- **Fomentar** o compartilhamento de experiências pedagógicas exitosas no campo da educação quilombola, a partir da abordagem dos etnossaberes e de uma pedagogia anticolonial e antirracista;
- **Promover** a socialização de pesquisas acadêmico-científicas que discutam a Educação Escolar Quilombola em suas diversas perspectivas;
- **Proporcionar** aos docentes das escolas quilombolas espaços de formação continuada e trocas de experiências;
- **Oferecer** espaço de diálogo entre instituições de formação, movimentos sociais e o poder público a respeito das políticas públicas em desenvolvimento ou a serem reivindicadas.

Esta trajetória de luta e resistência educacional iniciou-se com as duas primeiras edições nos anos de 2018 e 2019, acolhidas no território histórico da Comunidade Mata Cavalo, na Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição Arruda. Em 2021, reafirmando o compromisso com a vida durante a pandemia de Covid-19, a III edição ocorreu em formato virtual, debatendo as perspectivas e desafios do ensino remoto. O retorno ao chão do quilombo marcou o IV Encontro, em 2022, realizado na Escola Estadual Quilombola Maria de Arruda

ORGANIZAÇÃO



Muller (Comunidade Quilombola Abolição), celebrando os dez anos das Diretrizes Curriculares Nacionais. A expansão do movimento seguiu em 2023 com o V Encontro na Escola Estadual Quilombola Verena Leite de Brito (Vila Bela da Santíssima Trindade), discutindo a reconstrução das políticas nacionais, e em 2024 com o VI Encontro na Escola Estadual Quilombola José Mariano Bento (Barra do Bugres), focado nas identidades e práticas culturais.

Em 2025, o VII Encontro da Educação Escolar Quilombola ganha centralidade política ao ocorrer em confluência com o 33º Seminário de Educação (SEMIEDU), ocupando o campus da UFMT, em Cuiabá. Nesta edição, ambos os eventos se articulam em torno do tema “Confluências entre saberes quilombolas, indígenas, camponeses e acadêmicos na construção de educações decoloniais”, evidenciando um movimento de fortalecimento das epistemologias que emergem dos territórios tradicionais e dos espaços de resistência.

A realização conjunta simboliza que os saberes ancestrais não estão à margem, mas ocupam o centro do debate acadêmico, afirmando sua legitimidade na produção de conhecimento e na formulação de políticas educacionais. Ao reunir pesquisadores, mestres dos saberes, lideranças comunitárias e educadores em um único território de diálogo e reivindicação, o evento reafirma que a construção de educações decoloniais nasce exatamente da intersecção entre experiências de vida, práticas comunitárias e reflexões teóricas comprometidas com justiça social, reconhecimento e pluralidade de vozes.

Ao longo das tardes de 27 e 28 de novembro, foram apresentados trabalhos de pesquisa desenvolvidos por pesquisadores(as), estudantes de mestrado e doutorado, além de relatos de experiências de docentes. Somaram-se a esse movimento as produções de estudantes do Ensino Médio, da Iniciação Científica e da Graduação, que, acompanhados por seus professores, também compartilharam investigações e práticas pedagógicas, enriquecendo o diálogo intergeracional e ampliando a diversidade das vozes presentes.

As apresentações foram organizadas em sete (07) Grupos de Trabalho: GT1- Ciências e saberes quilombolas; GT2- Etnolinguagem e suas tecnologias; GT3- Etnociências da natureza e suas tecnologias; GT4- Etnomatemática e suas tecnologias; GT5- Etnociências sociais e humanas e suas tecnologias; GT6- Etnoletramento; GT7- Políticas públicas para Educação e territórios quilombolas.

Essa distribuição permitiu evidenciar a amplitude e a profundidade das produções acadêmicas e comunitárias, fortalecendo a articulação entre pesquisas, práticas e saberes ancestrais. As pesquisas e relatos de experiências apresentados são, em sua maioria, de autoria de educadoras, educadores da Educação Básica Quilombola, juntos com estudantes quilombolas, os quais relatam as ações pedagógicas exitosas no campo do currículo específico

ORGANIZAÇÃO



e diferenciado do qual trata as políticas Curriculares Nacionais e Estaduais para as escolas do estado de Mato Grosso.

O presente documento consolida reivindicações de escolas, lideranças de comunidades quilombolas e pesquisadores(as) da temática presentes no evento. Cada demanda foi apresentada durante os Grupos de Trabalho (GTs) e mesas temáticas, sendo o documento lido e aprovado pela Assembleia Geral realizada na noite de 28 de novembro, no Teatro da UFMT. Como síntese dos debates, análises e denúncias construídas coletivamente nos Grupos de Trabalho, o VII Encontro deliberou pela produção da Carta Aberta destinada à sociedade e às instituições públicas. Essa Carta expressa as demandas históricas, educacionais e políticas das comunidades quilombolas, consolidando as vozes dos participantes em forma de reivindicação oficial.

O objetivo desta Carta Aberta à sociedade e às instituições de Mato Grosso é PUBLICIZAR, DENUNCIAR, QUESTIONAR e REIVINDICAR ações dos órgãos competentes na gestão das políticas públicas fundamentais para a efetivação da educação quilombola. Tais ações devem atender aos anseios das comunidades quilombolas no geral, e das comunidades escolares em particular; devem garantir a aplicação das legislações curriculares nacionais e estaduais, além de outras AÇÕES por parte dos agentes responsáveis pela educação escolar quilombola. As pautas abaixo foram levantadas e aprovadas coletivamente pelos participantes do evento:

- Que a SEDUC/MT e o Governo do Estado garantam a celeridade e a terminalidade das obras de construção da nova unidade escolar estadual no município de Vila Bela da Santíssima Trindade. E que esta nova unidade seja oficialmente reconhecida e constituída como Escola Estadual Quilombola, assegurando a efetivação e o respeito integral às legislações curriculares quilombolas.
- Que a SEDUC/MT fomente e destine recursos específicos, contínuos e finalísticos para a manutenção e valorização dos grupos culturais das escolas quilombolas e do campo. Solicita-se a ampliação e garantia de verbas destinadas à aquisição de indumentárias tradicionais, instrumentos, materiais pedagógicos e ao custeio de deslocamentos, de modo a assegurar a circulação das danças, práticas culturais e expressões artísticas entre diferentes territórios. Ressalta-se, ainda, a necessidade de fortalecimento e melhoria do financiamento de programas já existentes, como o Projeto Educarte, que desempenha papel fundamental no apoio às atividades artísticas e culturais desenvolvidas pelas escolas.
- Que a SEDUC/MT, assegure o pagamento de diárias aos docentes das escolas quilombolas para participação no Encontro de Educação Escolar Quilombola, reconhecendo

ORGANIZAÇÃO



a importância formativa, pedagógica e política desse espaço. Tal medida garante condições dignas de deslocamento, permanência e participação integral dos profissionais, valorizando o trabalho docente e fortalecendo o compromisso do Estado com a educação quilombola.

- Que a SEDUC/MT, amplie e garanta o financiamento para a participação de estudantes e grupos culturais quilombolas em eventos diversos, assegurando que as vivências pedagógicas, artísticas e culturais não se restrinjam apenas ao SemiEdu e encontros quilombola, mas se estendam a outros espaços de intercâmbio de saberes, formação e fortalecimento identitário. Tal investimento é essencial para promover a circulação dos conhecimentos quilombolas e ampliar o protagonismo estudantil em diferentes territórios.
- Que a SEDUC/MT, em articulação com a SECEL/MT e demais órgãos estaduais responsáveis pelas políticas de juventude, consolide políticas públicas de lazer nos territórios quilombolas, criando e fortalecendo ações permanentes voltadas ao atendimento, acolhimento e protagonismo da juventude quilombola. Tais políticas devem garantir acesso a práticas culturais, esportivas e recreativas que promovam bem-estar, identidade e pertencimento, respeitando as especificidades de cada comunidade.
- Que a SEDUC/MT, em parceria com as Prefeituras Municipais e suas Secretarias de Educação, garanta um sistema de transporte escolar adequado às especificidades geográficas e às necessidades de deslocamento de cada comunidade quilombola, assegurando o direito de ir e vir dos estudantes e moradores. Essa medida deve considerar as condições das estradas, as longas distâncias, os períodos sazonais e as particularidades de cada território, garantindo segurança, regularidade e dignidade no acesso à escola.
- Que a SEDUC/MT e a Prefeitura Municipal de Barra do Bugres garantam a realização de consulta prévia, livre e informada à Comunidade Quilombola de Vão Grande em todas as decisões referentes à organização, gestão e funcionamento da escola local. A comunidade reafirma que não aceita o fechamento da Escola Quilombola de Vão Grande, por se tratar de um direito assegurado pela Convenção 169 da OIT, pelas Diretrizes Curriculares Nacionais e pela legislação educacional que reconhece a escola quilombola como espaço essencial de identidade, pertencimento e continuidade cultural.
- Que a SEDUC/MT e a Prefeitura Municipal de Barra do Bugres garantam o retorno da Escola José Mariano Bento ao seu nome original, visto que sua transformação em escola anexa da Escola Julieta Xavier Borges ocorreu sem consulta prévia, livre e informada à comunidade, em violação à Convenção 169 da OIT (arts. 6º e 7º), ao Protocolo de Consulta da Comunidade Quilombola Baixio, e às normativas da Educação Escolar Quilombola que asseguram a existência e manutenção de escolas dentro dos territórios quilombolas. Ressalta-

se que a Resolução CNE/CEB nº 8/2012, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, determina que as escolas quilombolas devem estar situadas no território e sob gestão pedagógica alinhada às identidades e às práticas culturais da comunidade. Além disso, tais diretrizes definem a escola quilombola como espaço estratégico para a garantia da autonomia, da territorialidade, da memória e da continuidade cultural do grupo. Diante dessas violações, a comunidade solicita a imediata restituição do nome Escola José Mariano Bento, o respeito ao procedimento legal de consulta, e a garantia de que decisões sobre a organização, a gestão e o funcionamento da escola sejam tomadas com participação direta e consentimento da comunidade quilombola, conforme previsto pela legislação nacional e internacional.

- Que a SEDUC/MT, em articulação com a SEMA/MT e as Prefeituras Municipais envolvidas, assegure recursos e ações permanentes para a proteção, preservação e recuperação do Rio Jauquara, reconhecido como território de vida, memória e subsistência das comunidades quilombolas da região. Tal investimento deve contemplar iniciativas de educação ambiental, monitoramento, combate a práticas degradantes e fortalecimento das ações comunitárias de cuidado e manejo sustentável das águas.
- Que a SEDUC/MT garanta a construção de uma nova quadra poliesportiva coberta para a Escola Estadual Quilombola Reunidas de Cachoeira Rica, incluindo cobertura completa, arquibancada e banheiros, de modo a assegurar condições adequadas para a prática de atividades esportivas, culturais e pedagógicas. A comunidade reforça que tais estruturas são essenciais para a promoção da saúde, do lazer, da convivência comunitária e para o fortalecimento das identidades quilombolas no ambiente escolar.
- Que a Prefeitura Municipal de Chapada dos Guimarães, por meio da Secretaria Municipal de Educação, implemente a Matriz Curricular Quilombola nas escolas situadas no território da Comunidade Quilombola Cachoeira Rica, garantindo que o currículo escolar respeite e valorize as identidades, saberes, práticas culturais e especificidades históricas da comunidade. A Escola Estadual Quilombola Reunidas de Cachoeira Rica reforça que a adoção da matriz quilombola é uma exigência das Diretrizes Curriculares Nacionais e condição indispensável para a efetivação de uma educação específica, diferenciada e de caráter comunitário.
- Que a SEDUC/MT, em articulação com a Prefeitura Municipal de Chapada dos Guimarães, garanta transporte escolar próprio e exclusivo para as escolas quilombolas da Comunidade Cachoeira Rica, assegurando um serviço regular, seguro e adequado às condições territoriais e às necessidades dos estudantes. A Escola Estadual Quilombola

Reunidas de Cachoeira Rica reforça que o transporte específico é fundamental para garantir o direito à educação, a permanência escolar e a circulação segura dentro do território quilombola.

- Que a SEDUC/MT, em articulação com as Prefeituras Municipais e suas Secretarias de Educação, promova o alinhamento dos calendários escolares das redes estadual e municipal, de modo a viabilizar o transporte escolar de forma contínua, incluindo o atendimento no período noturno. Tal medida é fundamental para assegurar a permanência estudantil, garantir o direito de acesso à educação em diferentes turnos e evitar descompassos que comprometam a frequência e a aprendizagem dos estudantes quilombolas.
- Que a SEDUC/MT assegure o pleno respeito à modalidade da Educação Escolar Quilombola e à sua Matriz Curricular Específica, garantindo a organização pedagógica adequada às Diretrizes Curriculares Nacionais e posicionando-se contra a prática da multisseriação das turmas nas escolas quilombolas. As comunidades defendem que o funcionamento das escolas deve preservar a especificidade pedagógica, cultural e comunitária, assegurando condições dignas de ensino e aprendizagem aos estudantes quilombolas.
- Que o INCRA agilize o processo de titulação dos territórios quilombolas, condição fundamental para garantir segurança territorial, fortalecer o retorno das famílias às comunidades e assegurar a permanência dos estudantes nas escolas quilombolas.
- Que a SEDUC/MT amplie a carga horária dos componentes curriculares específicos da Educação Escolar Quilombola, incluindo Práticas Culturais e Artesanatos Quilombolas, Práticas Agrícolas Quilombolas e Práticas em Tecnologias Sociais Quilombolas, garantindo sua efetiva implementação no currículo e valorizando os saberes tradicionais das comunidades.
- Que as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação garantam a participação de Mestres e Mestras dos Saberes Tradicionais como ministrantes de aulas nas escolas quilombolas, assegurando sua remuneração adequada e o reconhecimento formal de seus conhecimentos no processo educativo.
- Que a SEDUC/MT garanta infraestrutura adequada às escolas quilombolas em tempo integral, incluindo banheiros, área de descanso, refeitório, biblioteca, laboratório de ciências e tecnologias, piscina, quadra poliesportiva e salas específicas para o ensino de ciências e saberes quilombolas, assegurando condições dignas para o desenvolvimento das atividades educativas.
- Que a SEDUC/MT cesse imediatamente qualquer processo de fechamento das escolas quilombolas, garantindo sua manutenção e fortalecimento como espaços essenciais de

identidade, pertencimento e continuidade cultural.

- Que a Comissão Organizadora do SEMIEDU adote, nas próximas edições, o formato propositivo para todas as mesas, garantindo tempo ampliado para o debate, de modo a favorecer discussões mais aprofundadas, críticas e participativas sobre os diversos temas abordados no evento. Tal medida fortalece a escuta qualificada, a construção coletiva de encaminhamentos e a circulação de diferentes perspectivas entre pesquisadores, estudantes, educadores e demais participantes.
- Que a SEDUC/MT e as Secretarias Municipais de Educação ofereçam formação continuada aos Técnicos Administrativos das escolas, com foco nas relações étnico-raciais e na Educação Escolar Quilombola, de modo a garantir o reconhecimento da importância da identificação adequada de estudantes e profissionais quilombolas e o fortalecimento de práticas antirracistas no cotidiano escolar.
- Que a SEDUC/MT e as Secretarias Municipais de Educação assegurem que a gestão das escolas quilombolas seja exercida, prioritariamente, por profissionais quilombolas, garantindo representatividade, respeito às especificidades culturais e fortalecimento da autonomia e identidade comunitária na condução das escolas.
- Que a Prefeitura Municipal de Poconé, a Secretaria Municipal de Educação e a SEDUC/MT construam parcerias efetivas para garantir a devolução da escola à Comunidade Quilombola São Benedito, assegurando que, após a conclusão da reforma, o espaço escolar retorne ao território e ao cuidado da própria comunidade. Ressalta-se que a presença da escola no quilombo é elemento central para o fortalecimento da identidade, da memória coletiva e do pertencimento das famílias, sendo, portanto, imprescindível que a gestão e o uso do prédio escolar permaneçam vinculados ao território quilombola.
- Que a Prefeitura Municipal de Poconé efetive o compromisso assumido pelo prefeito Jonas Eduardo Moraes, na abertura do evento, quando, com coragem, sensibilidade política e força de vontade, anunciou a construção de uma nova escola para a Comunidade Quilombola do Chumbo, composta por 16 salas de aula e desenvolvida em parceria com a SEDUC/MT. O prefeito também destacou que esta será a primeira escola quilombola e integral do município, um marco importante para a educação local. A concretização dessa promessa é fundamental para o fortalecimento da identidade, da cultura, da territorialidade e do sentimento de pertencimento da comunidade, garantindo uma estrutura escolar que respeite e valorize as especificidades da Educação Escolar Quilombola.
 - Deliberações: 1- O gestor da escola Estadual Quilombola Maria de Arruda Muller apresentou a proposta de sediar o VIII Encontro de Educação Quilombola nas suas

dependências. A proposta foi aceita pela coordenação e aprovada pela plenária.

- Deliberações: 2- Foi proposta pela coordenação e aceita pela plenária que as plenárias dos próximos encontros ocorram no período da manhã para garantir maior participação das comunidades escolares.
- Deliberações: 3- Fica deliberado que, no ano de 2026, será realizada uma reunião virtual com todos os gestores das escolas quilombolas, com a finalidade de decidir sobre a continuidade da realização dos Encontros na última semana de novembro.

Assim, concluímos esta Carta Aberta reafirmando que educação quilombola é território, luta e ancestralidade. Seguiremos caminhando na construção de práticas decoloniais que rompam com o apagamento histórico e fortaleçam os saberes tradicionais de nossas comunidades.

Assinam a carta,

Comunidade Quilombola Abolição
Comunidade Quilombola Mata Cavalo
Comunidade Quilombola Baixio / Vão Grande
Comunidade Quilombola Cachoeira Rica
Comunidade Quilombola do Chumbo
Comunidade Quilombola São Benedito
Lideranças e Associações Quilombolas de Mato Grosso
Escola Estadual Quilombola Maria de Arruda Muller (Abolição)
Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição de Arruda (Mata Cavalo)
Escola Estadual Quilombola Reunidas Cachoeira Rica
Escola Municipal Nossa Senhora Aparecida (Chumbo)
Escola Municipal Antônio Maria de Almeida (São Benedito)
Escola Estadual do Campo Dom Francisco de Aquino Corrêa (Distrito de Cangas)
Escola Estadual do Campo Antônio Garcia (Distrito 120)
Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Quilombola – GEPEQ/UFMT
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UFMT
Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT

ORGANIZAÇÃO